

Ontem à noite, em Alhandra

Comboio faz sétima vítima em passagem de nível sem guarda

A linha foi obstruída por populares até ao princípio da madrugada



Foi nesta passagem de nível que ontem ao fim da tarde ocorreu a tragédia

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e a Junta de Freguesia de Alhandra repudiaram esta manhã, em comunicado conjunto distribuído à população, o comportamento da CP perante os acontecimentos ocorridos durante a noite na Linha do Norte, que relatamos numa desenvolvida reportagem. O documento afirma que os responsáveis da CP (e o nosso repórter assistiu ao «diálogo» telefónico travado entre o presidente Raul Pedro e o eng.º Lopes da CP, do serviço de passagens de nível), pelo menos até meio da madrugada, «não manifestaram a menor boa vontade para com a população e não compareceram no local em que um comboio trucidou, pelas 19 horas de ontem, uma jovem mulher, enquanto a filha escapava à justa da morte.

Foi o sétimo acidente mortal na passagem de nível sem guarda e sem sinalização existente no centro de Alhandra e o terceiro dos últimos dezoito meses, desde que a junta de freguesia aí colocou gradeamentos de protecção.

Foi também solicitada à CP comparticipação para a construção de uma ponte desnivelada, mas ainda não houve resposta.

A revolta dos alhandrenses ante mais este acidente, impediu a circulação na Linha do Norte durante mais de sete horas, a que se seguiram cinco de «suspense» e pânico provocados por um telefonema das autodenominadas Forças Populares «25 de Abril» que afirmavam ter colocado três cargas explosivas entre as estações de Alhandra e Alverca. Pouco depois das 8 horas de hoje os comboios voltaram a circular.

Pág. 20

Câmara de Loures tomou posse

A Câmara de Loures voltou ontem à plena normalidade, decorrente do acto eleitoral de 11 de Outubro, com a tomada de posse do novo executivo municipal, liderado por Severino Falcão, da APU, a coligação mais votada. Mas os homens do PS recusaram-se a ouvir as palavras do presidente reeleito. Era um discurso pronunciado num salão a transbordar que continha algumas advertências a Ríco Calado e aos seus homens. A AD, essa ficou.

Pág. 4



Esta madrugada

Pânico na Avenida de Roma

Jovem dispara sobre carro, vizinho e Polícia

Crivou um automóvel com dezasseis tiros de caçadeira e disparou ainda sobre o proprietário e a Polícia antes de ser detido, um jovem que esta madrugada resolveu lançar o pânico entre os moradores da Avenida de Roma em Lisboa.

Eram 2 horas e 15 minutos, quando aquela artéria foi sobresaltada pelo ruído dos vários disparos. Carlos Mendes, funcionário da RTP, ao chegar à janela, verificaria ser o seu automóvel o alvo de todo aquele tiroteio, e ati-

rador um vizinho, Artur Alves da Silva, de 23 anos, que alojado na janela em frente à sua residência, um 5.º andar do número 41. Ao adoece-lo, foi também alvejado com um disparo, mas sem consequências. Chamada a Polícia, o carro patrulha apareceu rápido, mas rápido também os agentes seriam alvejados pelos disparos.

A patrulha policial que não terá sido atingido, conseguiu entrar na residência e prender o jovem que diria apenas não gostar daquela marca de carros, na ocorrência um «Citroen GS», matrícula

IT-34-08. Sem confirmação: parece que o jovem estaria sob a acção do álcool tendo em seu poder nada menos de três espingardas... e uma grande dose de perigosidade que só factores estranhos ao seu comportamento obviaram a que o caso se transformasse em tragédia.

Por razões que não nos foi possível apurar a PSP remeteu-se ao mutismo sobre este caso, e tentou evitar o seu conhecimento pelos jornalistas que todos os dias contactam o comando.

Eanes responde indirectamente a Reagan?

Europa não pode ser cenário para confronto de interesses alheios

Sem pôr em causa princípios fundamentais de uma aliança, mas sublinhando que esta «não será forte nem consciente, nem segura, se não estiver baseada no inteiro respeito pela soberania de cada aliado», e que «a segurança não é, nem pode ser entendida em termos exclusivamente militares», Eanes rejeitou no seu discurso ontem pronunciado no Palácio da Ajuda, a hipótese de uma Europa transformada em teatro de guerra localizado, aventada há dias por Ronald Reagan.

O Presidente português disse claramente não podermos aceitar «que a Europa possa ser entendida como um teatro de confronto de interesses que sejam alheios à vontade dos povos europeus».

Pág. 6



Pertini esteve ontem no Mosteiro dos Jerónimos. Esta manhã, o presidente italiano recebeu Pinto Balsemão no Palácio de Queluz

Vitor Alves avisa
Classe política ficava «desconfortável» com divulgação do relatório da PIDE

Pág. 5

«Soaristas» contra-atacam

Zenha vai à Comissão de Conflitos

Pág. 5

Belém: um belo exemplo da gestão AD/Abecasis

Em Belém, uma das 53 freguesias do Município de Lisboa, a prática política de gestão autárquica da AD, ganhou um carácter exemplar. Durante 1980 e 1981, de facto, com a equipa AD do eng.º Abecasis na Câmara de Lisboa — tutelando todos os pelouros, marginalizando os vereadores da Aliança Povo Unido e do Partido Socialista — e com a equipa AD na freguesia, Belém foi palco de decisões (e contradições) que são perfeitamente inadmissíveis em gestão de coisas públicas e que constituem exemplos «exemplares» de como não se deve dirigir uma cidade e uma freguesia do nosso País.

A história da «Feira»

Belém saltou para as primeiras páginas da Comunicação Social em 80 e 81 por algumas decisões tomadas, sobre a gestão do seu espaço, pelos órgãos autárquicos que têm sobre ele a palavra determinante. Dos exemplos que se conhecem, destacam-se o «dosier» Feira de Belém que merece alguma recordatória. Duma forma que no mínimo se poderá considerar permissiva e leviana, a Câmara Municipal de Lisboa autorizou, na zona de protecção de monumentos nacionais e sem qualquer protocolo de orientação bem definido, a construção de uma Feira que fora proposta pela Junta de Freguesia. Aliás a Junta de Freguesia propôs tal iniciativa à Câmara Municipal de Lisboa, numa carta de 18 linhas (!) em que, quase de imediato e sem delongas, se anunciava a inauguração da mesma para Julho de 80. Essa carta (de 3-6-80) seria a Feira pretendida ser operação para «angariar fundos» e «para criar empregos» e apresentava à dita Câmara: 1) uma simples planta da possível utilização do terreno (60 000 m², frente aos Jerónimos, entre as Praças Afonso de Albuquerque e do Império); 2) um alçado da portaria e 3) uma planta viária da zona de Belém. Isto é, não houve qualquer projecto digno desse nome, não houve qualquer anúncio global do que iam ser as construções, como seriam os seus traçados. O eng.º Abecasis

e o então vereador do pelouro cultural (1) aceitaram, sem mais questões, o projecto. Mais tarde, e com imprecisão e falta de rigor, o eng.º Abecasis dirá que não estava arrependido em ter aprovado a feitura da Feira. «Não estou arrependido porque era um projecto que valia a pena apoiar. O meu único erro foi ter confiado de mais nas pessoas» (2). E mais adiante, no mesmo artigo, é citado como tendo referido que a «Junta de Freguesia de Belém apresentou um projecto de reconstrução da antiga Feira de Belém» e «que iria permitir a captação de verbas para obras sociais da Junta». Não houve qualquer projecto, repete-se (3).

A construção iniciou-se, assim, por forma completamente indisciplinada: o assunto foi, entretanto, silenciado nos órgãos autárquicos da freguesia.

Muito bonito

A APU desde o início, denunciou «a prepotência do presidente do executivo e das forças políticas por si representadas na freguesia», a nível de Freguesia e iniciaram-se também a nível de vereação da Câmara Municipal de Lisboa, pelos vereadores da APU e do PS análises e requerimentos sobre o mesmo. Em 28-8-80 o Instituto Português do Património alertado pelas intervenções de autarcas, diz de sua justiça: «as características paisagísticas, urbanas e arquitectónicas do empreendimento projectado, ilegalmente em curso, são incompatíveis com a enorme sensibilidade da zona em causa»; por isso, «qualquer intervenção nesta zona deverá sempre acautelar a presença e as relações entre os distintos elementos que a compõem, desde o conjunto urbano à Igreja de Belém, à Praça Afonso de Albuquerque e ao Palácio de Belém». Aponta-se, aí, «para a imediata demolição de todos os elementos construídos ou iniciados no local cabendo à Câmara Municipal de Lisboa, cujo procedimento ilegal e apressada avaliação dos bens culturais afectados, frustou legítimas expectativas dos futuros utentes da Feira, procurar soluções e alter-

Anselmo Aníbal

nativa para a iniciativa».

O eng.º Abecasis, na entrevista já referida, refere que (a Feira) aquilo nasceu na anarquia, «coincidindo com o período em que estive afastado da Câmara por motivos eleitorais». Chegou, aliás, a estar fixada a data de inauguração: 4 de Outubro, na véspera da data das eleições legislativas.

É de ler a notícia do semanário «O Jornal» da véspera do acontecimento, procurando ouvir os que eram a favor e contra a iniciativa, dando, aliás, a palavra a Fernando Soares, presidente da Junta que falava do seu trabalho com «orgulho». Entretanto, há uma visita do eng.º Abecasis (inícios de Outubro, em vésperas da referida «inauguração») que legitima esperanças.

Um dos feirantes em entrevista a «O Jornal» (4), dirá que muitos dos feirantes viram «o sr. presidente da CML, eng.º Krus Abecasis, a passear pela Feira, acompanhado por outras pessoas — e dizia que estava tudo muito bonito». Isto passou-se em Outubro e ele apenas pôs problemas a uma ou duas construções lá para o fundo». O feirante acrescentou: «Dizem que não respeitámos as regras. Mas que regras? No contrato só éramos obrigados a construir numa determinada área e a explorar o negócio dentro do ramo estabelecido no contrato; não nos exigiam nenhum projecto de construção específico».

Subsídio escandaloso

O embargo das obras surgiu em 30 de Outubro. Entretanto já (como vimos) houvera textos oficiais presentes à CML que lhes não atribuíra importância ou apenas os registara, dando desculpas de mau pagador (5). De 30 de Outubro de 80 a Abril de 81 foi a situação degradada. O «Expresso», então dirigido por M. Rebelo de Sousa dizia que a

feira era a «Santa Engrácia de Abecasis», procurando na resaca do escândalo, distanciar-se do presidente/AD e da CML procurando responsabilizar isoladamente esse presidente. Cerca de 200 feirantes foram, assim, ludibriados, assinando contratos de utilização de uma licença de venda com uma entidade que, depois, disse que não, sendo entretanto conhecido, que a AD em Lisboa, dirigindo a CML, decidiu, para tentar remediar situações, a atribuição de um subsídio extraordinário de 3000 contos à Junta de Freguesia de Belém (6). Sublinhe-se: a CML em 7917 contos de subsídios extraordinários atribuídos em 1981 às 53 freguesias de Lisboa, dá, 3000 contos a Belém, procurando pagar a asneira e procurando ludibriar/comprar o silêncio sobre a asneira. Com esse subsídio eleitoral, inadmissível e escandaloso em gestão dos dinheiros públicos, a AD na CML prova o manifesto desrespeito por um mínimo de decoro e incita a uma minuciosa análise da bondade dos actos administrativos que faz. De facto as Freguesias da Ajuda, Alcântara, Alto do Pina, Alvalade, Ameixoeira, Beato, Benfica, Campo Grande, Campolide, Coração de Jesus, Encarnação, Graça, Marvila, Mercês, Nossa Senhora de Fátima, Pena, Penha de França, Sacramento, Santa Catarina, Santa Engrácia, Santa Isabel, Santa Justa, Olivais, Santa Condestável, S. Domingos de Benfica, S. Francisco Xavier, S. João de Brito, S. João de Deus, Arroios, S. Mamede, S. Miguel, S. Nicolau, S. Sebastião da Pedreira, S. Tiago, S. Vicente de Fora e Socorro, nada receberam como subsídio extraordinário, para além do quantitativo fixado na Lei 1/79. Outras receberam valores de algumas centenas de contos. Mas Belém recebeu 3000 contos em situação irregular e indevida (7) que não o reflecte senão o desejo de «apagar» uma situação de asneira e

fraude.

Da decisão de deixar construir a «Feira», tomada sobre o joelho, à decisão de mandar destruir, Belém é palco. Os seus habitantes devem ter pensado o que vale uma gestão municipal que assim procede.

A história das «Torres»

Belém foi palco de uma outra operação, que dizia também respeito ao seu espaço territorial. A AD tem vindo a rever e analisar os arquivos das decisões sobre urbanização tomadas pelos «gerentes» da Câmara durante o fascismo. Uma dessas decisões (8) aprovava um «estudo parcial da zona de Alcântara a poente da Avenida de Ceuta», o que incluía todos os terrenos abrangidos por uma área cujos limites eram as Ruas da Junqueira e 1.º de Maio, a Avenida de Ceuta, a Avenida da Índia e as instalações da FIL.

Pensou-se que essa área iria ser arrasada para a implantação das chamadas Torres, de 10 a 30 pisos, dominando em altura o tabuleiro da Ponte 25 de Abril. Como se salienta num artigo excelente de Artur Rosa num semanário («O Jornal» de 3-4-81) a Torre da Standard Eléctrica foi o único projecto aprovado, estando à data de 25-4-74 a ITT a adquirir terrenos no quarteirão «para perfazer a área necessária à volumetria proposta ou pretendida» e estando os proprietários dos terrenos a adquirir, a «especular os valores». A AD voltou a permitir a aprovação da construção e — gabou-se — de que, em troca, a ITT iria resolver e construir o sistema viário e de estacionamento da zona da Feira Internacional dando «maior utilização à Avenida Brasília».

Este processo que, se fosse praticado globalmente, provocaria a instalação de cerca de 50 000 postos de trabalho com reflexos na estrutura da cidade, com vultuosos investimentos infra-estruturais que não seriam seguramente suportados pelos promotores privados, era intencionalmente desequilibrado, desajustado ao País e à cidade, encontrou resistência também na opinião pública que se mostrou sensível à argumentação apresentada na Câmara de Lisboa pelos vereadores da APU e do PS, na Assembleia Municipal pelos membros das mesmas forças políticas (designadamente quando da discussão de um projecto da ASDI em Abril de 81) em reuniões públicas de discussão (como aquela que foi promovida por freguesias do Vale de Alcântara).

Os ecos transformaram-se, em alguns casos, em elementos/factos de sentido inequívoco e expressamente político tendo, sobre a construção das Torres, a AD na CML adoptado uma posição de inteiro seguidismo das opções do eng.º Abecasis e tendo-se o PPM, para salvar a face da sua emblemática defesa do ambiente (quando, na prática, coopera com um Governo que tem «disso» e «dessas coisas» um simples interesse formal), obrigado a proclamar a «intransigente recusa à construção da Torre» (9).

O eng.º Abecasis viu-se forçado, entretanto, pela força da opinião pública e da acção movida pelo conjunto das forças democráticas, a anunciar a não construção no Tejo das Torres. Ele que afirmara («Expresso», 4-4-81) «Garanto-lhe que as Torres do Tejo não de ser construídas... E se não quiserem terão que me correr daqui», dirá em reunião da CML («Portugal Hoje», 29-9-81) que «Não me demito, porque isso não está nos meus hábitos...». Aqui, como no caso da «Feira», o mesmo autorizou e o mesmo desfazer, o mesmo primarismo de gestão, a mesma pressa de querer mostrar

que se está a fazer alguma coisa...

Belém: O contraste

Belém, que foi município na divisão administrativa adoptada em Setembro de 1852, reintegrando-se, posteriormente no perímetro administrativo de Lisboa, tem um espaço territorial onde se cruza, muita vez o contraste: ao bairro residencial de camadas de altos rendimentos; junta-se também a zona de habitação de «casco» velho (zonas, aliás, de declarado interesse histórico que importa preservar e recuperar, em condições modernas de habitabilidade) e uma área de barracas que tem maior densidade no bairro do Irmão Pobre (na subida da estrada da Circunvalação, partindo de Al-gés, à direita), com cerca de 100 famílias e com dois conjuntos de casas provisórias (10), um de casas térreas de tijolo e cimento, outro de «apartite e tabopan». Neste espaço se cruzam, como referimos, pessoas de viver bem diverso. Em relação a ele, a Junta de Freguesia tem tido um procedimento de «deixar andar», enredada, como está, nas «Feiras» e «contra-feiras». Algumas acções pontuais mas de imediato interesse para a população — acabar com a lixeira, verificar o estado do problema nos serviços camarários do balneário ou do parque infantil — têm sido promovidas pela acção daqueles que pretendem servir as populações e que não estão nas autarquias para servir os seus interesses e o de pessoas ou grupos afins.

Belém é «exemplar» precisamente por isto. Tornou-se notícia de 1.ª página pela asneira feita pela CML-AD e pelos atentados ao património cultural da cidade e do País, feitos pela própria CML; pelo desmesurado fahlanço que constitui permitir uma construção e arrasá-la meses depois, lesando interesses de quem investiu e de quem tinha um papel oficial permissivo da construção; pelas iniciativas desenterradas do passado destinadas a grandes operações de construção terciária, mas lesivas dos interesses gerais da cidade, pelo pesado ónus que comportariam. Em Belém, Abecasis terá querido fazer alguma coisa para mostrar que tornaria irreconhecível a cidade de Lisboa, como prometeu em plena irresponsabilidade, no início do seu mandato. Os meses têm vindo a passar e a AD tem vindo a perceber que as pessoas, apesar da desinformação e da mentira, entendem o que ela (AD) defende e o que valem os programas e promessas que apresenta.

- (1) O actual secretário de Estado da Cultura, dr. Gomes de Pinho.
- (2) Citado em «Lisboa»: o fenómeno Abecasis», in «Expresso» de 4-4-81, de Miguel Sousa Tavares
- (3) Uma das análises que justifica que não houve qualquer projecto é dada pela leitura do artigo do «Ecos de Belém» de Junho de 80(4) «O Jornal», de 3-4-81
- (5) Resposta da CML de 3-9-80 ao IPPC
- (6) A Freguesia recebeu este subsídio já depois da queda da Junta e quando estava em funções a Comissão Administrativa.
- (7) Situação reportada à administração da CML de 11-8-81
- (8) Decisão de 21-4-72 do então presidente da CML, eng.º Santos e Castro.
- (9) O PPM chegou a anunciar no debate da AR, pela boca de Luis Colimbra, que votaria a favor do projecto de «preservação da zona ribeirinha de Lisboa». Depois desse anúncio público, o PPM acabou por votar contra, face ao que ouviu, entretanto, do presidente da CML.(10) Verificar «o «diário» de 16-10-81.



CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

AVISO 27/81

CONSTRUÇÃO DA ESCOLA PRIMÁRIA DA VENTEIRA 3 — E ARRANJOS EXTERIORES

CONCURSO PÚBLICO/RECTIFICAÇÃO

Concurso público para arrematação da Empreitada de «Construção da Escola Primária da Venteira 3 e arranjos exteriores».

PREÇO BASE20.000.000\$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA500.000\$00

ALVARÁ EXIGIDO — OBRAS PÚBLICAS DA 1.ª SUBCATEGORIA DA I CATEGORIA OU EQUIVALENTE

Local, dia e hora mínima para entrega das propostas — serão entregues na Câmara Municipal da Amadora no Serviço de Obras Municipais (4.º andar) até às 10 horas do dia 17 de Novembro de 1981.

Local, dia e hora do acto Público do concurso Sala de Sessões da Câmara no dia acima referido às 11 horas.

Local e horário para exame do processo — Serviço de Obras Municipais, durante o horário de expediente.

Amadora, 22 de Outubro de 1981
O PRESIDENTE DA CMA
ORLANDO GASPAR GUERREIRO DE ALMEIDA

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO OBRAS PÚBLICAS E TRANSPORTES SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS REPARTIÇÃO DE SERVIÇOS GERAIS

ANÚNCIO

Anuncia-se que até ao dia 16 de Novembro de 1981 se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada da limpeza, no ano de 1982, das instalações dos Serviços Centrais desta Direcção-Geral.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia seguinte ao anteriormente indicado, na sede da Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamento Hidráulicos, sita em Lisboa, na Rua de S. Mamede (ao Caldas) n.º 23.

Depósito provisório: 5000\$00

O programa do concurso e o caderno de encargos poderão ser examinados na Repartição de Serviços Gerais, da mesma Direcção-Geral, na morada acima indicada, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, em 8 de Outubro 1981

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL

(Adolfo Gonçalves)

CRÓNICA AGRÍCOLA

O FOMENTO DA PRODUÇÃO O CASO DO MILHO

Alexandre Ramos

Referimo-nos ainda à entrevista que o ministro Basílio Horta concedeu ao «Expresso» (19/9)

Exp. O Governo garante no seu programa que vai assegurar o aumento dos níveis de auto-aprovisionamento de bens alimentares provenientes do sector agrícola.

Qual é a política de fomento que vai ser seguida no domínio da produção de cereais?

Responde o ministro Basílio Horta: Em primeiro lugar nós vamos relançar um programa de modernização, incidindo principalmente sobre dois aspectos: na tecnologia e na área aplicável de cultura. Esse programa visa os seguintes objectivos: alargar a área dos cereais de inverno de 750 mil hectares, para um milhão e 220 mil hectares, aumentar a produção global de 43 mil toneladas para um milhão 720 mil toneladas, aumentando a produção de milho para um milhão 221 mil toneladas.

Se este programa for cumprido, daqui resultará o aumento geral da taxa de auto aprovisionamento de 21 para 62% o que conduzirá a uma economia de importação de cereais no valor de 22 milhões 662 mil contos.

Como se disse há pouco, este é um programa que não incide apenas sobre o aumento de área a cultivar, mas também na tecnologia.

Não há qualquer ligação entre este Governo e as antigas campanhas do trigo. Não se trata de fazer cereais em qualquer parte e de qualquer forma. Pretende-se fazer em terras aptas com uma tecnologia que torne essas explorações rentáveis.

☆☆☆

Juro à fé de quem sou, pelas alminhas que lá tenho, e, pelas meninas destes olhos, que a terra há-de comer, que o senhor ministro Basílio Horta não vai aumentar nada.

Destaque-se, para tornar mais evidente o programa: Produção antes Basílio e depois Basílio:

Antes:
Cereais de Inverno 750.000 hectares
Produção 437.000 toneladas
Milho 427.000 toneladas

Depois:
Cereais de Inverno 1.221.000 hectares
Produção 1.720.000 toneladas
Produção do milho 1.221.000 toneladas.

Claro que o rigor é condição fundamental para o fornecimento de credibilidade.

Hesitamos por isso, em fazer esta análise, crítica tal o espírito se nos perturbou com os números apresentados pelo ministro Basílio Horta.

Na hora da cibernetica e de computurização tudo é possível. Não nos impressionam os grandes números, impressionam, isso sim, os pequenos. Impressiona o rigor da perspectiva do programa de produção apresentado pelo ministro Basílio Horta.

Não é fácil admitir fazer passar a produção de milho de 420.000 toneladas para 1.220.000 toneladas, mas

fazê-lo passar de 420.000 toneladas para 1.221.000 toneladas nunca se poderá aceitar.

Aquele uma tonelada é de arrasar.

É tal o empenhamento da minúcia que os mais cépticos não duvidarão. Mas porque, a certeza certa é inimiga da verdade, melhor, a certeza certa é inimiga do avanço do conhecimento científico, não se resiste à tentação de analisar o programa do ministro Basílio Horta, que, aliás, dos três que o MAP pariu depois do 25 de Abril nos parece o menos péssimo.

Os outros dois foram: O do senhor A. Campos, que substituiu os solares dos gados — a terra das ovelhas, da vaca leiteira, de cabras, do boi de engorda, etc.

Depois o do senhor Vaz Portugal que foi o da produção do abacate no Algarve.

Agora, este, trata de cereais, de milhinho, e do trigoinho. É, pelo menos, o reconhecimento de que um dos problemas centrais da economia portuguesa é a produção de cereais. Produção de cereais — produção de energia.

☆☆☆

Apesar desta realidade continuaremos a afirmar que o Governo AD não vai aumentar nada a produção de cereais. Porque não quer, porque não pode, porque não sabe, porque não é possível, enquanto que...

☆☆☆

Vejamos, em primeiro lugar, a questão do milho.

A tecnologia avançada utiliza sementes híbridas, em zonagem perfeitamente definida para cada cultivo. O milho é planta exigente em água. Fazem-lhe falta 5000 m3, dos quais 1500 num período de vinte dias, pré e pós embandeiramento. A erva daninha não pode concorrer minimamente.

A correcção calcária, pelas 3 a 5 toneladas, em cada dois anos, é imprescindível.

Aducação abundante quase se situa nas 300 a 500 unidades de azoto por hectare poderão garantir os 8 a 10.000 kg de grão por hectare ou 80 toneladas de forragem. Mas é ainda absolutamente necessário que se combata eficazmente o alfinete e o ralo e se impeça a pirale de estragar os cultivos de alta produção de ciclo longo ou médio/ longo que exigem secadores para evitar perdas graves por deterioração de humidade.

☆☆☆

O milho é originário dos planaltos equatorianos de América do Sul. Na época pré-colombiana estava espalhado de norte a sul do continente e era cultivado desde a Argentina aos actuais EUA pelas civilizações nativas.

Talvez, antes mesmo de Colombo, tenha passado às Filipinas e Indonésia. Parece fora de dúvida que foram os espanhóis que o trouxeram para a Europa. Introduzido por Cadiz, terá sido a primeira vez cultivado em Portugal, nos

campos de Coimbra, cerca de 1525.

Daí, ao princípio, lentamente, foi ganhando terreno. A partir do Século XVIII o milho ganha a feição de força produtiva, irresistível, revolucionária e ocupa na sua máxima expansão, no final do Século XIX, estabiliza-se até à época de 1920/1930, em toda a orla atlântica do litoral norte, assentando-se nesta região nos seus duzentos mil hectares.

O milho é planta de chuvas de Verão no seu habitat natural. Exige para crescer e desenvolver-se um abastecimento de água que, mesmo a orla atlântica, o chamado Noroeste português não podia garantir.

Todavia, o seu potencial produtivo como cereal de comida directa é de tal forma multiplicativo em relação ao centeio antigo que as populações da zona tiveram de recorrer caso a caso, a criações geniais de meios praticamente artificiais de implantação da cultura. É que o milho com água no seu ciclo, podia garantir 2000 a 3000 quilos por hectare quando o centeio nessa altura não passaria de 200 a 400 kg. Com sensível poder calórico a nova planta multiplicava por dez a capacidade de matar a fome.

Assim se entende que tenha sido revolucionária, se as condições climáticas não garantiam o abastecimento de água, tiveram de criar-se condições artificiais. O Noroeste português, todavia, se não garantia água de chuva suficiente durante o Verão, oferecia uma boa e enorme reserva de recursos hídricos pela grande densidade de rios e linhas de água menores. A natureza porosa das rochas graníticas das suas montanhas e morros permitia infiltrações abundantes das águas pluviométricas que rebenham, a cada metro, em nascentes copiosas ou permacências toais freáticas a poucos metros de profundidade onde eram principalmente captadas pelos poços ou por minas.

O milho, é assim, a planta que permite de uma forma evidente a passagem da forma agrícola ganadeira, de livre portagem, de propensão do gado sobre o cultivo, para a agricultura fixa com o gado estabelecido.

Mas o milho com o seu potencial produtivo, é, em consequência, planta exigente.

Cedo as terras entrariam em exaustão, se a sua fertilidade não fosse reposta ano a ano.

Nesse tempo não havia adubos, e, só o recurso aos matos que servindo de cama aos animais, e podendo absorver os esterco e urias transformando o conjunto em estrume, podia servir de fertilizantes.

Mas os animais agora estabelecidos precisavam de comer. E comer em casa, no seu quarto, na sua cama. Teriam de estar sempre prontos para puxar o carro, para entontecer nas voltas do poço, a rodar a correnteza dos alcatruzes, para levar carga aos moinhos e as rendas a casa do senhorio. Não podiam mais andar a comer, na vadiagem por baldios e caminhos.

Houve então que semear a erva e fechar o ciclo: Matos-cama dos animais — erva estrume — milho — feijão.

É a isto que Birot chamou o mais perfeito esquema vertical agrícola que jamais vira.

O milho ganhou entre nós, ao longo dos dois ou três séculos da sua expansão, toda a terra apta no clima possível. Já se afirmou aqui, e talvez mais que uma vez que os portugueses, nessa época, fizeram a maior revolução técnico/agrícola da Europa do seu tempo.

Fizeram ciclóticos trabalhos de minas esburcando os morros. Foram construídos centenas de quilómetros de minas e levados. Ajeitaram-se poças para receber as águas de nascentes selvagens. Onde a mina não corria, ou onde não havia nascente abriram-se os poços necessários. Os povos juntaram-se em colectivo para ir buscar, lá longe dos cerros e cumiados, a água e encarreiravam-na para os quintais e as veigas, as gravas e as cortinas.

Fez-se, assim, uma monumental e apaixonante obra de engenharia rural regando mais de duzentos mil hectares desde Melgaço até Coimbra. E drenaram-se os campos baixos e conquistaram-se as encostas em patamares. Até ao limite de possibilidade da vida do milho ganharam-se as encostas, em tabuleiros, palmo a palmo. Aproveitou-se, por experiência prática, em antecipação do conhecimento científico, a simbiose da cultura do milho com feijão aproveitando deste, como leguminosa que é, a sua capacidade de produzir azoto a partir das nitrobactérias. Azoto essencial que as raízes do milho chupavam, até mesmo, à beira da boca.

☆☆☆

Foi esta revolução que provocou e amparou a explosão demográfica do Minho. Todo o século XIX é, aqui, um século de avanço. Sobretudo depois da Revolução de 1820 e sua estabilização a partir de 1850.

Este quadro agrícola altamente produtivo para o seu tempo exigia numerosa mão-de-obra.

Agricultores proprietários e caseiros faziam das mulheres ratas parideiras. Máquinas de fazerem filhos, para produzir trabalho.

Semear o milho e o feijão, rachá-lo e mondá-lo, e desbandeirá-lo e descamisá-lo e armazená-lo.

Apesar da miséria relativa, houve uma época de abundância provocada por esta primeira Revolução do Milho que foram os portugueses que a fizeram.

Todavia, já não foram capazes de fazer a segunda. Esta fizeram-na os americanos com os milhos híbridos e, na Europa, os franceses a partir do final da guerra.

Não só não conseguimos fazer a segunda Revolução do Milho, como, o que é pior, não fomos capazes de copiar.

A nossa produção estacionou e entrou, depois, em franco declínio, arrastando consigo, e já em queda livre, a produção de feijão.

☆☆☆

Em determinado período de 10-15-20 anos, a água que cai

Continua na pág. 4



● O Dia da Unidade foi ontem comemorado na Base Aérea n.º 3, em Tancos. Simultaneamente teve lugar o juramento de bandeira de 380 soldados recrutados que fazem parte da quarta incorporação de 1981. Presidiu à cerimónia o CEMFA, Lemos Ferreira.

● O ministro português Fernando Amaral, responsável pela ligação Governo-Parlamento, recebeu em S. Bento o seu homólogo espanhol, Matias Rodriguez Inciarte. O ministro espanhol Matias Rodriguez está em Lisboa por motivo da realização do Congresso dos Jornalistas Europeus.



● A Associação de Amizade Portugal-Iraque convidou «alguns dos subscritores» do Comité para a Defesa dos Direitos Humanos no Iraque a «reverem a sua posição». A Associação considera que a posição desses subscritores foi tomada «por desconhecimento da realidade iraquiana» e congratula-se pelo comunicado emitido pela embaixada do Iraque em Lisboa negando a existência de repressão política no seu país. A semelhança do que acontece noutros países da Europa Ocidental personalidades da vida política, cultural e sindical portuguesa anunciaram recentemente a formação de um comité de solidariedade com o povo iraquiano que consideram estar sujeito, nas prisões políticas, à tortura e à execução sumária.



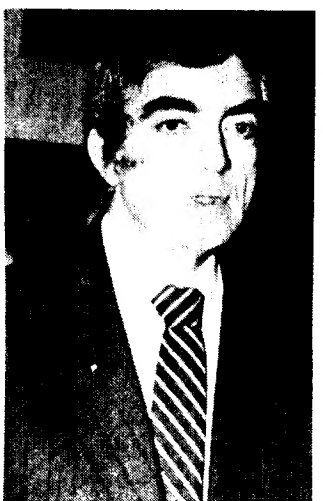
● A Câmara da Régua (socialista) e o actual ministro da Agricultura estão de acordo quanto à regionalização dos serviços do MAP na Região Demarcada do Douro — afirmou à Anop o presidente daquele município. Renato Aguiar disse que Basílio Horta anulou um despacho do seu antecessor, Cardoso e Cunha, sobre o assunto, com o qual a Câmara da Régua não estava de acordo. Renato Aguiar sustenta que a Região Demarcada do Douro é uma unidade que não deve ser dividida em várias parcelas regionais e que o seu centro vital é a Régua e não Vila Real.



● O Governo entregará na próxima segunda-feira no Parlamento uma proposta de nova lei do recenseamento eleitoral. A proposta «facilita a inscrição no recenseamento eleitoral, particularmente aos cidadãos residentes no estrangeiro» — afirmou um elemento da presidência do Conselho. O diploma que ontem foi entregue ao ministro Fernando Amaral agrava as sanções às infracções cometidas no processo de recenseamento — acrescentou a fonte.

● O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, deverá pronunciar hoje em Guimarães um importante discurso em que dará conta da análise que os comunistas fazem da actual conjuntura portuguesa e apresentará as propostas do seu partido para ultrapassar a crise actual. A intervenção de Cunhal terá lugar durante um comício promovido pela Comissão Concelhia de Guimarães do PCP.

● O ministro de Estado das Finanças e do Plano, João Salgueiro, vai chefiar a delegação portuguesa a Quinta Sessão das Negociações para a adesão de Portugal à CEE. A reunião realiza-se no Luxemburgo no dia 27, devendo Portugal apresentar uma declaração no «dossier» União Aduaneira, cujo teor foi aprovado no Conselho de Ministros de quinta-feira. A delegação portuguesa será integrada pelo secretário de Estado da Integração Europeia, Cruz Vilaça, o embaixador de Portugal, junto das comunidades, Hernani Lopes, o vice-presidente da Comissão para a Integração, António Marta e três vogais desta comissão. João Salgueiro regressa a Lisboa no dia 28.



Crónica Agrícola

O FOMENTO DA PRODUÇÃO
O CASO DO MILHO

Continuação da pág. 3

do céu é sempre a mesma.

A água caída, evapora-se uma parte, infiltra-se outra, e escorrega outra que é parte integrante do abastecimento de rios, ribeiros e regatos. A água destes e mais parte da que se infiltra, aproveita-a o homem, a planta e o animal para a sua vida e sua economia. Mas, hoje, no último quartel deste século o gasto da água para a vida e economia é inteiramente diferente do gasto de há um século ou de há dois, quando se deu a expansão da cultura do milho.

A população aumentou três a quatro vezes e tornou-se muito mais gastadora em termos individuais.

O crescimento humano exige fornecimentos cada vez maiores. Também o número de animais cresceu, também a floresta aumentou, sobretudo os gastos industriais que a esse tempo não contavam. Mas a indústria gasta e polui. Os rios, ribeiros, regatos e lagoas têm água envenenada, água que antes servia para beber, hoje, não serve para regar.

☆☆☆

A cultura do milho tal como se praticava exigia uma força de trabalho, que a esses tempos era disponível e, hoje, não existe.

☆☆☆

O salto para o uso de tecnologias avançadas exige o uso de práticas científicas, que

provêm da educação e da cultura, que o nosso agricultor não tem porque sempre a direita reaccionária e primária lhe negou.

☆☆☆

Não se sujeitam os homens, as mulheres e os meninos de hoje, rendeiros ou agricultores de conta própria, a ignominiosos tributos ou marginalizações patológicas.

E mais, e mais e mais...

☆☆☆

Daqui que todo o quadro cultural do milho e feijão está roto. Toda a engenharia e arquitectura da cultura do milho foi concebida e montada a partir de determinados parâmetros e realidades, que hoje não existem ou se existem são forças dissuasoras de expansão, ou mesmo de manutenção.

☆☆☆

Por tudo isto, Senhor ministro Basílio Horta, o Senhor não pode aumentar a produção do milho.

A situação é extremamente complexa. Não se coaduna com os propósitos do governo AD que, para eles os mais, não tem vontade política, porque não a pode ter.

A produção do milho e feijão vai continuar a cair e, é irreversível, nos muitos próximos anos.

Que os Deuses nos não oçam.

Assembleia da República

O Parlamento reuniu-se ontem à tarde para receber o presidente de Itália, mas no período de antes da ordem do dia, verificaram-se várias intervenções sobre assuntos regionais.

Guerreiro Norte (PSD) lamentou que as emissões da RTP-2 não atinjam o Algarve e César Oliveira (UEDS) referiu problemas do rio Mondego.

Rogério de Brito (PCP) fez a defesa dos agricultores foreiros de Salvaterra e considerou que

têm sido prejudicados pelo Governo.

Apenas 83 deputados se encontravam no hemiciclo no período de antes da ordem do dia desta sessão, a primeira depois da eleição da nova mesa da assembleia.

Ainda antes do intervalo que precedeu a chegada do presidente da Itália ao Palácio de S. Bento, Magalhães Mota (ASDI), lamentou a falta de difusão do diário das sessões e disse que é hoje mais reduzida que anteriormente.

poder local

Câmara de Loures
tomou ontem posse
Belém vota amanhã
PS/Porto não quer alianças

«É com as forças democráticas que o PS tem de se entender para que se possam resolver os mais graves problemas da população do nosso concelho» — dizia, ontem, Severiano Falcão, de novo presidente da Câmara Municipal de Loures, reeleito a 11 de Outubro.

Falando durante a cerimónia de posse do novo executivo municipal, para um salão a transbordar de apoiantes da coligação vencedora, Severiano Falcão não seria escutado pelos eleitos do PS que ostensivamente lhe recusaram o discurso.

Sairiam, assim, Riço Calado e os homens restantes do seu partido, por entre apupos de quantos municipais ali se deslocaram na expectativa do que vai ser o município depois das jogadas que ali se verificaram, envolvendo o PS e a AD e que conduziram à queda da anterior Câmara.

As palavras de Severiano Falcão constituíram um balanço, um convite e uma advertência. Neste último campo, o presidente ontem (re)empesado afirmou: «Não se podem mais aceitar responsabilidades para depois lhes virar as costas e atirar culpas para os que as não têm».

Era um discurso claramente dirigido aos eleitos que haviam abandonado a sessão e também aos da AD que, contudo, ali permaneceram e se declararam dispostos a defender os interesses da população até às próximas eleições municipais.

Mas quando Severiano Falcão incitava o PS local a aliar-se às forças democráticas, fazia-o também com a justificação de que é necessário ser coerente com os votos dos socialistas «que não hesitaram em estar do lado da APU».

E o antagonismo de posições estava ali bem patente, entre o mau perder de Riço Calado e o interesse de correlegionários seus, eles próprios autarcas, que

não recusam a sua participação no processo de resolução dos problemas do concelho.

O novo presidente referir-se-ia a esses eleitos do PS, alguns deles presidentes de Junta de Freguesia. A posse foi-lhe conferida, de resto, por Menezes Rodrigues, do PS, que desejou uma boa gestão e um bom trabalho, «que o povo deste concelho bem merece».

A respeito da disposição manifestada pelos dois principais opositores da APU, particularmente durante a campanha eleitoral («vamos defender os interesses das populações»), S. Falcão dizia: «Portanto não há entre nós incompatibilidade». Ou seja, se todos se prontificam à defesa do concelho, há que trabalhar em conjunto.

Só que o presidente eleito recordou que não se pode continuar como até agora. Houve

quem aceitasse responsabilidades para lhes virar as costas. E depois iam às reuniões semanais da Câmara, à quarta-feira, pedir contas aos restantes eleitos, àqueles que de facto trabalhavam.

Belém vota amanhã

Seis formações políticas disputam amanhã as eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia de Santa Maria de Belém, Lisboa.

Estão inscritos 15 049 eleitores (mais 999 do que em 1979) e concorrem a AD, APU, PS, UDP, ASDI e MRPP.

Em Maio a Assembleia de Freguesia deixou de ter o quorum necessário para funcionar quando membros da AD (maioritária) deixaram de comparecer às reuniões.

Na base desta atitude

encontra-se a polémica sobre a Feira de Belém, em frente ao Mosteiro dos Jerónimos, cuja existência os partidos de oposição criticavam.

Socialistas do Porto
não querem alianças

A Federação Distrital do Porto do PS respondeu às recentes declarações de autarcas sociais-democratas aludindo a uma possível aliança com os socialistas nas próximas eleições autárquicas. «Os socialistas concorrerão às próximas eleições autárquicas com listas próprias, sem prejuízo da inclusão de independentes da área da esquerda democrática», diz a Federação em comunicado.

O comunicado refere que esta posição se enquadra nas decisões do IV Congresso do PS.

Câmara quer desalojar
vendedores em Alvalade

«Não queremos que os produtos alimentares que vendemos ao público voltem a ser devorados por ratazanas ou guardados em condições de higiene absolutamente duvidosas», declarou ao nosso jornal um elemento da Comissão dos Vendedores Ambulantes da Zona de Alvalade Sul.

António Martinho Lopes veio até ao «DL» relatar o problema que aflige aqueles vendedores e que se prende com a construção, há muito prometida pela câmara municipal, de um novo mercado naquela zona. Efectivamente, devido às péssimas condições de higiene e à inexistência de segurança para os próprios trabalhadores (há

alguns anos uma vendedora ficou incapacitada de trabalhar devido a um acidente provocado por um vendaval), cerca de metade dos vendedores da Rua Antero de Figueiredo (a Alvalade) lograram obter licença da câmara para mudarem de lugar. Deslocaram-se então para a Rua João Villaret onde segundo afirmou António Martinho, conseguiram fazer bancadas para exposição dos produtos e arranjaram arrecadação e arcos frigoríficos para melhor protecção dos alimentos mais sensíveis.

Mas a câmara tem outros objectivos. Alegando desejar construir um hotel e prédios de que se fala há mais de 20 anos,

segundo o nosso informador, o município pretende desalojar os cerca de 30 vendedores sem lhes dar qualquer alternativa... a não ser voltar para o lugar de onde saíram há quatro anos, a Rua Antero de Figueiredo.

«Não sairemos daqui sem cumprirmos aquilo que nos prometeram, ou seja, a construção de um mercado novo», diz António Martinho. «Ali não temos condições e o próprio público está sujeito a comprar produtos deteriorados», acrescenta. «Isto é um verdadeiro atentado à saúde pública».

De referir que a Direcção-Geral dos Produtos Alimentares foi alertada para o assunto.



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

Direcção de Distribuição Sul

AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo domingo, 25 de Outubro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA: Sobreda da Caparica e Areiro, das 08h 00m às 14h 00m.

Fóros, Ramos, Medos de Baixo e Golfe, das 08h 30m às 14h 00m.

CONCELHO DO SEIXAL: Desportivo, Gimno, Rústico e Boeiro, das 08h 30m às 14h 00m.

CONCELHO DE SESIMBRA: Melão, das 07h 00m às 14h 00m.

Lisboa, 24 de Outubro de 1981

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
Direcção de Distribuição Sul



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO SUL

AVISO
AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo domingo, 25 de Outubro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em Média Tensão nas seguintes zonas:

CONCELHOS DE:

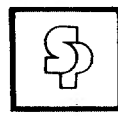
Albufeira, Loulé, Faro, S. Brás, Olhão, Tavira, Vila Real de St.º António, Alcoutim e Castro Marim, das 06.30 às 09.30 horas.

CONCELHOS DE:

Silves, Lagoa, Portimão, Monchique, Lagos, Vila do Bispo e Aljezur, das 06.30 às 07.30 horas.

Loulé, 20 de Outubro de 1981

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
Direcção de Distribuição Sul.



SPGL

SINDICATO DOS PROFESSORES
DA GRANDE LISBOA

Professores não-efectivos
do Ensino Primário

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa vai promover uma reunião no próximo dia 26 de Outubro (2.ª feira) pelas 21.00 horas na sua sede na Rua das Gaivotas, 6 - 1200 Lisboa com a seguinte agenda de trabalhos:

1. Informações
2. Análise e debate sobre o processo de colocações dos professores não efectivos no início deste ano lectivo:
 - a) legislação que preside aos concursos;
 - b) actuação das Direcções de Distrito Escolar;
 - c) medidas a adoptar.

Estão convidados a participar nesta reunião todos os professores não efectivos ainda por colocar e aqueles que já tendo sido colocados consideram que de alguma forma foram lesados.

Direcção

Lurdes Fernandes

Lurdes Fernandes

Comissões Política e de Conflitos reúnem para a semana

“Soaristas” querem fazer rolar cabeças da contestação

As declarações de Salgado Zenha ao «Diário de Notícias», de que ontem demos os excertos mais significativos, estão a causar viva polémica no Partido Socialista, tal como o «DL» admitia.

Depois de uma precipitada declaração de Jaime Gama, feita ao nosso jornal, segundo a qual as palavras de Zenha eram matéria de pouco interesse, o jovem dirigente socialista era, horas mais tarde, desmentido pela própria Comissão Permanente do Partido, de que, aliás, faz parte. Aquele órgão tornou público um violento comunicado rejeitando as acusações do líder parlamentar do Partido e convocando reuniões da Comissão Política e da Comissão de Conflitos.

Esta entrevista de Salgado Zenha, onde é fundamentalmente denunciado o facto de o PS ou a sua actual direcção pretender uma aliança a todo o custo com o PSD, pode dar origem a atitudes de guerra aberta entre as duas principais linhas do Partido Socialista. De facto, se a Comissão Nacional de Conflitos entender, como quer a Comissão Permanente, que os militantes do Partido não podem contestar a direcção do Partido, este po-

derá ser um primeiro passo para afastar das fileiras partidárias algumas personalidades que têm sido incómodas para Mário Soares. Os elementos afectos ao ex-Secretariado, grupo em que se destaca Salgado Zenha, têm-se oposto desde há mais de um ano, ao que vem sendo denunciado como tentativas de Mário Soares de instrumentalizar o Partido aparentemente em vista a uma eventual candidatura às eleições presidenciais de 1985.

Comunicado da direcção

A Comissão Permanente do PS, constituída por sete elementos todos apoiantes de Mário Soares, decidiu convocar para terça-feira uma reunião extraordinária da Comissão Política, a fim de debater em profundidade e com completa transparência a aplicação da linha definida em Congresso e a situação daqueles que, dentro do Partido privilegiem o denegrimiento da actual direcção democrática do PS sobre o necessário combate ao conservadorismo da AD e do seu Governo.

A direcção do PS rejeita as acusações de Salgado Zenha salientando que «sejam quais forem as posições que se tenha assumido no último Congresso, nenhum militante socialista pode remeter-se a posições de resistência passiva invocando falsas marginalizações ou de contestação activa na Imprensa».

«A Comissão Permanente não pode tolerar que o seu trabalho seja permanentemente sabotado pela abertura de crises contra as decisões democraticamente tomadas», salienta o comunicado.

A nota socialista rebate as acusações de Salgado Zenha, frisando nomeadamente que «o PS não fará quaisquer alianças antes de novas eleições, nomeadamente com o PSD».

Magalhães Godinho defende FRS

Entretanto, um outro expoente do grupo do ex-Secretariado, o antigo provedor de Justiça, José Magalhães Godinho defendeu ontem num debate realizado na secção do Partido Socialista de Alvalade que é necessário «re-

por o acordo da FRS, reforçá-la e dinamizá-la, pois é a única alternativa válida a AD».

Magalhães Godinho considerou o projecto de revisão constitucional da AD como «reaccionário» e afirmou, por outro lado, que «para a consolidação da democracia é imprescindível que o PS se mantenha coeso, não ceda um milímetro na revisão da Constituição sob pena de perder credibilidade na opinião pública».

Relativamente à substituição do Conselho da Revolução, apoiou a solução proposta pela FRS de promover a criação de um Conselho da República, defendendo, no entanto, que pelo menos um dos seus membros deveria ser nomeado pelo Presidente da República.

Falando sobre a recente eleição do presidente da Assembleia da República, considerou-a «uma vergonha que em nada prestigia o País». O presidente legítimo do Parlamento é, na opinião do dr. Magalhães Godinho, o socialista Teófilo Carvalho dos Santos, já que «a maioria dos votos expressos o elegeu».

A eleição de Oliveira Dias foi uma farsa para derrubar a força da oposição, afirmou ainda.

Contra o acumular de tensões desestabilizadoras

Conselho da Revolução defende Forças Armadas e Presidente da República

Os ataques ao Presidente da República e às Forças Armadas estão a preocupar o Conselho da Revolução, que a propósito emitiu um comunicado em que se denuncia que estamos em «face de uma situação, senão preocupante, pelo menos propiciadora de um acumular de tensões desestabilizadoras».

O comunicado, emitido depois da reunião que ontem de manhã se realizou no Restelo, exprime também a «plena concordância» dos membros daquele órgão de soberania com a posição assumida pelo Conselho de Chefes de Estado-Maior.

No que ao Presidente da República se refere, afirma o comunicado que «não se pode aceitar que o Presidente da República continue a ser alvo sistemático de acusações ou suspeições graves que põem em causa o prestígio e a dignidade das altas funções que exerce».

«É o próprio Estado», continua, «que é abalado nos seus fundamentos quando, a propósito de actos realizados em perfeita obediência e consonância com as capacidades que lhe são conferidas pela Constituição, o Presidente da República é objecto de críticas tão desabridas quanto injúrias, ou sobre ele se lançam as mais insidiosas campanhas, visando o seu descrédito institucional e a máxima redução dos seus poderes funcionais».

Os membros do CR acrescentam que «as eventuais dificuldades das formações que têm a responsabilidade básica de representar a vontade popular não podem ser ultrapas-



Vítor Alves apresentou aos órgãos de Informação as conclusões da reunião de ontem do CR

sadas com o recurso sistemático à invenção de bodes expiatórios, sob pena de enfraquecimento da própria democracia representativa».

O Conselho repudia também os ataques contra as Forças Armadas, a propósito do Relatório de Timor e das declarações do CEMGFA sobre a revisão constitucional.

«O Conselho da Revolução não pode aceitar que de forma tão leviana e simplista se ataquem umas Forças Armadas que restituíram a liberdade ao povo português», afirma-se.

Quanto à revisão da Lei Fundamental, diz-se no comunicado que não há «qualquer interferência na esfera de competência do Parlamento quando alguns dos seus membros (do CR) se exprime sobre qualquer questão em aberto da revisão da Constituição».

«De resto», continua o comunicado, «é preocupação constante do Conselho da Revolução a salvaguarda do prestígio da instituição parlamentar, mormente quando, abusivamente empoladas questões, apesar de tudo

acessórias, se verificam tentativas para pôr em causa o essencial, isto é, a credibilidade e dignidade da Assembleia da República, condição indispensável do fortalecimento do regime democrático».

A finalizar, o CR manifestou-se disposto a «contribuir serenamente para a estabilização da situação». «O CR permanece empenhado na defesa da ordem constitucional e, embora perto do seu termo, mas enquanto existir, não deixará de lutar contra os inimigos reais da democracia, fazendo apelo a todos os que reclamando-se dos valores que inspiraram o 25 de Abril, se coloquem patrioticamente na perspectiva firme da construção da democracia política, económica e social a que justamente aspira o povo português».

Relatório sobre a PIDE

Entretanto, depois da reunião do CR, o porta-voz Vítor Alves afirmou que o actual levantamento do problema de Timor enfraqueceu a posição de Portugal nas Nações Unidas.

Quanto ao programa de televisão que desencadeou o debate, Vítor Alves afirmou que o seu «timing» foi contrário ao «interesse nacional» e incompleto.

Sublinhou também que não tinha sentido abrir a discussão de um tema como Timor e não debater a questão da PIDE, por exemplo. E depois garantiu que a divulgação de um relatório sobre a PIDE seria «altamente desconfortável para muita gente, principalmente entre a classe política».

Na ONU

Delegado português condena mercenários

O delegado de Portugal na Sexta Comissão da Assembleia-Geral da ONU, Pais Moreira, considerou condenável e ilegítima a utilização de mercenários na luta contra os movimentos de libertação.

O delegado português na referida comissão, onde são debatidos assuntos jurídicos, considerou igualmente condenável a utilização de mercenários em conflitos entre estados ou com o propósito de provocar o derrube de governos.

A intervenção de Pais Moreira inseriu-se numa análise comparativa, de carácter predominantemente jurídico,

sobre alguns pontos mais controversos do projecto da convenção recentemente apresentado pela Nigéria e das Convenções de Genebra de 1949.

Foi especialmente focado o conceito e o estatuto de mercenário e a responsabilidade dos Estados por actividades de mercenarismo.

Quanto a este último aspecto, foi referida a impossibilidade de aceitar que um Estado possa ser responsabilizado por actos ou omissões dos seus cidadãos quando praticados fora do respectivo território.

EXTERNATOS

Alvares Cabral	Marques de Pombal	S. Vicente
Av. Grao Vasco, 1	Rua Morais Soares, 93	R. Edith Cavell, 8
Tel. 70 69 74 5	Tel. 83 46 58 83 14 16	Tel. 84 88 64 5
(Benfica)	(Ao Chile)	(Ao Chile)

INSCRIÇÕES ABERTAS
ANO LECTIVO 1981/82

EXACTO na concepção!

Novos padrões em espaço e versatilidade
Feito por robots numa fábrica inteiramente computadorizada
(Sem falhas na montagem).

EXACTO na economia!

Pode consumir apenas 4,5 litros aos 100 quilómetros.
(Só requer uma revisão anual ou de 20 000 em 20 000 quilómetros).

EXACTO na condução!

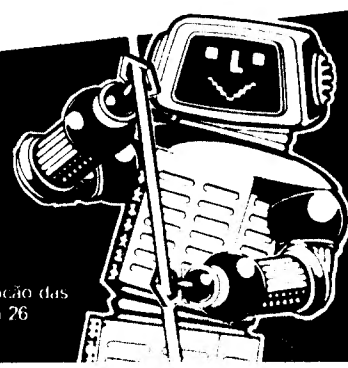
Obteve o troféu internacional de segurança DON

(Superior resistência da carroçaria, visibilidade inigualada, direcção excelente).

O QUE É?

Escreva-nos sobre o assunto. O autor da resposta seleccionada será a «Estrela convidada» numa grande operação de lançamento nacional.

Apartado 8103 - 1900 Lisboa



A data limite para a recepção das respostas é o próximo dia 26 (carimbo do correio)

economia

Mesmo sem despesas de habitação

Índice oficial de preços já sobe a 18,3

O índice de aumento de preços atingiu a escala 18,3 em finais de Setembro, segundo o Instituto Nacional de Estatística, sendo a principal variação imputada ao vestuário e calçado, isto é, 23,5 por cento.

A habitação, que não é concluída neste índice revelou também um aumento das suas despesas entre Janeiro e Setembro na ordem dos 21,1 por cento. A incluir-se as despesas de habitação no índice geral do custo de vida este deverá subir até 24 por cento ao longo do ano, segundo, aliás, tem sido defendido pela oposição.

LUSANDINA: NOVA SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS — Uma nova sociedade de investimentos acaba de ser constituída, sendo o respectivo pedido de oficialização entregue ontem no Ministério das Finanças.

Tem capital de um milhão de contos, engloba um grupo de 60 accionistas, predominantemente portugueses e venezuelanos, detendo a parte portuguesa 51 por cento do capital.

A Lusandina — assim se designa a nova sociedade de investimentos — foi constituída por iniciativa de emigrantes portugueses na Venezuela e além das empresas deste país, várias delas administradas por portugueses, figuração na fundação da sociedade capitais alemães federais (duas empresas), belgas (uma), sul-africanas (duas), havendo ainda uma parcela reservada de 22,5 por cento a entidades financeiras internacionais.

Nesse contexto, decorrem negociações para a participação da Sociedade Financeira Internacional (SFI), com sede em Washington, e de dois bancos estrangeiros.

As previsões referem que o volume de recursos afectos à actividade da Lusandina passará de mil milhões de escudos no primeiro ano para seis mil milhões no quinto ano de funcionamento — considerado o ano cruzeiro.

O seu campo de actividades assenta, no concreto, na criação de novas empresas e novos postos de trabalho, incentivo e reestruturação económica e financeira de unidades carecidas, participação em acções de recuperação ou viabilização de empresas e financiamento de exportações ou projectos de substituição de importações.

No âmbito da prestação de serviços especializados, onde também actuará, salienta-se a realização de estudos técnicos e económicos de viabilidade de empresas preparação e avaliação de projectos de investimento e execução de estudos ou prestação de apoio técnico, além da abertura do capital de sociedades ao público e à admissão na bolsa.

NAVIOS PARA O BRASIL: 70 MILHÕES DE DÓLARES — É de 35 milhões de contos por unidade o preço dos dois navios que os Estaleiros de Viana do Castelo vão construir para venda ao Brasil, devendo o respectivo contrato definitivo ser assinado até 15 de Novembro.

Embora se aguardem ainda ulteriores contactos para eventual mudança de intenções, não se concretizou a venda de um navio «roll on roll off» porque os Estaleiros Navais de Viana do Castelo não estavam interessados em construir apenas uma unidade.

Um membro do Conselho de Gerência dos Estaleiros disse à ANOP que o armador brasileiro estava interessado em comprar dois e nesse caso já havia interesse da parte portuguesa. No entanto, o arma-

dor só estava autorizado pelo Governo a comprar uma unidade.

BULHOSA COMPRA EDITORA BRASILEIRA — A Difel, Difusão Editora, propriedade do grupo Manuel Bulhosa, comprou a Editora Civilização Brasileira, fundada há cerca de 40 anos.

Um elemento da administração da Editorial Bertrand, accionista minoritária da Difel, confirmou em Lisboa as negociações para a transacção mas afirmou desconhecer se a compra se concretizou.

Considerada um dos maiores negócios brasileiros do ramo editoral, a compra da Editora Civilização Brasileira, que possui mais de um milhão de títulos, trará «maior dinamismo ao comércio luso-brasileiro nesta especialidade, permitindo mais facilmente a cooperação editorial» — disse à ANOP Martins Soares, da Editorial Bertrand.

A conjugação da editorial com a Difel, que dispõe de importante rede de distribuição no Brasil, tornará esta editora uma das mais importantes do Brasil.

HOTELEIRA ESPANHOLA INSTALA-SE — A cadeia hoteleira espanhola Husa, que já explora o Hotel Alfa, em Lisboa, vai aumentar a sua actividade em Portugal não só no continente como nas Regiões Autónomas, tencionando, ainda, explorar salas de bingo logo que estas sejam autorizadas.

A Husa é a mais antiga cadeia de hotéis da Europa, tendo nascido em Barcelona, em 1931 com três unidades, gerindo hoje mais de uma centena de estabelecimentos hoteleiros, restaurantes, casas de jogo do bingo e discotecas. Segundo responsáveis da empresa, a futura actividade em Portugal constituirá «um importante contributo para a promoção dos mercados internacionais da oferta turística portuguesa, devido à criação de pacotes integrados de oferta turística ou para a realização de congressos e convenções».

Entretanto, o Alfa de Lisboa passará em breve a estar ligado ao terminal de computador, que já abrange 20 países e mais de 400 unidades hoteleiras, e que permite a marcação imediata de reservas e elaboração de programas ou marketing.

Em 1980, aquela cadeia facturou, em todos os seus empreendimentos em Espanha, cerca de 7000 milhões de escudos.

TEXTEIS E CALÇADO PARA O IRAQUE — Os contactos da missão em visita a Portugal desde o dia 18 tornaram possível criar canais de comunicação entre a indústria portuguesa e o Iraque, afirma um comunicado conjunto ontem assinado.

No comunicado afirma-se também que na indústria petroquímica e de refinação de petróleos aos peritos portugueses podem cooperar com o Iraque como conselheiros em todas as fases dos projectos, trabalhos de construção, arranque de instalações, e preparação de pessoal em todos os níveis.

A visita de Pertini
A independência dos povos europeus
posta em destaque pelos dois presidentes

«Não podemos aceitar, em coerência com a defesa dos nossos valores mais essenciais, que a invocação das esferas de influência seja o pretexto para impor teses de soberania limitada a povos que escolhem determinar o seu próprio destino.

«Não podemos aceitar, por iguais razões que a Europa possa ser entendida como um teatro de confronto de interesses que sejam alheios à vontade dos povos europeus».

Estas afirmações, de sentido bem claro, foram ontem proferidas pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, no discurso pronunciado durante o jantar que ofereceu ao Presidente italiano, Sandro Pertini.

Eanes falava da necessidade do pluralismo político, como única forma que permite manter a unidade dos cidadãos em torno do que é essencial, «sem que se expulsem para o marginalismo e para a violência aqueles que não encontram condições de expressão das suas concepções».

Por isso o Presidente da República entende que «o pluralismo político será sempre mais do que a mera existência dos diferentes partidos. É também a exigência da garantia de livre acesso ao poder e, simultaneamente, a procura constante dos consensos possíveis, pois essas são as vias necessárias para assegurar a coesão dos povos».

Referindo-se às alianças e à «construção de uma Europa

forte e coesa, Eanes salientou que «não há neutralismo numa relação de aliança», mas que esta «não será forte nem consciente, nem segura, senão estiver baseada no inteiro respeito pela soberania de cada aliado até porque é aí que está o que há de original e de específico na solidariedade democrática, na solidariedade ocidental».

O presidente português afirmou também que a evolução das crises internacionais nos mostra sinais de «extrema preocupação neste domínio». Disse que a evolução dos acontecimentos no Afeganistão é um sinal bem claro de que se ultrapassaram os limites do que é tolerável; que no Médio Oriente «tardam os passos concretos no sentido de uma solução justa e internacionalmente reconhecida, que dê satisfação aos anseios legítimos de todas as partes directamente interessadas, e que, no respeito pelas resoluções adoptadas nos órgãos próprios, permita ao povo palestino o exercício integral do seu direito à autodeterminação; que as dificuldades surgidas na resolução justa e pacífica do problema da Namíbia «mostram que as regras da legalidade internacional e da afirmação legítima da vontade dos povos continuam a ser violadas»; que na África Austral, «continuamos a assistir ao recurso impune à violência e a acções armadas, perpetradas contra estados independentes e soberanos, em

clara violação das normas internacionais; que «é com idêntica preocupação que vemos a lentidão e a timidez com que se processa a reestruturação do sistema de relações económicas internacionais, fortemente marcado por distorções, por injustiças flagrantes e por imposições unilaterais, altamente restritivas do direito dos povos ao progresso, à justiça e ao bem-estar económico e social».

«A Paz é frágil»

Pertini marcou muito a tónica dos seus dois discursos — o que pronunciou no Parlamento e o que pronunciou no banquete da Ajuda — na tese de que «nunca existirá umaverdadeira unidade europeia se dela não fizerem parte, com plenos direitos, todas as nações da Europa livre».

Citou os mais recentes acontecimentos internacionais (Médio Oriente, assassinato de Sadat, questão do Afeganistão) para lembrar que «a paz é frágil» e que «uma nova guerra seria o fim da humanidade».

«Permaneça unida a Europa livre para impedir esta loucura, permaneça unida sem insensatas discriminações, que ofendem a dignidade dos povos discriminados, criando ressentimentos perigosos».

O presidente italiano reafirmou o seu apoio à adesão de

Portugal na CEE e disse que «a falta de união política entre os países da Europa, a ausência de um quadro político unitário, no qual possa encontrar a sua mais eficaz colocação e integração económica a que já se chegou, é sem dúvida uma das causas, e não secundária, de graves problemas de incertezas».

Ontem, Pertini e Ramalho Eanes tiveram conversações que abordaram problemas da Europa, África e relações bilaterais. No âmbito europeu foram debatidas questões lidas ao alargamento da comunidade, revelando-se Pertini como grande defensor da entrada de Portugal. A estratégia Norte-Sul, à situação no Sul da Europa e as relações Este/Oeste foram outros temas das conversações.

Os dois presidentes trocaram impressões sobre África, mas «não no sentido de dar um significado especial e um papel privilegiado à Itália como intermediário em relação a Portugal», sublinhou aos jornalistas o porta-voz de Belém, revelando que interessava ao Presidente da República conhecer as posições italianas «não só quanto a Angola, face à questão da Namíbia e à intervenção sul-africana, mas também relativamente à África Austral, porque a Itália teve sempre boas relações com os movimentos de libertação e agora boas relações económicas com os estados africanos de Angola e Moçambique».

Preparando a Conferência Afro-Árabe de Luanda

Solidariedade, confiança e alerta
na reunião de ontem em Lisboa

Com cinco palavras apenas — «obrigado, solidariedade, alerta, confiança, e unidade/acção» — Silas Cerqueira, da presidência do Conselho Português para a Paz e Cooperação, encerrou ontem, cerca da meia-noite, na Voz do Operário, a sessão inaugural da reunião preparatória da Conferência Afro-Árabe, que decorrerá em Luanda de 6 a 9 de Dezembro próximo.

A luta comum dos povos africanos e árabe contra «o imperialismo, o sionismo, o apartheid» e todas as formas de exploração foi a tónica das intervenções que, a cargo dos representantes da SWAPO do MPLA e do Congresso do Povo Árabe, foram sendo escutadas atentamente ao longo da noite fraterna e internacionalista que ontem se viveu em Lisboa. Tónica que se alargou igualmente ao reconhecimento do papel que as forças progressistas portuguesas vêm desempenhando no apoio à luta pela libertação da Palestina, pela independência da Namíbia, e pela condenação inequívoca das agressões da África do Sul racista contra Angola; uma noite em que a assistência — onde se encontravam os embaixadores da Argélia e de Angola, os encarregados de Negócios de Cuba e de Moçambique, diplomatas do Bureau da Jamahyria em Lisboa, os conselheiros da Revolução Franco Charais e Vítor Crespo, o almirante Rosa Coutinho, representantes do PS e do PCP, vários deputados e nomes conhecidos dos meios políticos e culturais portugueses — irrompeu, vezes sem conta, em quentes e vibrantes aplausos.

A unidade afro-árabe

O deputado do PS Carlos Candal, membro da presidência do CPPC, que presidiu à sessão, recordou em breves palavras introdutórias que «Portugal era um país propício para reuniões desta índole, dado que os portugueses

têm alguma autoridade para falar da luta dos povos contra o colonialismo e o racismo».

Depois de assinalar «O sionismo e o apartheid» como duas forças repugnantes de opressão do homem», Candal referiu que «Portugal deve empenhar-se nestes empreendimentos, muito em especial quando se trata da causa árabe, pois a cultura e língua portuguesas têm amplas reminiscências árabes». Quanto à África Austral, Candal não quis deixar de lembrar que Portugal tem ligações muito especiais a essa região do globo, «politicamente nem sempre dignificantes». Por fim, salientou que, internamente, este tipo de reuniões é da maior importância, pois «muitas vezes esquece-se o preceito constitucional de luta contra o racismo, o colonialismo e o imperialismo».

Omar Al-Hamidi, presidente do Congresso do Povo Árabe, foi o primeiro orador da sessão. Referiu-se à situação no Médio Oriente e África Austral, sublinhando «a importância da unidade afro-árabe, as relações com o Terceiro Mundo e o apoio das forças progressistas europeias para a derrota do sionismo e do imperialismo, que se traduzirá na libertação da Palestina e da Namíbia».

Ao aludir «ao rearmamento dos Estados Unidos no Médio Oriente e África Austral e às suas violações da fronteira líbia», Al-Hamidi apelou «aos povos para que condenem o incremento de bases militares e mísseis norte-americanos nessas duas conturbadas regiões do Globo».

Ao sublinhar o que classificou de «maquinações dos Estados Unidos, Egipto, Israel contra o povo árabe, que culminaram com a assinatura dos acordos de Camp David, que infringem os legítimos direitos dos palestinos à independência», Al-Hamidi acrescentou:

«O assassinio de Sadat por membros das Forças Armadas do Cairo demonstra a existência de grupos progressistas que lutam no Egipto contra os acordos de Camp David. As prisões maciças recentemente registadas no Egipto — sublinhou — «são bem a prova de que o regime opressor do Cairo tenta travar a todo o transe a escalada das forças que se lhe opõem».

Até à independência

A intervenção seguinte foi a mais longa. Kapuwa Nauyala, dirigente da SWAPO, fez uma resenha da problemática da África Austral, com destaque para a questão da Namíbia e da invasão sul-africana a Angola, sublinhando a «consequente solidariedade das forças progressistas portuguesas com as lutas dos povos namibiano e angolano».

Referiu que a Namíbia é o último reduto do apartheid e do imperialismo na África Austral e que o resultado das eleições norte-americanas foi adverso para a luta do povo namibiano, que sob a direcção da SWAPO, continuará a lutar contra uma solução neocolonial e até à sua independência».

Nauyala relatou depois comoventes promotores do que tem sido a luta do seu povo e manifestou a sua confiança inabalável no futuro. Transmitiu ainda uma mensagem do Presidente da SWAPO, Sam Nujoma, dirigida a todos os que em Portugal têm manifestado a sua solidariedade com a Namíbia e a todos os participantes na reunião.

António Lengué, dirigente do MPLA/PT, sublinhou que as agressões sul-africanas ao território angolano persistem desde a sua independência em 1975, «não havendo desde então um só dia em que não morra um homem, uma mulher, uma criança ou um velho do nosso povo». Reafirmou a solidariedade activa de Angola com a luta

dos povos da Namíbia, da África do Sul do Sara Ocidental e da Palestina.

Um alerta

Intervenção significativa foi o de Suleiman Vally Mamede, membro da Presidência do CPPC, que, em breves palavras, afirmou a sua convicção de que «todos os democratas portugueses independentemente dos partidos políticos em que militam, não podem ficar indiferentes a uma manifestação de tamanha importância como a que hoje se vive nesta sala».

Vally Mamede realçou depois que «com esta reunião pretende-se naturalmente lançar as sementes de uma solidariedade activa para com os povos de África e do Mundo Árabe».

Por fim falou Silas Cerqueira, que, na mais vibrante das intervenções ontem produzidas falou do agradecimento de Portugal pela presença de representantes de tantas organizações, lançou um alerta a todos sem excepção, porque, na rotina do quotidiano, muitas vezes fala-se do que se passa na Palestina, na Namíbia, em Angola, no Líbano e esquece-se o que se passa na Europa — um continente que a administração louca de Reagan pretende ver transformada em teatro de guerra nuclear que faria desaparecer todas as nações aí existentes; manifestou a sua confiança no futuro e na luta dos povos que se estão a levantar em armas pela Paz; sublinhou a necessidade de acção e unidade na luta de todos os povos pela independência, pela Paz, pela justiça.

A reunião preparatória da Conferência Afro-Árabe continuou esta manhã num hotel de Lisboa, agora em sessões já não públicas. Os trabalhos terminam amanhã e na segunda-feira as conclusões serão divulgadas em conferência de imprensa.

Melo Egídio assistiu ao caso

Agente da PJ acusado de arbitrariedades num hotel

O Sindicato Democrático da Hotelaria, Alimentação e Turismo (Sindhat) denunciou o que considerou «uma atitude desastrosa» da Polícia Judiciária, ocorrida na presença do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Aquele sindicato refere que o incidente ocorreu perante uma delegação militar chinesa, que se encontra de visita a Portugal e uma missão económica iraquiana.

Em comunicado, o sindicato ligado à UGT refere que, ao princípio da tarde de quarta-feira, um agente da PJ, que acompanhava um seu superior hierárquico, entrou num hotel de Lisboa «em altos gritos» investindo um trabalhador local que lhes solicitara que não estacionassem a viatura em cima do passeio fronteiriço àquela unidade hotelaria.

Quando um segundo trabalhador lhe solicitou a respectiva identificação, o agente da PJ teria dito que faria «ir o hotel pelos ares» e que «reberitaria isto tudo».

«Depois de insultar soezmente o segundo trabalhador» — diz o sindicato — «o agente apontou-lhe a pistola, dá-lhe voz de prisão, algema-o com as mãos atrás das costas e mete-o num carro da PJ, à semelhança do que já tinha feito com o primeiro trabalhador».

Este sindicato sublinha que «o espectáculo não teria passado de degradante» se não fosse a presença das missões internacionais e diz que «a situação revelou-se de um melindre tal que o general Melo Egídio, que acompanhava a missão militar chinesa, solicitou da direcção do hotel um memorando com pormenorizadas informações do incidente».

O director do hotel — prossegue o comunicado — perante o avolumar dos transeuntes que se iam juntando à porta, solicitou ao agente da PJ que a questão fosse dirimida no interior do estabelecimento, a que o dito agente se opôs, argumentando que tinha de se deslocar ao aeroporto em «missão judiciária».

O agente da Polícia Judiciária intimou, então, «os circunstantes a dispersar, ameaçando-os com um «spray» de gases lacrimogéneos e pedindo reforços à PJ», que chegaram pouco depois — refere o sindicato.

Os trabalhadores do hotel foram levados sob prisão e o advogado do estabelecimento hoteleiro, que se deslocou à PJ, não conseguiu que lhe fosse indicado o paradeiro dos mesmos, «apesar de permanecer hora e meia» nas instalações daquela Polícia — acrescenta o documento.

O Sindhat refere que os dois trabalhadores foram remetidos a Tribunal de Polícia, onde lhes foi instaurado um processo de crime não qualificado, estando prevista a leitura da sentença para 15 de Novembro.

O sindicato afirma «não confundir a PJ com um agente que, obviamente, não é digno da corporação que serve», mas exige, no entanto, que as autoridades públicas esclareçam a situação.

ensino

A «regularização» do Ensino Primário?

Na sua conferência de Imprensa, no dia anterior à abertura oficial da **escola primária** para o ano escolar de 1981-82, o ministro da Educação, Vítor Crespo, constatou, de maneira sucinta, que o ensino primário em Portugal estava agora «regularizado». E assim prosseguiu falando logo a seguir dos problemas que diziam respeito aos ensinos preparatório e secundário. Esta rápida rejeição, ou melhor, minimização, dos problemas do ensino primário por parte de Vítor Crespo, é sintomática de uma atitude muito mais ampla, especialmente pela parte dos técnicos de educação, em relação às escolas primárias na generalidade. Por alguma razão extraordinária, o mero facto de praticamente todas as crianças portuguesas frequentarem o ensino primário parece ser motivo suficiente para este ser considerado como um sector que funciona e que pode, portanto, ser arrumado na prateleira, enquanto toda a atenção é dirigida aos problemas graves dos outros sectores, nomeadamente os do ensino preparatório, secundário e superior. Claro que isso é absurdo. Embora seja verdade que o ensino primário «funciona» em Portugal, pode-se facilmente sustentar que tal «funcionamento» produz mais aspectos negativos do que aspectos positivos, que o ensino primário, tal como existe em Portugal, está a obstruir todos os esforços feitos noutros sectores para que o sistema educativo melhore, sendo tais esforços um desperdício de tempo e de energia.

Porquê? Porque o ensino primário em Portugal ainda é muito exiguo. Exiguo não só em termos de recursos, também em termos de materiais, de edifícios, de formação de professores, mas também em termos de dois outros factores, interdependentes, extremamente importantes: 1) o número de horas que cada criança passa na escola, 2) a própria concepção da escola, isto é, o tipo de ambiente social nela existente e a relação da escola com a comunidade. A maior parte das crianças portuguesas que frequentam a escola primária só aí passa 4 1/2 horas por dia. A relação que existe entre a escola e a comunidade é, praticamente em todo o lado, tão

pobre que não pode ser mesmo considerada como uma «relação»! As escolas primárias são lugares onde as crianças são depositadas por algumas escassas horas, e mais tarde recuperadas para que possam voltar às suas vidas «normais» na rua ou no campo. A escola em Portugal não atrai a criança, não representa o fulcro de atenção da criança como acontece noutros países como os Estados Unidos da América ou a Inglaterra, por exemplo. Isto é, a escola não significa para as crianças portuguesas o que significa para as crianças americanas, inglesas, etc., e isto também se aplica aos pais.

Claro que para as classes médias das áreas urbanas, como Lisboa ou Porto, as coisas são diferentes — aí as crianças vão a escolas particulares, onde, na verdade, há frequentemente uma ligação entre criança e pais e a escola. Na escola particular a criança passa 6 a 8 horas diárias! O ambiente da escola é agradável, estimulante — fora das lições as crianças brincam juntas, lavam as mãos juntas, comem juntas, planeiam actividades juntas, formam um conjunto com os professores e o pessoal auxiliar da escola. Os pais não depositam as suas crianças, mas param para falar um bocadinho com o professor ou com o director da escola, assistem às reuniões organizadas pela escola, são sensíveis ao sucesso da escola participando muitas vezes no processo desse mesmo sucesso. Certamente que também pagam entre 4000 e 6000 escudos à escola no fim de cada mês.

Depois da revolução de 25 de Abril, o Ensino Básico frisou a necessidade de melhorar a escola primária em Portugal. O ensino primário não estava «regularizado», muito pelo contrário! Era o fulcro da atenção. Porquê? Porque o poder reconhecia o papel crucial que a escola primária jogava (e joga) na determinação de sucesso escolar, e consequentemente no futuro sucesso da vida dos alunos. O processo de mobilização que então teve lugar era uma tentativa; a) de fornecer às crianças portuguesas a base necessária para uma cidadania política, e b) para lutar contra a burocratização do

ensino, e assim criar atitudes e energias nos alunos, nos professores e nos pais, as quais poder-lhes-iam permitir ultrapassar a escassez de recursos, escassez tão óbvia em Portugal. Permitir-lhes-iam ultrapassar aquelas atitudes tradicionais que resultavam de mentalidades entupidas, «imobilizadas», as quais levantavam todos os obstáculos concebíveis para impedir que a escola conseguisse cumprir os seus objectivos. A mobilização, depois de 25 de Abril, foi uma força tremendamente positiva, e ao mesmo tempo era uma força de duração limitada (só se pode ficar «mobilizado» por um certo período de tempo). E era uma força que deveria ter iniciado o caminho, ter dado o pontapé de saída, digamos assim, de um processo mais compreensivo, planificado e firme do desenvolvimento educativo, alinhado sobre os princípios que eram a carne e o sangue da revolução — numa frase, sobre a criação de uma sociedade portuguesa mais justa. Sente-se, contudo, que na fúria de reorganização de «normalização», que a cidadania política, o direito de participar na vida política do país, em todos os sentidos, foi mais uma vez relegada para uma posição, subordinada a cidadania económica, o direito de trabalhar, de consumir. As consequências, num país com desigualdades tão marcadas e com um aparelho estatal tão centralizado, são dramáticas. A burocratização reafirma-se, o acto de ensino e aprendizagem só acontece «em última instância», e o desenvolvimento educativo preocupa-se principalmente com o crescimento económico. Por consequência, o problema crucial de igualdade, de encontrar uma maneira de reduzir o fosso que existe entre as massas populares e as elites do negócio, da governação e da universidade, é virtualmente ignorado.

Stephen R. Stoer
(sociólogo, bolseiro
da Open University
de Inglaterra)

Para uma lista pormenorizada das «Lacunas» da escola primária portuguesa, ver Benavente, Ana e Correia, Adelaide Pinto, «Obstáculos ao Sucesso na Escola Primária», Lisboa, 1980 IED.

comunicação social

CDS não sabe perder

Derrotado no CI/RDP abandona sala sem explicações...

O CDS abandonou ontem à tarde a reunião do Conselho de Informação da RDP, após ter perdido uma votação com a qual pretendia que o CI não ouvisse a Comissão de Trabalhadores daquela empresa, alegando que os três elementos presentes podiam não ser representativos de toda a CT.

Tratava-se de ouvir aquela estrutura de trabalhadores a propósito de presumíveis casos de corrupção que estariam a verificar-se no Emissor Regional de Coimbra, envolvendo os seus principais responsáveis.

Opinião diferente tinham os representantes do PSD, que alegavam nada obstar a que se ouvissem os trabalhadores, tanto mais que qualquer elemento do Conselho que eventualmente tivesse dúvidas sobre se eles estariam ou não mandatados, poderia, posteriormente, apurar da sua representatividade legal.

Posto o caso à votação, saiu vencedora a proposta que aceitava a presença da Comissão de Trabalhadores e a sua legitimidade. Apenas dois

membros do CDS votaram contra. A proposta foi, portanto, aprovada com os votos do PSD, PS, ASDI, UEDS, MDP e PCP, verificando-se a abstenção do PPM.

Inesperadamente, e sem quaisquer explicações, os elementos do CDS abandonaram a sala, ignorando-se se o fizeram a título individual, ou se como tomada de posição a nível do respectivo partido.

Dado que se havia perdido grande parte do tempo útil com a questão levantada pelo CDS, o Partido Socialista propôs a transferência deste ponto da ordem de trabalhos para a próxima sessão.

Entretanto, o mesmo Partido apresentou uma proposta condenando a atitude do CDS que, segundo os socialistas, era um indicio do receio que causava àquela organização partidária as revelações que pudessem ser feitas pelos elementos da Comissão de Trabalhadores.

Nesta altura dos trabalhos, e certamente por não quererem participar na votação, os membros do PSD abandonaram também a sessão, ficando

apenas um conselheiro deste partido e outro que, na altura presidia aos trabalhos.

Dórdio Guimarães, o social-democrata que não se retirou, sugeriu entretanto ao PS que alterasse os termos da sua proposta, «manifestando estranheza» pelo abandono do CDS, mas sem tirar desde logo ilacções.

A proposta do PS foi aprovada com as alterações sugeridas por 14 votos a favor e 2 contra.

Imprensa portuguesa: êxitos e fracassos

A Imprensa estatizada em Portugal tem tido êxito ético, mas insucesso financeiro — afirma Juarez Bahia, correspondente em Lisboa do «Jornal do Brasil», em entrevista a um jornal brasileiro.

Bahia, ao comentar a Imprensa portuguesa para o jornal de Santa Catarina, que se publica em Blumenau, salientou que ela goza de liberdade plena, embora a estatização dos jornais seja «uma experiência incomum na Imprensa ocidental».

Compre um
Televisor a cores...
dispondo apenas
de 5.500\$00!



EMPRESA DE PROMOÇÃO
DE VENDAS

DEPOIS DOS ÊXITOS ALCANÇADOS EM TODAS AS SUAS PROMOÇÕES

"CARNET JJ-CICLO TV COR"

Vá de férias num Mini com um
atrelado tenda **Xaria** vendo
televisão a cores num **DECCA**

Inscriva-se imediatamente seguindo as condições estabelecidas:

- 1.º — Envie através de Vale Postal Nacional para o Apartado 4069 - 1506 Lisboa Codex a importância de 500\$00 referente ao seu «sinal de compra».
a) Só serão consideradas as inscrições efectuadas até ao dia 5 de Novembro de 1981.
- 2.º — Preencha e recorte, um dos boletins duplos «inscrição - sinal de compra», publicados diariamente de 24 de Outubro a 1 de Novembro de 1981 nos principais jornais de Lisboa e Porto.
- 3.º — Cole o referido boletim num postal dos CTT e remeta-o para «JJ Empresa de Promoção de Vendas — Trav. do Rosário, 16-2.º-D 1200 Lisboa».
- 4.º — A orgânica geral desta campanha é publicada no jornal Correio da Manhã nos dias 24 e 25 de Outubro e 1 de Novembro.



9

Boletim de Inscrição Sinal de Compra n.º

C. Postal

Venho informar que em ____/____/____ enviei para o Apartado 4069 - 1506 Lisboa Codex, através do Vale Postal Nacional, com o n.º de emissão: _____, a quantia de 500\$00 (Quinhentos Escudos) referente ao sinal de compra de um receptor de televisão a cores c/écran de 51 cm..

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____

Telefone: _____

Idade: _____ anos, nascido a ____/____/____ estado civil: _____

profissão: _____ nome e morada da entidade onde presta serviço: _____

Tem filhos? _____ Quantos? _____ mencione a idade de cada filho seguida da letra M ou F, conforme o seu sexo seja: Masculino ou Feminino. _____

de ontem para hoje

O regresso do vinho a martelo

Brigadas de fiscalização apreenderam no distrito de Santarém, por suspeita de falsificação, 334 mil litros de vinho, e 28.400 litros de aguardente — anunciou a Direcção-Geral de Fiscalização Económica.

Dos produtos apreendidos — avaliados em 7.524 mil escudos — foram colhidas amostras para análise laboratorial.

Dias antes, Brigadas de Fiscalização apreenderam no distrito de Leiria, também por suspeita de falsificação, 53.390 litros de vinho e 10.888 litros de aguardente.

Viana do Castelo: inquérito no hospital

O presidente do conselho de administração do hospital distrital de Viana do Castelo decidiu mandar instaurar um processo de inquérito ao funcionamento geral do estabelecimento. A decisão surge na sequência de denúncias constantes da população sobre as deficientes condições (técnicas e humanas) de assistência aos doentes internados no hospital — revelou um informador.

Laje regressa à Horta

O navegador solitário português Carlos Lage regressou ontem ao porto da Horta devido a uma avaria no veleiro «Aventura». Lage, um agente técnico de 28 anos deveria ter chegado ontem a Ponta Delgada. O navegador entrou de novo no porto da Horta, às 3 horas (locais), 4 em Lisboa, a fim de reparar a avaria na embarcação que, a meio da viagem, para S. Miguel, começou a meter água.

Valorizar os mais velhos

A Universidade Internacional da Terceira Idade (UITI) comemora hoje o Dia dos Idosos, numa iniciativa destinada a valorizar a contribuição que os mais velhos podem dar ao desenvolvimento da comunidade.

A UITI assinala a data com uma festa na sala Estúdio do Teatro S. Luís, dia 31 do corrente, no decorrer da qual serão distribuídos os prémios dos Segundos Jogos Florais do Dia Nacional da Terceira Idade.

Estará patente uma exposição de cerâmica realizada pelos idosos inscritos no curso de ceramista Carla. A esta comemoração podem assistir todos os concorrentes aos Jogos Florais do Dia da Terceira Idade. A UITI tem em preparação o segundo Congresso Nacional de Gerontologia e outras iniciativas às quais deseja associar as autarquias locais.

Trabalhos de alunos deficientes

Uma exposição de trabalhos executados por alunos deficientes da Escola de Educação Especial de Vila Real será inaugurada na segunda-feira, no átrio do Governo Civil da Cidade. A exposição foi organizada pela Coordenadora Distrital de Vila Real para o Ano Internacional do Deficiente.

Música clássica em Chaves

Um concerto de música clássica realiza-se hoje na Igreja Matriz de Chaves promovido pela Pró-Associação de Músicos de Vila Real. Adé-

rito Silveira e Alberto Miranda executarão peças para piano, clarinete, flauta e guitarra clássica.

Teatro para a infância em Leiria

O Terceiro Encontro Nacional de Teatro para a Infância promovido pelo Centro Português de Teatro para a Criança e Juventude (CEPTIJ) começou ontem em Leiria. Participam neste Encontro sete grupos de teatro profissionais e seis amadores, que, além de representarem, promovem debates sobre os espectáculos apresentados e temas sobre teatro.

Este Terceiro Encontro, que se realizará durante toda uma semana, tem o patrocínio da Fundação Gulbenkian, das Câmaras Municipais de Leiria e Marinha Grande e do Orfeão de Leiria.

Participam, entre outros, os grupos de teatro «Joana», de Cascais; «O Bando» de Lisboa; «Teatro do Nosso Tempo», também de Lisboa; «Teatro da Columbina», de Leiria; «Bonifrates», de Coimbra; «Pé de Vento», do Porto; «Teatro Amador Intervenção», também do Porto; «Teatro Ensaio», de Gaia; «Teatro Construção», de Joane; e «Lanterna Mágica», de Lisboa.

Cinema espanhol no Porto

Uma semana dedicada ao cinema espanhol foi ontem inaugurada no Porto com o filme «Del Rosa al Amarillo», do realizador Manuel Summers. A mostra que decorrerá até ao dia 29, na sala do Clube de Portugal, é organizada pelo Instituto Espanhol de Cultura, em colaboração com o Cineclub do Porto. Serão apresentados entre outros, filmes, de Miguel Picazo, Carlos Saura e Basilio Martin Patino.

Agricultura luso-espanhola em Coimbra

Uma delegação da Coordenadora de Organizações de Agricultores e Produtores de Gado (COAG) de Espanha desloca-se a Coimbra, amanhã a convite da Confederação Nacional da Agricultura (CNA). As duas organizações terão nesse dia um encontro em que abordarão a situação da agricultura em Portugal e Espanha, o estudo das formas de futura colaboração e iniciativas conjuntas.

A estrada

Quatro mortos e 40 feridos é o saldo dos 63 acidentes de viação registados pela GNR nas estradas portuguesas entre as 12 horas de quinta-feira e as 12 de sexta-feira.

Daquele total de feridos, 25 encontram-se em estado grave, indica um comunicado da GNR.

Não quis que assistisse à reunião da edilidade

Presidente da Câmara de Ílhavo mandou prender vereador do PS

O único vereador socialista na Câmara Municipal de Ílhavo, Aveiro, esteve detido, ontem, durante quatro horas, no posto local da Polícia de Segurança Pública.

Senos da Fonseca disse que o presidente da Câmara de Ílhavo, capitão José Vilelo, do PSD, o quisera impedir de assistir à reunião habitual da edilidade e que, ante a sua recusa em abandonar a sala, mandou chamar a PSP que o levou para a esquadra, onde esteve detido entre as 16 e as 20 horas.

Afirmou que a sua libertação se ficou a dever a uma interven-

ção do Governador Civil de Aveiro, Raimundo Rodrigues, junto do Comando Distrital da PSP.

Disse, ainda, que esta situação resulta de uma decisão do presidente da câmara que o suspendeu das suas funções, há cerca de um mês, suspensão que o vereador se recusa a aceitar.

Acrescentou que a decisão do capitão José Vilelo relaciona-se com um serviço, no valor de 2800 escudos, prestado à Câmara a pedido pessoal do presidente, por uma empresa de que Senos

da Fonseca e um dos sócios.

O vereador do PS, Senos da Fonseca, classificou aquela decisão de «prepotente e ilegal» que visaria silenciar as denúncias de suposta corrupção existente na câmara e de alegado comportamento «anti-democrático» do seu presidente.

A atitude do capitão José Vilelo constitui, também, uma vingança pelo facto de o Governador Civil de Aveiro ter instaurado um inquérito à Câmara Municipal de Ílhavo a pedido do PS e da APU — disse o vereador do PS, Raimundo Rodrigues do PSD

instaurou um inquérito à Câmara de Ílhavo em princípios de Agosto a pedido dos representantes da APU e do PS na Assembleia Municipal, que alegavam violação do princípio da colegialidade, decisões arbitrárias e comportamento anti-democrático do capitão José Vilelo.

Na mesma ocasião, foi também instaurado um inquérito aos serviços municipalizados de Ílhavo por ordem do próprio presidente da Câmara, com base em alegadas irregularidades e inexactidões.

Trás-os-Montes e Alto Douro

Quem olha pelo património?

As depreciações praticadas no património cultural das regiões de Trás-os-Montes e Alto Douro, aliadas à «incúria das entidades responsáveis» face à destruição de vestígios históricos, foi ontem denunciada pela Associação Recreativa Cultural do Concelho de Sabrosa.

Em comunicado, a Associação cita os casos do castelo medieval e dos abrigos pré-históricos existentes em Castelo de Aguiar (concelho de Vila Pouca de Aguiar) que estão a ser «sistematicamente destruídos pelos industriais de pedreiras», há cerca de dois anos. Também um con-

junto de valor arqueológico situado no lugar de Garganta (S. Martinho de Anta), constituído por um abrigo pré-histórico (Pala), restos de povoado pré-histórico e túmulos cavados no granito servem de pedreira e de estrada para tractores — diz o documento.

A associação refere ainda o caso das muralhas do Castro de Chetres (concelho de Alijó), cuja pedra foi utilizada para o calçamento, das ruas daquele concelho. Pondo em dúvida a eficácia da autarquia local no que respeita ao património cultural a associação pergunta quando é que ela dará um «correcto apoio às

colectividades com fins culturais para que estas possam desempenhar «uma acção ainda mais efectiva na despesa do património cultural de Trás-os-Montes e Alto Douro».

A Associação Recreativa Cultural e Musical de Sabrosa é a única no concelho a desenvolver «acções concretas» na defesa do património cultural — diz o documento, aludindo, nomeadamente, à organização dos primeiros Jogos Populares de Sabrosa, do Centenário da Banda de Música e de um arquivo documental e fotográfico do património cultural do concelho.

Gastronomia em Santarém

350 felizardos com o país na boca

Nove dias de almoços e petiscos assinalam o I Festival Nacional de Gastronomia esta manhã inaugurado na Casa do Campino, em Santarém. Vai ser um regalo para as papilas gustativas de quem foi convidado a saborear os petiscos representativos de quase todas as regiões do País, desde do Minho à Madeira.

O secretário de Estado do Turismo representou o Primeiro-Ministro na abertura do festival, a que também deverá assistir, hoje ou amanhã, o ministro do Comércio, Agricultura e Pescas, Basílio Horta. Trata-se de dois responsáveis governamentais que apadrinharão, por assim dizermos, uma iniciativa que visa ir mais longe — pois que o festival quer tornar-se internacional de imediato.

Em grande estará assim a culinária. Haverá porventura maior elo de ligação, para além da amizade e imediata, que a culinária?

Não é ela, nas suas diversas manifestações e locais, que senta as pessoas à mesma mesa? Pois é: trata-se de um fenómeno cultural que representa uma forma concreta de estar no Mundo. Não faltam por aí os pinto, pombo, pato, pavão, coelho, carneiro e até mesmo a lampreia, mas a verdade é que ninguém ousou denominar-se cágado, toupeira ou orango-tango. É um velho costume romano este dos patronímicos de uma família serão escolhidos com base nos animais que mais apreciavam.

Mil e quinhentos contos: eis quanto Santarém investe para que cozinheiros de todo o país reussitem ante os olhos e o paladar de 350 convivas diários, as boas tradições da culinária portuguesa. Na casa do campino, pequenas tasquinhas servirão os mesmos acepipes aos que já não couberam no resta-

rante e ainda será possível levar para casa especialidades regionais, como os queijos, os doces e os vinhos, além do artesanato que igualmente se fará representar.

O festival abriu com uma apresentação regional, à base de açorda de sável e das sardinhas assadas (um tanto tardias mas a condizerem com o magusto — este um tanto antecipado). Amanhã, é Açores com polvo guisado e alcatrá; Viseu virá, na segunda-feira, com pratos substanciais: bacalhau a lagareiro, rancho e lombo. E, logo a seguir o Buçaco apresentará o indispensável «leitão da Bairrada», uma cabidela regional.

O festival termina com a presença de Évora com um cação ido da costa, mas temperado com os coentros locais e um coelho à caçadora, que se imagina como seja.

nato

“Galera-81” terminou em Tróia

Terminou o exercício combinado «Galera 81», que envolveu fuzileiros navais portugueses e norte-americanos e unidades de ambos os países. Decorreu ao longo de três dias, na península de Tróia, a 70 quilómetros de Lisboa.

O exercício, realizado no âmbito da cooperação entre as Marinhas de Portugal e dos Estados Unidos, teve lugar na sequência e em retribuição, das facilidades concedidas à Marinha Portuguesa durante o exercício «Phiblex 12/80».

O «Galera 81», realizado durante três dias num círculo de três milhas na península de Tróia, compreendeu assaltos anfíbios e diversos exercícios táticos terrestres e teve por principal finalidade, além de actualização de conhecimentos técnicos e táticos, a adaptação dos fuzileiros navais portugueses a novos tipos de armas e equipamentos.

A área onde decorreu o exercício, apesar de pequena, ofereceu maiores garantias no sentido de serem evitados eventuais prejuízos às populações e foi levado a cabo numa zona não utilizada pela Marinha Mercante e pesqueira.

O assalto anfíbio principal, efectuado terça e quarta-feira, foi executado por um batalhão integrando companhias de fuzileiros portugueses e norte-americanos e incluiu a condução simultânea de um ataque de superfície e de um heli-assalto para a conquista de objectivos pré-determinados.

O ataque de superfície contou com veículos anfíbios blindados e botes de assalto.

O heli-assalto foi efectuado com helicópteros e o exercício recreou uma situação tática, de acordo com um cenário fictício e incluiu a participação de forças «laranja» (opositores).

A demonstração anfíbia efectuada ontem recreou o assalto realizado nos dois dias anteriores, desta vez com a participação exclusiva do corpo de fuzileiros portugueses que efectuou o ataque em botes de assalto e veículos anfíbios e o heli-assalto, em helicópteros.

A força naval dos Estados Unidos foi constituída por cinco navios anfíbios e sete helicópteros e a Marinha Portuguesa participou com dois navios de guerra.

MONTADOR OFFSET

JOVEM OFICIAL PARA
IMPORTANTE EMPRESA
C/JORNAL DIÁRIO EM
LISBOA.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO
N.º 17 104

Pescadores do arrasto vão decidir novas formas de luta

Os pescadores do arrasto costeiro decidiram convocar plenários a nível nacional para a próxima semana a fim de aprovarem novas formas de luta, na sequência da greve geral de dois dias realizada há dias.

Entretanto, segundo a Federação Sindical do sector, estão desde já previstas paralisações todas as segundas-feiras, sem prejuízo de outras decisões que venham a ser tomadas.

Conforme o «DL» oportunamente informou, a greve, que paralisou os 1600 tripulantes da centena de barcos de arrasto costeiro, visa impor um aumento de quatro mil escudos de vencimento base (actualmente de 6250\$00 em média) e uma subida de 60 para 100 escudos do subsídio de refeição. Outras reivindicações dos trabalhadores são o descanso ao fim-de-semana e a clarificação do regime de despedimentos bem como um novo clausulado sobre a transmissão e abate de navios. Em causa também um novo esquema de subsídios de Natal.

MRA recebe Função Pública na 5.ª feira

O plenário das direcções sindicais da Frente Comum da Função Pública exigiu ao Governo, aumentos salariais de 25 por cento, diuturnidades e subsídios de refeição, segundo uma fonte sindical. A Frente Comum, que integra 29 sindicatos, representando mais de 300 mil trabalhadores, reivindica também o acréscimo do montante a inscrever no Orçamento Geral do Estado destinado àquele sector.

Entretanto, foi marcada para a próxima quinta-feira uma reunião com o Ministério da Reforma Administrativa, da qual os sindicatos esperam «uma efectiva abertura a negociações sobre estas matérias». Segundo uma fonte do MRA, as negociações decorrerão entre uma comissão de técnicos do Ministério e as três estruturas representativas dos trabalhadores da Função Pública — Frente Comum (afecta à CGTP), FESAP (ligada à UGT) e Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado.

Soltas

● A acção das transnacionais farmacêuticas, os seus reflexos na saúde das populações e os problemas enfrentados pelos trabalhadores dessas poderosas empresas, são os temas principais do I Encontro Nacional dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêutico, que esta tarde decorre no Anfiteatro Um da Faculdade de Letras de Lisboa, com início às 14 horas. Promovido pela Federação Química e Farmacêutica, o encontro é aberto a todos os trabalhadores do sector.

● O Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho enviou uma moção ao Governo e aos grupos parlamentares da AR em que denuncia o que considera o «conluio negocial» entre «o patronato e os sindicatos paralelos». O documento, aprovado em reunião da direcção e plenário de delegados sindicais, afirma que «esse conluio» visa «quebrar o ímpeto reivindicativo dos trabalhadores e coloca-os pe-

rante salários que só servem a recuperação capitalista mais desenfreada».

● O aumento de nível de desemprego nas indústrias brasileiras provocará, no fim do corrente mês, mais 20 mil despedimentos. Segundo o presidente da Federação das Indústrias de S. Paulo, esses 20 mil juntar-se-ão aos 285 mil despedimentos feitos desde Outubro do ano passado. Estes cálculos somam-se a outras informações, consideradas alarmantes, de que a quarta parte dos trabalhadores brasileiros vivem na situação de subemprego.

● A fábrica automóvel «General Motors» (EUA) anunciou ontem o despedimento, por período indeterminado, em Novembro, de 2500 trabalhadores da sua unidade de montagem de Oklahoma City, com um total de 6000 pessoas. Esta medida, segundo a direcção da empresa, «tornou-se necessária devido ao baixo nível de venda».

Pescul

Trabalhadores dizem “não” à venda da empresa

Os trabalhadores da empresa nacionalizada Pescul paralisaram ontem a 100% — informou a comissão de trabalhadores.

O porta-voz da CT referiu ainda o encontro que o líder parlamentar comunista, Carlos Brito, teve ontem, ao fim da tarde, com aquela comissão, sublinhando que o mesmo se ficou «apenas a dever ao inte-

resse que aquele deputado teve em se actualizar com o processo da Pescul».

A realização da greve deveu-se à recente publicação de um despacho da Secretaria de Estado das Pescas que determina a venda do património da empresa aos trabalhadores e a elementos do conselho de gestão ou a sua eventual transformação em empresa

mista.

A Pescul é uma empresa nacionalizada de pescas voltada essencialmente para a captura de crustáceos. Com um saldo altamente positivo (atingiu no ano passado lucros na ordem dos 17 milhões de escudos) aquela exploração dispõe ainda de um depósito a prazo de 30 milhões de escudos destinado à aquisição de novas embarcações.

Greve da Carris teve adesão total

A greve da Carris, cumprida em dois períodos de três horas, registou uma adesão praticamente total, segundo um porta-voz sindical. De acordo com a mesma fonte, das 657 viaturas que deveriam circular entre as quatro e as sete horas, saíram para a rua apenas 101, e mesmo assim, os elementos que trabalharam durante o período de paralisação, na sua quase totali-

dade, não são sócios dos sindicatos subscritores da greve.

Esta forma de luta teve por objectivo exigir ao conselho de gerência da Carris o início imediato das negociações do acordo de empresa, cuja proposta de revisão foi feita em 28 de Agosto.

Os cerca de 8500 trabalhadores da Carris estão abrangidos por dois instrumentos de regulamentação de trabalho, um para

os quadros técnicos e outro para os restantes trabalhadores.

O informador da Federação declarou que se registaram no período da greve da manhã «tentativas de intimidação de trabalhadores por parte de algumas chefias», estando os sindicatos a recolher dados sobre estes factos.

Os sindicatos ligados à UGT não apoiaram a greve.

Metalúrgicos do Sul vão às urnas nos dias 27 e 28

«Por um sindicato mais forte e pelo reforço da unidade e organização» é o lema da lista A, candidata às eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul, a realizar nos próximos dias 27 e 28 do corrente.

Do seu programa de acção, a Lista A, afecta à CGTP, manifesta o propósito de pôr em prática e perseguir os princípios e objectivos do movimento sindical unitário, a consolidação e alargamento das conquistas de Abril, a defesa da Constituição, o reforço da unidade e da organização, bem como o prosseguimento da descentralização do

trabalho sindical. Outro ponto importante desse programa diz respeito à contratação colectiva, nomeadamente à luta pela celebração ou revisão dos CCTV's nos diversos subsectores de actividade sindical, o desenvolvimento de esforços para que os diversos instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho em vigor (CCT's, ACTV's, etc.) continuem a ser «instrumentos e meios» que garantam a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e ainda a actualização periódica dos valores do salário mínimo nacional, do salário mínimo rural, do salário mínimo para domésticas, da pensão do regime geral e da pensão do regime rural e pensão social, constante do caderno reivindicativo apresentado pela CGTP-IN ao Governo, em Julho de 1981.

Nos dias 28 e 29 irão ser eleitos, além da direcção do Sindicato, e da mesa da assembleia geral, os Secretariados Distritais de Beja, Évora e Faro. Resultando da fusão de três sindicatos (Metalúrgicos do Alentejo, Setúbal e Faro), o actual Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalome-

cânicas do Sul enquadra mais de 25 por cento dos trabalhadores do sector e desenvolve a sua actividade em mais de 1500 empresas nos subsectores da Indústria Siderúrgica, Metalomecânica Pesada, Metalomecânica Ligeira, Construção e Reparação Naval e Indústria Automóvel.

Constituem a Lista A elementos das mais variadas profissões dentro dos diversos subsectores da actividade, provenientes dos quatro distritos do âmbito geográfico do Sindicato. É ainda de sublinhar a presença de activistas sindicais nas empresas, delegados sindicais, dirigentes do actual Sindicato, das Uniões e da Federação e, inclusivamente, de um membro do actual Secretariado Nacional da CGTP-IN. As mulheres, que não constituem mais do que sete por cento da mão-de-obra do sector, estão também presentes com três candidatas (uma à mesa da Assembleia Geral e duas à direcção do Sindicato).

200 meses de voto espalhadas pelos distritos de Beja, Évora, Faro e Setúbal dão a medida da amplitude destas eleições.

UGT comemora aniversário

A UGT comemora de 25 a 31 do corrente o seu terceiro aniversário com um programa do qual constam, nomeadamente, vários colóquios relacionados com questões sindicais e três congressos (dos trabalhadores rurais do Oeste do Sindicato das Indústrias Cerâmicas de Aveiro, Viséu e Guarda e dos Bancários do Centro). Ainda no âmbito das comemorações haverá em Lisboa e no Porto dois espectáculos com artistas filiados no SIART e a abertura de duas delegações daquela organização sindical, em Braga e Aveiro.

Legislação laboral

A União Geral de Trabalho-

res divulgou entretanto um comunicado em que repudia a alteração da legislação laboral que está a ser elaborada pelo Governo, porque «é uma cedência ao patronato que hipocritamente não resolve os problemas reais do País».

Por outro lado, a UGT anunciou que irá proceder à actualização do seu caderno reivindicativo e solicitar, com carácter de urgência, uma audiência ao Primeiro-Ministro, a quem pro-

porá a «criação de uma comissão negociadora para discussão e implementação do caderno reivindicativo».



cambridge school

A única Escola de Línguas que lhe oferece tão grande variedade de cursos

- Cursos básicos, em grupo, de Inglês, Francês e Alemão
- Cambridge First Certificate
- Cambridge Proficiency
- Inglês para «Executive Secretaries»
- Cursos VIDEO
- Cursos especiais para crianças
- Cursos intensivos
- Cursos de preparação para exames dos Institutos Francês e Alemão

— Cursos individuais para homens de negócios e pessoas de todas as profissões, em Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Italiano e outras línguas.

— Português para estrangeiros.

— Cursos especiais para empresas.

— Cursos no estrangeiro durante todo o ano.

Cambridge Executive School no centro da capital e ainda 5 outras escolas bem localizadas em Lisboa, Almada e Porto.

Professores da nacionalidade. Pequenos grupos. Métodos modernos. Aulas práticas de conversação.

Inscrições abertas ao longo do ano.

Para mais informações contacte entre às 9h e às 21h.



LISBOA: AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR. TEL. 88 45 44 - 89 96 01 — 1000 LISBOA
LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-1º TEL. 55 47 80 - 55 47 89 — 1200 LISBOA
BENFICA: EST. DE BENFICA, 729-5º DIR. TEL. 70 43 29 - 70 36 38 — 1500 LISBOA
ALMADA: PRAÇA DO M.F.A., 12-1º TEL. 276 02 34 - 275 32 18 — 2800 ALMADA
PORTO: RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1º TEL. 56 03 80 - 56 11 30 — 4000 PORTO.

CAMBRIDGE EXECUTIVE SCHOOL
AV. DA LIBERDADE, 173-4º — TEL. 4 13 52 - 57 60 30 — 1200 LISBOA

Em Espanha e França

Socialistas em Congresso

A unanimidade que reinava no Congresso do Partido Socialista Obrero Espanhol (PSOE) foi rompida na madrugada de ontem, quando delegados de Madrid abandonaram a comissão de economia por discordância com as resoluções aprovadas.

A questão da moderação salarial concertada, a estratégia seguida pela União Geral de Trabalhadores (UGT), foi o tema da «ruptura». O programa económico do PSOE, entretanto aprovado, é segundo os observadores, social-democrata. No texto defende-se, contudo as nacionalizações em caso de interesse público, bem como um maior controlo do sector público e uma maior atenção ao problema do desemprego.

Na comissão de estatutos foi mais uma vez rejeitada a possibilidade de existência de correntes organizadas e da proporcionalidade.

A Comissão Política Internacional, por seu turno, aprovou uma emenda que propunha o reconhecimento da República Democrática Árabe Sarauí, ainda antes do referendo sobre o Sara, organizado sob os auspícios da OUA.

O tema que tem suscitado mais negociações e contactos é o da formação da lista para a nova direcção do partido. Tem-se como certo que só haverá uma candidatura liderada por Felipe Gonzalez, que pretende contudo renovar alguns dos cargos directivos. No en-

tanto, o não ter havido críticas sérias à gestão da anterior direcção, torna mais difícil as substituições.

PSF: Congresso em Valence

O Congresso do Partido Socialista Francês iniciou-se ontem de manhã em Valence (Sudoeste da França) com um apelo à mobilização de todos os seus militantes, formulado por Jean Popperen, número dois do PSF.

No seu discurso pronunciado numa tribuna decorada a vermelho tendo como palavras de ordem «Com os socialistas, ganhar a mudança», Popperen sublinhou a necessidade de vencer

a batalha do relançamento da economia e do emprego.

Este Congresso caracteriza-se pela nova posição do Partido Socialista Francês que se tornou partido de Governo.

Durante esta assembleia, que atrai uma multidão de jornalistas internacionais ao Palácio da Feira de Valence, 800 delegados definirão a linha política do Partido Socialista para os dois próximos anos e renovarão as instâncias dirigentes. A composição do Secretariado Nacional e o seu eventual alargamento só serão determinados na próxima quarta-feira sob a responsabilidade do primeiro secretário Lionel Jospin, que deverá ser reconduzido nas suas funções.



Mitterrand e Reagan: palmas em dissonância

Em Londres Roma e Bruxelas: manifestações pela paz contra as armas nucleares

Realizam-se este fim-de-semana diversas manifestações em capitais europeias a favor do desarmamento, contra a instalação de armas nucleares.

Hoje em Londres e Roma, amanhã em Bruxelas, várias centenas de milhares de pessoas, segundo as estimativas dos organizadores, descerão à rua, para demonstrar o apoio dos povos da Europa à Paz.

Estas manifestações, a exemplo da realizada em Bona há duas semanas e que reuniu perto de 300.000 pessoas, surgem na sequência das declarações do presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, que admitiu a possibilidade de um confronto nuclear limitado ao solo europeu, sem a intervenção das grandes potências.

Em Londres, deram já o seu apoio, o poderoso movimento CND, «Campaign for Nuclear Disarmament» (Campanha para o Desarmamento Nuclear), que se tem afirmado como o aglutinador de todas as forças políticas sociais e sindicais que, na Grã-

Bretanha se têm batido pelo desarmamento.

Por seu lado, o Partido Trabalhista, cujo líder Michael Foot é um dos mais activos simpatizantes do «CND», e a central sindical «TUC», decidiram associar-se à manifestação.

Relembra-se que os trabalhadores são a favor do desarmamento nuclear unilateral do país, do desmantelamento das bases militares existentes e do não acolhimento dos 160 mísseis «Cruise» que, de acordo com uma decisão da NATO de 1979 devem ser instalados na Grã-Bretanha. Os observadores políticos londrinos consideram como provável que Michael Foot use da palavra no comício que se seguirá ao desfile.

Em Roma, os preparativos para a manifestação envolvem meios importantes que, segundo o «L'Unità», órgão do Partido Comunista Italiano, se traduzirão pelo fretamento de um avião, doze comboios especiais e mais de 600 autocarros.

De acordo com a mesma fonte prevê-se a presença no cortejo

de mais de 200 mil pessoas.

Entre as organizações políticas que aderiram à manifestação, o Partido Comunista Italiano, segundo os observadores, é a força mais representativa. No entanto o Partido Radical e várias formações da extrema esquerda italiana anunciaram a sua adesão.

A manifestação contará também com a presença de destacados intelectuais, bem como de uma delegação da localidade siciliana de Comiso, escolhida para a instalação dos 112 mísseis «Pershing 2» e «Cruise».

Os partidos governamentais, o PSI e a Democracia Cristã, distanciaram-se da manifestação, embora os organizadores já tenham recebido mensagens de apoio dos socialistas belgas, holandeses, espanhóis, gregos, jugoslavos de secções locais dos socialistas italianos.

Simbolicamente o desfile, que será precedido de um cartaz com o lema «Paz, Não aos Mísseis», passará defronte às embaixadas dos EUA e da URSS e pelo ministério italiano da Defesa.

Bulgária:

treze séculos de existência

Festejou-se recentemente na Bulgária o 1300.º aniversário da fundação do Estado búlgaro, tendo o presidente do Conselho de Estado, Todor Jivkov declarado, no decurso de uma sessão solene, que o povo daquele país socialista se situa na «vanguarda do progresso humano».

Uma das principais características do povo búlgaro, diria Jivkov, «é o respeito pelos direitos e liberdades dos outros povos e o seu amor à paz».

Ao referir-se ao desenvolvimento da Bulgária durante os seus treze séculos de existência, Todor Jivkov salientou que, no socialismo, o povo búlgaro encontrou já a resolução dos seus problemas vitais. Recordou que o Estado búlgaro foi criado a partir de três grupos étnicos: búlgaros antigos, eslavos e trácios.

O Estado búlgaro termina o 13.º século da sua História com «uma situação internacional estável, com amigos e aliados fiéis, com um prestígio reconhecido por todos» — e (salientou ainda Jivkov) a Bulgária apoia «firmemente a ideia da transformação dos Balcãs numa zona sem armas nucleares».

Conferência de C

irá fazer Histó

Os chefes de Estado e de Governo que participaram na Conferência de Cancun limitaram-se a afirmar que «é desejável apoiar nas Nações Unidas um consenso para lançar negociações globais numa base que deverá ser mutuamente conveniada, e em condições que assegurem a perspectiva dum progresso significativo». Estes os termos de uma «moção de urgência» que consta do resumo dos trabalhos da Conferência.

Os países participantes concordaram, além disso, quanto à necessidade de utilizar plenamente as instituições internacionais existentes. A moção não se refere à ONU, que hoje faz 36 anos de vida. Foi deplorada a ausência da União Soviética. Bastará o tom, apenas diplomático, do comunicado oficial dos organizadores da Conferência para que seja entendível o carácter pouco mais platónico de tal reunião.

Respondendo aos jornalistas, na conferência de imprensa que se seguiu ao fim da reunião, Pierre Trudeau do Canadá, de-

clarou a propósito das negociações «globais», que a conferência Norte-Sul não conseguiu chegar a um acordo acerca do que deveria ser exactamente a próxima etapa.

«E é tudo».

Um jantar oferecido ao presidente mexicano, Jose Lopez Portillo, pelos dirigentes presentes em Cancun e um fogo de artifício assinalaram o fim da «cimeira Norte-Sul».

Interrogado por um jornalista sobre os seus projectos no fim do seu mandato presidencial, que acaba em Dezembro de 1982, Portillo classificou de «arbitrária» a hipótese de que poderia disputar o posto de secretário-geral das Nações Unidas. «Deixarei crescer a barba, dedicar-me-ei à pintura, escreverei as minhas memórias e é tudo», declarou o presidente mexicano.

E é tudo sobre a conferência de Cancun, que reuniu oito países ricos e catorze pobres para discutir (?) os problemas que os dividem.

A reunião ficou-se pelos contactos de bastidores entre diri-

‘Observamos o Dia das Nações Unidas em tempos de grande apreensão’

— afirma Waldheim no 36.º aniversário da ONU

«Este ano, observamos o Dia das Nações Unidas em tempos de grande ansiedade e apreensão» — afirma o secretário-geral Kurt Waldheim, na mensagem com que assinala o 36.º aniversário daquela organização internacional, que hoje se celebra. Continua Waldheim: «O mundo vê-se dilacerado por conflitos e atormentado pela violência. Não foi possível sanar muitas divergências, porque o medo, a suspeita, as frustrações ou o desespero provocaram o extremismo. A continuação da corrida aos armamentos fez crescer as tensões no mundo e resulta na utilização grosseira e errada das suas riquezas e energias. O delicado equilíbrio que até aqui tem impedido uma catástrofe global continua vulnerável a acidentes, erros de cálculo ou decisão. A pobreza mais dura continua a ser a sina de grande parte da humanidade».

«Em face destes perigos, continua o secretário-geral da ONU precisamos de avaliar realisticamente a nossa capacidade de preservar e fortalecer a paz.»

Depois de observar que são consideráveis os instrumentos de

que dispõe a ONU para conseguir aqueles desideratos, Waldheim sublinha a expansão que a evolução geopolítica conferiu à ONU, cuja agenda de trabalhos se torna cada vez mais ampla. Essa própria agenda «oferece testemunho diário da interdependência de todos os povos e põe em relevo a necessidade de todas as nações harmonizarem as suas divergências com equidade nas suas relações e trabalharem em conjunto para resolver os seus problemas».

Actualidade da Carta das Nações Unidas

«O mundo mudou muito desde 1945. E, todavia, ao relemos a Carta (das Nações Unidas) torna-se claro que os objectivos nela enumerados se mantêm tão válidos como há 36 anos. Esta verificação consta da mensagem do actual presidente da Assembleia Geral da ONU, Ismat Kittani para quem «o principal desses objectivos é a defesa da paz e da segurança. Decididamente, — reconhece — não nos é possível afirmar que, desde 1945 temos vivido num mundo totalmente em paz.

Mas podemos e devemos fazer sobressair o facto de que o espectro da guerra nuclear não se materializou e que, em grande parte, o mérito desse espectro ter sido afastado pertence à Organização das Nações Unidas».

Continuando, Kittani sublinhou que «a transformação mais nítida no mundo desde 1945 foi a libertação de grande número de povos do jugo do colonialismo, processo em que as Nações Unidas desempenharam um papel central, e que será certamente reconhecido como uma das suas mais dignas realizações».

Referindo-se ao momento actual o Presidente da Assembleia Geral, sublinhou a acção da ONU nos campos do desenvolvimento da luta contra a fome, o analfabetismo, a doença, o desemprego, a falta de habitação, considerando a seguir que «a principal responsabilidade que temos diante de nós, não consiste em fazer publicar mais relatórios ou adoptar novas resoluções, mas em encontrar e sintetizar a necessária vontade política para pôr em prática mais eficazmente as decisões já tomadas».

Comités de Defesa da Rev

reunidos em Havan

O segundo congresso dos «Comités de Defesa da Revolução» (CDR), a mais importante organização de massas do socialismo cubano, inaugurou os seus trabalhos em Havana, sob a presidência de Raul Castro, irmão do chefe do Estado e primeiro vice-presidente do Conselho de Estado.

Cinco milhões e meio de pessoas pertencem a um Comité de Defesa, numa ilha que conta cerca de 10 milhões de habitantes.

Foi o próprio Fidel Castro quem imaginou — «de maneira espontânea», diz a France Presse — a criação dos CDR, em 28 de Setembro de 1960. Discursando nesse dia, em Havana ordenou uma reunião de CDR após a explosão de três bombas de fraca potência. «Há que constituir esses comités — disse — para que o povo vigie e observe e para mostrar que quando o povo se organiza já não há imperialismo nem lacaios do imperialismo».

Os Comités de Defesa da Revolução são organizados por quarteirões das casas, cabendo-lhes um papel de vigilância, de assistência social e de educação política dos habitantes do bairro.

Na sessão inaugural os 1500



Fidel Castro: «Para que o povo vigie e observe».

delegados aprovaram por unanimidade o relatório do coordenador nacional dos CDR, Armando Acosta. O documento afirma, designadamente, a adesão do povo cubano à luta pela paz mundial e pelo desarmamento internacional, bem como a sua condenação da política belicosa dos Estados Unidos.

Recordando os princípios internacionalistas de Cuba, o relatório salienta, por outro lado, a gratidão do povo cubano para com o povo soviético que consti-

tui «a vanguarda da luta pela libertação e pela paz».

Presentes neste Congresso várias delegações estrangeiras, entre as quais as da União Soviética e dos países da Leste, de Moçambique, Vietname, Nicarágua e República Popular do Ié-mene, designadamente.

De prevenção contra manobras da CIA

O ministro cubano do Interior, Ramiro Valdes, anunciou, no Congresso dos CDR que «os ór-

4 semana

Quem ameaça quem?



ância

Cancún ória?

gentes. Notória foi entretanto a ambigüidade de Ronald Reagan e de Alexander Haig.

O actual Governo norte-americano concedeu que se procedesse a negociações globais Norte-Sul mas manifestou o seu temor quanto à hipótese de vir a ser aprovada a «transferência massiva» de recursos financeiros para o Terceiro Mundo.

Entretanto o presidente francês, François Mitterrand, com palavras de sabor amargo, disse aos jornalistas que o mundo se encontra num «ponto crítico» da sua História e acrescentou que a comunidade internacional «não pode continuar a andar de conferência para conferência, enquanto a discussão sem resultados palpáveis».

Mitterrand atacou abertamente a política de taxas de juro praticadas pelo actual Executivo norte-americano e acentuou que, embora todos necessitem de juros mais baixos, são os países em vias de desenvolvimento que mais carecem deles.

A representação de Washington fez orelhas moucas.

Revolução na

gãos de segurança do Estado estavam de prevenção para neutralizarem qualquer índice de novos planos de subversão, sabotagem ou atentado contra a vida dos principais dirigentes do país, que a CIA tentaria realizar».

Valdes reafirmou, por outro lado, que os EUA «utilizam armas biológicas contra o gado, a agricultura e a população de Cuba» e «tentam reforçar ao máximo o bloqueio económico» contra a ilha.

O ministro repetiu que, há seis meses «elementos anti-sociais, recrutados, armados, treinados e enviados para Cuba a partir do território norte-americano» se tinham infiltrado em Cuba com o «possível» objectivo de assassinar Fidel Castro. «Mais tarde, acrescentou, cinco outros contra-revolucionários entraram também no país».

Todos foram capturados e castigados de «forma exemplar», acrescentou Valdes, sem mais pormenores.

Valdes afirmou por fim que não havia «lugar» em Cuba para receber as centenas de «indivíduos» que «deixaram Cuba voluntariamente o ano passado» e que «depois de terem chocado com a sociedade norte-americana querem regressar e abandonar o paraíso yankee».

que é irresponsável, que não se discute. Até que um belo dia as pessoas começaram a reparar melhor e repararam que afinal a couve é de louça.

Quem ameaça quem?

Analisemos a «ameaça» soviética por continentes — e perguntemos quem ameaça quem?

Depois de terem contribuído — um pouco tarde, é certo, e com muitas hesitações — para salvar a Europa do pesadelo nazi, os norte-americanos apoiaram as ditaduras fascistas que restavam no continente (exs: a espanhola e a portuguesa), e contribuíram para colocar no poder os novos fascismos (exs: o grego e o turco). Por mais que digam o contrário e pretendam trocar as datas, foram os EUA que dividiram a Alemanha. Resgataram os nazis, estimularam a ressurreição dos consórcios que haviam servido de pilares e se tinham nutrido do nazismo. Dividiram o movimento sindical europeu e combateram todas as tentativas de progresso social nos países que ficaram sob a sua órbita.

No continente americano, falar do passado levar-nos-ia muito longe. Basta portanto que façamos uma meia dúzia de perguntas: quem invadiu a Guatemala? quem invadiu São Domingos? quem invadiu a Baía dos Porcos? Quem derubou o regime democrático brasileiro? Quem contribuiu decisivamente para a queda do regime constitucional de Salvador Allende? Quem pretende manter a Junta salvadorenha? Quem agride a Nicarágua e Granada? Quem transplantou o fascismo derrotado na Europa para o continente americano?

Para o continente asiático, perguntemos: quem manteve no poder o regime fascista tailandês e transformou o antigo Sião num vasto campo de ensaios para experiências bélicas de todo o tipo? quem invadiu o Vietname? quem dividiu a Coreia? quem apoiou os contra-revolucionários chineses e lhes tem garantido a subsistência no «Estado» da Formosa? quem foi cúmplice dos massacres da Indonésia? quem bombardeou o Camboja e devastou o Laos? quem arma o Paquistão? quem rearma o Japão? quem derrubou o regime nacionalista de Mossadegh no Irão?

No continente africano, quem apoia sem rebuços o regime do «apartheid»? quem financia operações de desestabilização contra Angola? quem foi cúmplice dos rodeios brancos? quem sustentou o esforço de guerra colonialista português? quem arma o Marrocos contra a Polisário? quem matou Lumumba?

No Médio Oriente, quem arma Israel? Com que armas são mortos os libaneses? Com que aviões foi bombardeado o Iraque? Quem corre em «defesa» do Egipto e do Sudão? Quem criou uma «força de intervenção rápida» para operações agressivas na região do Golfo? quem instala bases e as estende até ao Corno de África?

A chantagem da «ameaça soviética» tem servido até agora para que os EUA (ou os

seus parceiros ocidentais ou os seus servidores regionais) intervenham em todas as zonas do mundo, alegando que intervêm para impedir a intervenção alheia. Em suma: aplicam uma vacina que é afinal a que produz a doença.

E que se verifica como uma constante em cada uma destas intervenções? A defesa das populações dos países «intervencionados»? A salvaguarda dos seus direitos? A preocupação pela sua felicidade e pelo seu bem-estar? Exactamente o contrário. Não citámos um único caso de intervenção dos EUA em que essa ingerência não tenha sido feita contra as próprias populações «defendidas». «Defendidas» de quê? Da «ameaça soviética»? Mas seria que a URSS se preparava para conquistar o Chile de Allende, o Brasil de Goulart, a Indonésia de Sukarno, o ex-Congo Belga de Lumumba? Ou será que, indiferentes à sorte das pessoas que vivem em cada país deste continente, impondo-lhes regimes ditatoriais e opressivos, condenando-as à miséria e à exploração, os EUA e seus cúmplices imperiais pretendem apenas certificar-se de que os seus interesses (mesmo remotos) não são postos em risco (mesmo longínquo) ou que as suas novas modalidades de guerra e armamento — que não podem ser experimentadas no território norte-americano — virão a ter um laboratório ao vivo?

Entre «red» e «dead»

Os «teóricos» da «Defesa» ocidental recebem e dizem-nos expressamente que as opiniões públicas comecem a converter-se ao pacifismo e preferiam ficar «vermelhas» (red) a «mortas» (dead). O que nos faz crer que esses «teóricos» nos convidam a ficarmos todos «dead» (mortos) para não fazermos correr os riscos de os EUA serem de confrontar com um mundo todo «red» (vermelho).

Daqui podíamos chegar a vastas especulações que talvez nos não sejam permitidas. Mas aqui reside, sem dúvida, o fulcro da questão.

Porque, com todos os seus defeitos, imperfeições e dificuldades, o socialismo é o novo e o capitalismo é o velho. E como a história não anda às arrecuas (por mais recuos que conheça na sua marcha) toda a gente — quem sabe se o próprio Reagan — sabe que assim como a sociedade primitiva deu lugar à escravagista, esta à feudal, a feudal à capitalista, assim a sociedade de hoje dará lugar à socialista. Mas hoje, como nas épocas passadas, as classes privilegiadas estão dispostas a todas as violências para impedir o avanço da história.

Só que a grande diferença entre os nossos dias e os tempos passados reside em que Luís XVI (homem, aliás pacífico) não tinha em seu poder armas capazes de destruir todo o Universo, e Reagan tem essas armas. A diferença está em que o Congresso de Viena pôde criar esquemas na esperança de impedir para todo o sempre o triunfo da revolução burguesa, mas não tinha poderes para fazer explodir o planeta. E a NATO tem-nos.

A actuação dos EUA nos últimos trinta anos tem obedecido, com mais ou menos variantes, às grandes linhas estratégicas adoptadas no do-

cumento n.º 68 do Conselho Nacional de Segurança, do qual transcrevemos os dois pontos citados por Pierre Domergues em «Le Monde Diplomatique» deste mês, no artigo «A América e a perpétua tentação da hegemonia»: 1) os EUA devem assumir a liderança do mundo «porque mesmo que a URSS não existisse, estaríamos confrontados com um grave problema (...), a saber que a ausência de ordem entre as nações se torna cada vez menos tolerável»; 2) os EUA devem incrementar o seu poder e esforçar-se por desestabilizar a URSS. «Há que fazer surgir uma transformação fundamental na natureza do regime soviético», lançar as sementes de destruição no sistema soviético, fomentar e apoiar «os levantamentos e a revolta em países satélites estratégicos que tivermos escolhido para tal».

Esta tentativa hegemónica dos EUA exige uma intervenção cada vez mais intensa, mais alargada no espaço, mais agressiva, porque se ampliam e se aprofundam os desafios a essa hegemonia. Daí que a própria exibição do poderio norte-americano, a sua cada vez mais visível contradição com a independência e o bem-estar dos povos, gere a maior consciencialização das opiniões públicas e dos governos. De tal modo que a propalada «ameaça soviética» é cada vez mais encarada como uma «couve de louça».

Quando a «ameaça soviética» é brandida na América Latina, a única coisa que pode suscitar é o escárnio. Quando essa «ameaça» é apontada aos países do Médio Oriente, junto dos quais se procura encontrar um «consenso estratégico», poucos se deixam convencer. Porque ali o inimigo bem concreto, bem ameaçador se chama Israel, e esse é uma criação dos EUA. No continente africano, todas as nações independentes sabem quem é o verdadeiro inimigo — a África do Sul — e esse é um aliado preferencial dos EUA. Na Ásia, acontece uma curiosa circunstância: enquanto Pequim foi o «desestabilizador» número 1 que os EUA apresentaram aos povos da região como o inimigo a abater, nunca a China foi agressiva. Agora que é um «aliado estratégico» é dela que partem as agressões contra os países vizinhos e é por ela que passam os «complots» contra a paz regional.

Na Europa, o continente «superameaçado» pela URSS, cresce cada vez mais a consciência de que afinal não são os soviéticos que nos querem matar com a bomba de neutrões. São os EUA, nossos aliados. O eleitorado grego acaba de dar uma prova sobre aquilo que pensa da NATO: os gregos não se sentem ameaçados pela URSS, já foram «intervencionados» pela NATO que lhes impôs o regime dos coronéis e têm tido amargas experiências causadas por um «aliado» dentro da Organização: a Turquia.

Na RFA, o movimento pacifista cresce de tal modo que a grande Imprensa ocidental decide advertir os jovens participantes da maior manifestação dos últimos 30 anos sobre os riscos que a Europa corre se no solo alemão não forem instalados os «euromísseis». Os meios ocidentais de informação deitam as mãos à cabeça e assustam-se ante a perspectiva de, em Abril do ano que

vem, o Congresso do partido mais importante da coligação de Brna (o SPD) recusar a instalação de «euromísseis» no seu território.

Lendo os textos que essas fábricas de desinformação produzem, até parece que se os países produtores de matérias-primas readquirissem inteiramente a sua soberania, cortavam os fornecimentos ao Ocidente e o mundo capitalista agonizaria. Mas então o mundo ocidental não compra e vende coisas ao mundo socialista? Enquanto a Administração Carter nos seus últimos tempos e a actual Administração Reagan multiplicam os seus avisos sobre a «ameaça soviética» e correm alegremente para os braços de Tanatos, cresce o comércio entre os EUA e o mundo socialista. Será que a África do Sul liberta do «apartheid» irá deixar de vender as suas riquezas minerais ao Ocidente? Será que os países árabes produtores de petróleo deixarão de fazer negócio com o Ocidente se Israel deixar de os agredir? Será que o fim do massacre do povo salvadoreño implicará para os EUA o risco de desaparecer do mapa?

Mas afinal existe ou não uma «ameaça soviética»? Existe, sim, senhor. A União Soviética e o campo socialista ameaçam, na verdade, a estratégia hegemónica dos EUA. Intervêm a favor da libertação económica e social dos Estados que empreendem uma revolução socialista ou democrática-nacional. Têm intervindo desde sempre em apoio financeiro, diplomático e outro dos movimentos da libertação. Impedem, pelo simples facto de existir, que pequenos países, espinhas cravadas no coração dos EUA, sejam varridos do mapa. Contrariam a acção dos bandos contra-revolucionários, que, treinados, financiados, e apoiados por todos os meios pela CIA, Pequim e Islamabad, procuram destruir a Revolução afgã e levar o caos às fronteiras da URSS. Advertem muito seriamente contra quaisquer aventuras imperialistas no Irão e no Golfo. Ajudam os produtores de matérias-primas a encontrar mercados alternativos para fugirem ao garrote económico dos EUA. Impediram na Hungria em 56 e na Checoslováquia em 68 que as «sementes de destruição» mandadas lançar sobre certos países pela directiva 68 do Conselho Nacional de Segurança frutificassem nesses dois Estados da comunidade socialista. Podem ainda estar na disposição de impedir energicamente que mais sementes dessas venham a frutificar noutro país.

Compreendemos que isto sejam ameaças duras de engolir. Sobre tudo para um Estado hegemónico que já em 1950 se confessava muito perturbado no mundo de então, «mesmo que a URSS não existisse».

Mas nada disso justifica que os adoradores de Tanatos pretendam reduzir os europeus a montes de ossadas, embora, prestimosos, nos prometam que deixam intactos o Partenon e a Torre Eiffel. Que os EUA tenham paciência. Também Luís XVI era rei e acabou na guilhotina. Mas lá por isso a França não morreu. E hoje um Estado próspero. E, apesar dos seus ministros comunistas, continua aliado reticente, mas aliado, dos EUA.

Alice Nicolau



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

CONCURSO DOCUMENTAL DE PROVIMENTO PARA UM LUGAR DE TÉCNICO SUPERIOR DE 2.ª CLASSE

Faz-se público que, de harmonia com a deliberação do Conselho de Administração de 12 de Outubro do corrente ano, se encontra aberto pelo prazo de 15 dias, a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no Diário de República, concurso documental para provimento de um lugar de técnico superior de 2.ª classe, ao qual corresponde o vencimento mensal de 24 300\$00, letra G., sendo o local de trabalho na área de intervenção dos Serviços Municipalizados.

Em conformidade com o disposto no artigo 14.º do Decreto Regulamentar n.º 68 80 de 4 de Novembro, se faz constar que a este concurso poderão candidatar-se todos os indivíduos que satisfaçam os seguintes requisitos:

- Nacionalidade portuguesa, originária ou adquirida nos termos da Lei;
- Idade não inferior a 18 anos;
- Sanidade mental e física para o desempenho das funções próprias do cargo;
- Ausência de pena disciplinar ou de condenação por crime que inabilitem para o exercício das funções públicas;
- Cumprimento dos deveres militares ou de obrigação de serviço equivalente;
- Curso superior;
- Bilhete de Identidade actualizado.

Os candidatos deverão apresentar na Secretaria destes Serviços requerimento em papel selado, dirigido ao Presidente do Conselho de Administração, com a assinatura sobre um selo fiscal de 100\$00, devidamente reconhecida pelo notário, onde indiquem o nome, profissão, naturalidade, residência, número e data do Bilhete de Identidade e serviço de identificação que o emitiu e declaração sobre compromisso de honra em alíneas separadas, da situação em que se encontram relativamente às alíneas a), d) e f) deste anúncio.

Os candidatos deverão apresentar *curriculum vitae*, podendo especificar no requerimento quaisquer circunstâncias que repute susceptíveis de influir na apreciação do seu mérito ou de constituir motivo de preferência legal.

O processo de avaliação constará da apreciação curricular e eventual entrevista se o júri o entender necessário, sendo condição de preferência ser trabalhador destes Serviços Municipalizados o concurso e válido só para esta vaga.

Secretaria dos Serviços Municipalizados de Oeiras, 19 de Outubro, de 1981

O Presidente do Conselho de Administração
Alfredo Carreiro Melo de Carvalho

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DA REMODELAÇÃO E COMPLETAMENTO DO ARMAZÉM DE LÃS DE BEJA E RESPECTIVA CASA DOS TÉCNICOS.

Preço Base: 37 645 750\$00
Caução Provisória: 941 144\$00
Alvarás Exigidos: 1.ª Categoria Construção Civil
1.ª Subcategoria (Edifícios) da classe correspondente ao valor da proposta

O empreiteiro deverá também apresentar os alvarás próprios ou em regime de subempreitada seguintes: 4.ª categoria 1.ª subcategoria e 6.ª categoria (Instalações Eléctricas e Mecânicas) 3.ª subcategoria (Redes de Baixa Tensão).

— Local, Dia, Hora limite para entrega das propostas.
— Local: Junta Nacional dos Produtos Pecuários — Terreiro dos Valentes — Beja.
— Último Dia e Hora: Em 30 de Novembro de 1981 pelas 17.30 horas.

— O local do acto público do concurso terá lugar na JNPP, Terreiro dos Valentes, Beja, pelas 15 h. do dia 2 de Dezembro de 1981.

— O processo desta empreitada pode ser examinado durante as horas de expediente público, no local supra referido, das 9 h até às 12.30 e das 14 h até às 17 h 30 m.

Lisboa, 16 de Outubro de 1981

O Presidente do Conselho de Direcção,
(Fernando Paisana)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR ZEGERINO DAVID FARIA, JUIZ DE DIREITO DA 3.ª SECÇÃO DO 7.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA.

Faz saber que por este Juízo e Terceira Secção, e nos autos de Execução Sumária, movidos pela Exequente Banco Pinto & Sotto Mayor, EP, com sede na Rua Augusta, n.º 28, em Lisboa, contra os Executados Pegande-Materiais de Construção e Revestimento, Lda. com última sede conhecida na Rua Ataíde de Oliveira-81-B, em Faro, e Carlos Fernando Ataíde Brás, residente no Bar Caravela em Faro, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do respectivo anúncio, citando a Executada PEGANDE-MATERIAS DE CONSTRUÇÃO E REVESTIMENTO, LDA., para no prazo de cinco dias, findo os dos editos, deduzir oposição, pagar à exequente ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido à exequente o direito de nomeação de bens à penhora, sendo a dívida proveniente de uma letra de 33 000\$00, mais 1014540 de juros de mora à taxa de 6 % ao ano desde 15/8/80, e ainda dos juros que a partir dessa data se vierem a vencer até integral pagamento.

A oposição deverá dar entrada na Secretaria do 7.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, instalada no 5.º piso do Palácio da Justiça desta cidade.

Para constar, se passou este e mais dois de igual teor que serão legalmente afixados.

Lisboa, 15 de Outubro de 1981.

O Juiz de Direito — a) Zeferino David Faria.

O Escrit.º Judicial, — a) Joaquim Vinagre Mantelgas.

— D.L.º — 24/10/81
2.ª Publicação

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DO PORTO

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz-se público que na Acção Sumária n.º 8516-8 proposta por Proquicheme — Produtos Químicos Industriais, Lda., com sede na Av.ª Conselheiro Fernando de Sousa, n.º 19-10 Esq.º — Lisboa, nos termos do artigo n.º 1241 do CPC por apenso à falência de ECO — Empresa de Construção e Obras Públicas, são citados os credores para contestarem apresentando a defesa no prazo de 10 dias que começa a correr depois de finda a dilação de 10 dias, contada da 2.ª e última publicação do anúncio. Naquela acção o autor pede que o seu crédito de 86.817990 seja reconhecido e graduado no lugar que lhe compete.

Porto, 14 de Outubro de 1981

O Juiz de Direito.

a) Rui Manuel Brandão Lopes Pinto

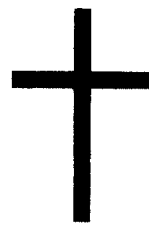
O Escriturário da 3.ª sec.

a) António Armando Ferreira da Silva e Sousa.

D.L. 24/10/81

2.ª Publicação

BARREIRO



AGRADECIMENTO

A família de José Ricardo Abreu Costa Brito, agradece reconhecidamente a todos quantos com amizade os acompanharam na sua dor.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ÁGUEDA

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

(1.ª Publicação)

Nos termos do art.º 8.º do Dec.-Lei n.º 619/76 de 27 de Julho, faz-se saber que neste Tribunal, no dia 21 de Julho de 1981 foram julgados FRANCISCO JOSÉ FERREIRA DE MELO e RUI MANUEL FERREIRA DE MELO, residentes em Aveiro, como representantes da firma Riel — Representações, Importação e Exportação Lda., com sede em Travassó — Águeda, nos autos de Processo Correccional n.º 1173/80 que lhes moveu o Ministério Público pela infracção ao disposto nos art.ºs 1.º, n.º 1, al. f) e 2.º, n.º 1, al. b) ambos do Dec.-Lei n.º 619/76 de 27 de Julho (falta de pagamento do imposto de transacção), tendo sido condenados, cada um deles, na pena de 30 dias de prisão substituída por multa à razão de 600\$00 por dia (18.000\$00) ou em alternativa desta em 30 dias de prisão e nas demais custas do processo.

Águeda, 8/10/1981
O Juiz de Direito
João Mendonça Pires da Rosa
O Escrivão de Direito
António Pinheiro de Melo



Caminhos de Ferro Portugueses

REPOSIÇÃO DOS COMBOIOS DE E PARA ALGÉS

A partir do dia 2 de Novembro, será melhorado o serviço de passageiros, com a reposição dos comboios de e para Algés.

Estas circulações, da série 900, constam no Cartaz Horário H. 38, afixado em todas as estações.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 2407/81
1.ª Secção

Pela 1.ª Secção deste Juízo e nos autos de Execução Sumária, em que é Exequente o Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P. e Executada PEGANDE — Materiais de Construção e Revestimento, Lda., que teve a sua sede conhecida na Rua Ataíde de Oliveira, 81-B, em Faro, correm editos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquela executada, para

no prazo de CINCO DIAS, posterior ao dos editos, deduzir, oposição à execução, ou pagar ao exequente a quantia de 30 744\$70 e juros, ou, ainda, nomear bens à penhora suficientes para pagamento de tal importância, sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora, independentemente de despacho, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição, patente nesta Secretaria, sita ao 5.º Piso do Palácio da Justiça.

Lisboa, 14.10.1981

O Juiz de Direito,

(João Augusto de Moura Ribeiro Coelho)

O Escrivão adjunto,

(Vitor Manuel dos Santos Janeiro Benjamim)

— D.L.º — 24/10/81
2.ª Publicação

«AIDA PERREIRA, LIMITADA»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Setembro do corrente ano, lavrada de folhas 62 a 63 verso do livro de notas 41-E, deste 14.º Cartório Notarial de Lisboa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

- 1.ª A sociedade adopta a firma «AIDA PERREIRA, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento nesta cidade de Lisboa, freguesia de Coração de Jesus, na Rua Bernardo Lima, n.º 25, e a sua duração é por termo indeterminado, a partir de hoje;
- 2.ª O seu objecto é o comércio e indústria de artigos de perfumaria e beleza, importações e exportações, ou qualquer outro ramo de negócio que seja deliberado em Assembleia Geral;
- 3.ª O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de cinquenta mil escudos, e corresponde à soma de duas quotas: uma de trinta e sete mil e quinhentos escudos pertencente à sócia Aida Maria da Cruz Pereira e outra de doze mil e quinhentos escudos, pertencente à sócia Isabel Nogueira da Cruz Pereira;
- 4.ª Não são exigíveis prestações suplementares de capital, podendo qualquer sócio fazer supimentos à sociedade, com ou sem juros, conforme for deliberado em Assembleia Geral;
- 5.ª A gestão e administração da sociedade incumbem a ambas as sócias, que desde já ficam nomeadas gerentes, com dispensa de caução e com as remunerações, conforme for deliberado em Assembleia Geral;

PARÁGRAFO PRIMEIRO: Para obrigar a sociedade é necessária e suficiente a assinatura da sócia-gerente Aida Maria da Cruz Pereira ou a assinatura conjunta de duas gerentes, podendo aquela sozinha assinar a escritura pela qual a sociedade vai tomar de trespasso o estabelecimento comercial, sito na dita Rua Bernardo Lima, n.º 25, em Lisboa;

PARÁGRAFO SEGUNDO: Os gerentes poderão delegar, em quem entenderem, todos ou parte dos seus poderes de gestão, mediante as respectivas procurações, e a sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo 256 do Código Comercial;

6.ª A divisão e cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da sociedade;

7.ª A convocação das assembleias gerais será feita por meio de carga registada, com aviso de recepção, dirigida a cada um dos sócios, com a antecedência mínima de oito dias, salvo nos casos em que a lei prescreva prazos e formalidades especiais. Está conforme ao original, nada havendo na sua parte omitida em contrário ou além do que neste extracto se narra e transcreve.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial, aos um de Outubro de mil novecentos e oitenta e um.

Assinatura elegível

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

ANUNCIO

Concurso n.º 3-1862/81-P

Equipamento de endoscopia pediátrica para o Bloco Operatório do Hospital de D. Estefânia.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 18 de Novembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Cívicos de Lisboa, em 9 de Outubro de 1981.

Pel'º Chefe de Serviço
Júlio José Mendes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo n.º 1/602, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Minde, concelho de Santarém, de uma linha aérea a 30 KV com 137 metros, do poste n.º 1 da linha para o P.T. ACN n.º 20 C de Carreira & Filho, em Minde, ao posto de transformação ACN n.º 22 C da Fábrica de Construção de Máquinas de Joel da Silva Alves, Lda., sito no lugar de Mirão.

Todas as reclamações contra aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 30 de Setembro de 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

exclusivo

CEE — EUA — JAPÃO

Uma guerra comercial

AS relações comerciais da CEE estão em crise. A comunidade encontra-se a meio caminho de uma «guerra comercial» com as duas maiores potências do mundo ocidental: o Japão e os Estados Unidos. E, embora sejam muito diferentes as características de uma e outra, sobram razões para formular tal juízo.

A «guerra» das axas

Com os Estados Unidos, as relações começaram a ficar tensas a partir da altura em que Washington iniciou uma ofensiva monetária e comercial contra a Europa Ocidental. A elevação das taxas de juro norte-americanas provocou um afluxo do capital livre de todas as partes do mundo capitalista para Wall Street o que, por sua vez, originou uma brusca subida da cotação do dólar em relação às outras moedas ocidentais. Neste processo, as divisas dos Estados europeus tornaram-se quase 25 por cento mais «leves» em comparação com o dólar.

À quebra financeira, sucedeu-se um agravamento das dificuldades económicas: o desemprego avança rapidamente para o recorde de 9 milhões de pessoas; a inflação alcançou os 10 por cento anuais e o défice do comércio externo do Mercado Comum com os EUA atingiu os 28 mil milhões de dólares.

A este respeito, recordem-se as palavras do ministro da Economia e Finanças da França, Jacques Delors, que declarou abertamente na conferência de Luxemburgo da Comunidade: «os EUA exigem que os seus aliados europeus façam importantes contribuições para a defesa, levando ao mesmo tempo a cabo uma estratégia económica que causa sérios prejuízos à CEE».

Gozando do indubitável predomínio do seu capital na Europa, onde têm importantes investimentos, os monopólios americanos transformaram-na num mercado cómodo para os seus artigos. Por outro lado, mediante uma legislação comercial rígida, protegem o seu mercado interno da infiltração do aço, equipamentos, máquinas e outros produtos europeus. Esse facto comunicou ao desequilíbrio comercial da CEE um carácter crónico, e fez do comércio um instrumento de pressão dos EUA sobre os países da Comunidade.

A crise dos automóveis

Em relação ao Japão, o desequilíbrio tem origem no afluxo de mercadorias deste país aos mercados europeus, altamente concorrenciais devido aos seus baixos preços. A situação chegou ao ponto de se poder afirmar claramente que, em matéria de exportações, os monopólios japoneses desencadearam uma verdadeira ofensiva contra a Europa Ocidental.

A partir de 1977, o aumento anual da venda de automóveis japoneses na Europa Ocidental subiu 50 por cento. Actualmente, circulam nas estradas do «velho mundo» 500 mil veículos produzidos no Japão.

A situação é agravada pelo carácter desequilibrado do comércio. Hoje em dia, as exportações japonesas de automóveis para a Europa são quase 20 vezes maiores que as do «velho mundo» para o Japão.

Nos primeiros quatro meses deste ano, o saldo activo geral do Japão no seu comércio com o Mercado Comum aumentou 44 por cento, totalizando a astronómica soma de 3,6 mil milhões de dólares.

Depois de os EUA terem conseguido, há pouco tempo, restringir as exportações japonesas de automóveis em 7,7 por cento, os ministros das Relações Externas da Comunidade Económica Europeia também tentaram persuadir o Japão a limitar a exportação dos seus veículos para o mercado europeu.

«Dividir a frente»

No entanto, o Japão, como resposta, não só se nega a negociar com a CEE, como — segundo o jornal «Sankei Shimbun» — tenta «dividir a frente da Comunidade e, assim, derrotar um por um os seus adversários».

As negociações que nas vésperas da viagem do primeiro-ministro japonês Suzuki se realizaram em Paris entre os consórcios automobilísticos da Europa Ocidental e do Japão, foram outra tentativa da CEE para equilibrar o comércio. Mas as conversações não deram os frutos apetecidos, negando-se os japoneses a «autolimitar» as suas exportações para a Europa.

Durante a estadia de Suzuki, este apenas fez promessas neste sentido ao chanceler da RFA, Helmut Schmidt, e recusou-as à França e à Inglaterra. Deste modo, a Alemanha Federal fez um acordo separado com o Japão, e este atingiu parcialmente o seu objectivo de «cindir a frente antijaponesa».

Brasil

O abismo entre pobres e ricos

Amaldo Cesar

IPS

COM uma população de mais de 120 milhões de habitantes — que o coloca entre os seis mais populosos países do Mundo —, na década de 70 metade da população economicamente activa do país conseguiu participar somente de 16 por cento do rendimento nacional. Em 1980, esta participação diminuiu para 13,1 por cento.

Em pequenas doses, como se fossem poções homeopáticas, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vem divulgando as cifras do último censo realizado no ano passado, as quais revelam que, apesar da fraseologia dos tecnocratas, o abismo entre ricos e pobres aumentou. Os ricos ficam com a maior parte do rendimento nacional: 5 por cento mais rico da população urbana aumentou a sua participação de 30,3 por cento em 1970, para 34,7 por cento em 1980. E um por cento mais rico desse sector passou a sua participação de 13 para 14 por cento nos mesmos dez anos.

A situação no campo apresenta uma concentração do rendimento muito mais grave ainda. Segundo o I.B.G.E., a participação de 10 por cento da população rural mais rica passou de cerca de 33,8 por cento do rendimento em 1970 para uns 53,4 por cento em 1980. 1 por cento mais rico do sector rural passou de 10,5 por cento para 29,3 por cento no mesmo período.

Logo que estas cifras apareceram nas páginas dos jornais, desencadeou-se uma verdadeira guerra entre os economistas do Governo e os da Oposição. Cada variação nas percentagens começou a ter um significado diferente para as diversas correntes que se debruçaram sobre a interpretação das cifras.

O presidente do IBGE, Jesse Montello, muito ligado ao ministro da Planificação, António Delfim Neto — chamado o «Czar da economia brasileira» —, foi o primeiro a

lançar-se na discussão. As suas análises, previsivelmente, foram optimistas. Como o rendimento per capita no país passou de 1460 para 1790 dólares no espaço de 10 anos, Montello considera que «o Brasil está a melhorar e a tendência é diminuir ainda mais o número de pobres».

Certamente, a frieza das cifras não encontram apoio na realidade, já que as condições de vida dos brasileiros, a despeito do crescimento do seu rendimento per capita, pioraram em comparação com as décadas anteriores.

Para ter uma ideia ainda mais clara, haveria que tomar em consideração a estrutura dos gastos. Nas grandes cidades, os gastos em transporte ocupava 12 por cento do orçamento per capita. Agora chega aos 25 por cento. Na cidade de São Paulo, a maior do Brasil, a população que vive nas «favelas» (bairros marginais) passou de 2 por cento para quase 10 por cento, num igual período de tempo.

Defende-se que se registaram aumentos nos rendimentos, mas o grande problema, na opinião da economista Maria da Conceição Tavares, presidente da Associação de Economistas do Rio de Janeiro e famosa pelas suas críticas contra a actual política económica, é «saber a que mãos foi parar este aumento da riqueza».

Os defensores da tese lançada pelo ministro Delfim Neto de que «a torta tinha de crescer para depois ser dividida», só tomam em conta os números absolutos e não descem aos detalhes para evitar chegar à conclusão de que «a partilha do crescimento foi horrível», segundo afirma a economista. Por seu lado, os assessores do ministro Delfim Neto pretendem rebater esta crítica com o argumento de que os primeiros números do IBGE mostravam que o caminho seguido por eles era correcto.

«Em todo o mundo — afirmou Carlos Viacava, secretário-geral do Ministério da

Fazenda —, nos períodos de crescimento acelerado, a tendência num primeiro momento é para a concentração do rendimento, mas quando se chega ao nível dos 1800 dólares per capita, as coisas começam a ser repartidas de maneira mais justa».

No entanto, Viacava não quis dizer quanto tempo mais irá demorar aquilo que domina por «período de crescimento», ainda que o decorrer quotidiano da vida dos brasileiros tenha deixado claro que quanto mais se espera este «crescimento da torta», mais aumentam os descontentamentos sociais, as desigualdades tornam-se mais evidentes e a concórdia social afasta-se cada vez mais.

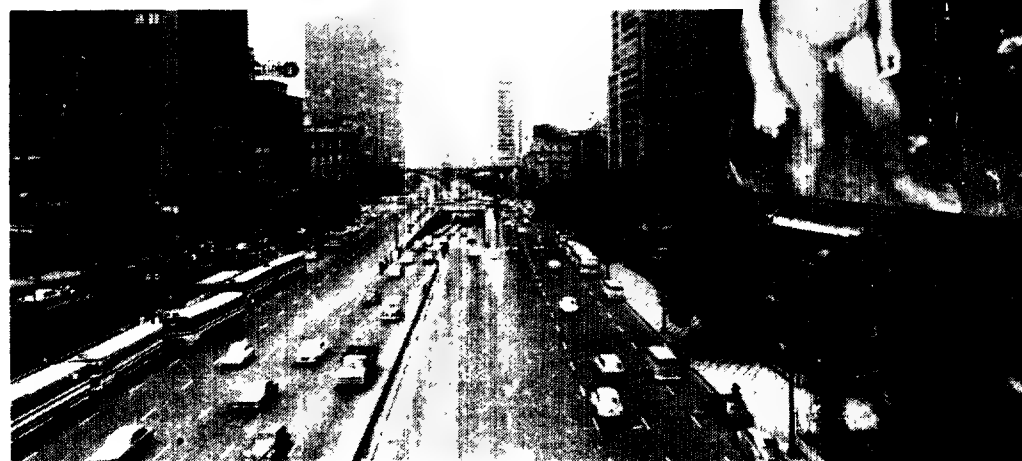
Independentemente desta polémica, os novos dados do censo de 1980 trouxeram algumas novidades em relação ao perfil da população brasileira. Considerada como uma nação jovem, o Brasil está a envelhecer. Com a diminuição das taxas de mortalidade — de 9,8 por cento para 8,1 por cento — a esperança média de vida aumentou de 52,8 para 57,9 anos. As pessoas com mais de 60 anos, que anteriormente compreendiam uns 5,1 por cento da população,

representam hoje 6,5 por cento.

Por outro lado, o índice de analfabetismo também diminuiu. Passou de 30,6 por cento em 1970 para 24,7 por cento em 1980. Aqui também, surge outro tema de discórdia. Os critérios adoptados pelo I.B.G.E. para medir o analfabetismo são os mesmos que os utilizados pela legislação eleitoral: basta que a pessoa escreva o seu nome para que seja considerada alfabetizada. Não importa se sabe ler ou escrever outras palavras, isto é, se na realidade é um analfabeto funcional.

Por outro lado, a mortalidade infantil continua a ser elevada, embora haja registado uma ligeira diminuição: de 11,6 por cento em 1970 passou para 9,6 por cento em 1980.

No que se refere ao êxodo rural, este acentuou-se. Actualmente 67,5 por cento dos 120 milhões de brasileiros vivem concentrados nas cidades, especialmente nos grandes centros urbanos. Esta concentração vem-se verificando apesar de o Governo ter investido muitos milhares de milhões de dólares na expansão agrícola que é considerada prioritária.



DESPORTO

Unidade africana passa pelo desporto

O primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, salientou em S. Vicente a importância da aplicação dos princípios da unidade africana a todos os níveis, nomeadamente no domínio das actividades desportivas.

Pedro Pires falava durante a sessão de abertura da sétima reunião ministerial da zona dois do conselho superior dos desportos de África (CSSA), que se iniciou na cidade de S. Vicente.

«Somos parte do mundo africano, interessa-nos alargar o intercâmbio com África», sublinhou o primeiro-ministro perante as delegações de sete dos oito países membros da zona dois do CSSA.

A delegação da Serra Leoa

não está presente na reunião, sem que se conheçam ainda as razões da ausência.

Todos os outros estados estão representados em S. Vicente para esta reunião que termina no sábado e a que assiste pela primeira vez o secretário-geral do CSSA, Garang Coubaly.

A zona dois, apontada pelo secretário-geral do CSSA como a mais activa daquele organismo, é constituída pelo Senegal, Guiné Conacri, Guiné Bissau, Mauritânia, Serra Leoa, Mali, Gâmbia e Cabo Verde.

O CSSA foi criado em 1966 sucedendo ao comité permanente dos desportos africanos, instituído no ano anterior, em Brazaville.

Ginástica rítmica

Elsa Lebre melhor portuguesa

Elsa Lebre foi a portuguesa melhor classificada (75.º lugar) nos Campeonatos Mundiais Individuais de Ginástica Rítmica, em Munique, sob forte domínio das atletas búlgaras.

Elsa Lebre totalizou 33,95 pontos, mais 0,5 pontos do que a sua irmã Cristina que terminou na septuagésima sétima posição, um posto à frente da outra portuguesa presente, Maria João Falcão (33,73).

As búlgaras Anelia Ralen-

kova, Iliana Raeva e Lília Ignatova conquistaram os primeiros postos, com 39,15, 39,05 e 39,05 pontos, seguidas das soviéticas Irina Devina e Palya Klitkaite, com 38,75 e 38,40 pontos.

Por equipas, foram classificadas para a final, as seguintes:

1.º, Bulgária, 38,95 pontos; 2.º, URSS, 38,50; 3.º, Checoslováquia, 37,80; 4.º, Japão, 37,45; 5.º, Espanha, 36,70; 6.º, RFA, 36,65; 7.º, Polónia, 36,60 e 8.º, Itália, 36,40.

Ginásio Clube Português: mais além em cada hora

Belo, verdadeiramente salutar é o exemplo do Ginásio Clube Português, prestes a cumprir 107 jovens anos de vida, as portas abertas das sete às 24 horas, para tudo o que seja praticante amador de qualquer disciplina desportiva.

O prestigioso grémio das Águas Livres teve agora uma reunião com os Órgãos de Comunicação Social e contou do que tem feito e do que sonha tornar realidade. No Ginásio Clube, a preponderância maior vai para a ginástica, basezinha de tudo o mais: ginástica desportiva (masculina e feminina), rítmica, minitrampolim, cama elástica. Outras modalidades são igualmente de plano cimeiro: esgrima, halterofilia, judo, ténis de mesa, tiro com arco, tiro de pressão de ar, como também é alto o nível das classes de ginástica especial (homens), jazz (feminina), saltos no tapete, senhorinhas, delfins, ballet, dança moderna, jogo do pau e Karaté. Existe, igualmente, o «Grupo de corrida», que em provas populares de atletismo vai marcando curiosa presença.

Autêntica e indelével «casa de saúde», o Ginásio Clube Português tem (vejam

só!) 136 classes em acção: e, dentro de dias, o número chegará a 142. Desde musculação a aikido, do boxe ao yoga, há 7500 praticantes para uma população associativa de 10 mil pessoas!

Para melhor se aferir da grandeza da colectividade, basta atentar em números: 54 professores, dez pianistas, 53 outros colaboradores remunerados ou funcionários permanentes. Só em ordenados anuais despendidos para a actividade gimnástica, vão 16 mil contos, embora o leque de carinho estendido pelo Ginásio Clube Português contemple 150 crianças que não gastam um centavo para a sua cultura física: meninos de idade inferior a 12 anos, das Juntas de Freguesia de S. Mamede e Santa Isabel, familiares de trabalhadores do clube ou protegidos de órgãos de Imprensa.

O quadro profissional de responsáveis é vasto: prof. João Manuel de Jesus (acessor técnico/pedagógico), António Mota Cerveira Ferreira (secretário permanente), Telmo Fernandes (adjunto desportivo) comandam um corpo docente de alta qualidade. Responsáveis em ginástica: Ângelo Caruso, Sídónio Serpa, João Oliveira

Duarte, Teresa Abrantes, Hermenegildo Candeias, Telmo Fernandes, Enedino Alvarez, Fernando Trindade, Josefina Cruz, Filomena Fonseca, Portas Figueiredo, João Pedro Graça, Aurélio Ribeiro, Alice Rodrigues, Adelino Calado, João Branco, Maria Ângela, Renate Jorns, Rui Lopes, Inês Marinho, Leal de Almeida, Ana Isabel, Isabel Freire, Cristina Martins, João Albuquerque, Isabel Roque, Arménia Lemos, Oliveira Duarte, Luísa Contreiras e João Pereira.

Pianistas: Herondina Pinheiro Caetano, Carlos Fernandes Carlos, David Silva, Mariana Rodrigues, Maria de Lurdes Januário, Maria Helena Galvão, Ema Vinhais, Paulo Barreto, António Cortezão e Maria Mercês.

Outras modalidades: João Faustino, Mário Santos, Joaquim Guerreiro e Pedro Girão (Aikido); Georgina Villas-Boas (Ballet); Eduardo Alves (Boxe); Teresa Chaves e Madalena Campos (Dança Moderna); Magalhães Pedroso (Dança de Salão); Maria José Bastos (Dança de Folclore); João Pedro Vinha (esgrima); Joaquim Costa (Halterofilia); Nuno Russo (Jogo do Pau); Joaquim Barata, Armando Barata e António Barata (Judo);

Luís Cunha, Luís Carvalho e José Martinho (Karaté); Raul Silva (Musculação); Ana Vaz e Ricardo Avelar (Tiro com Arco); Nunes Henriques (Tiro de Pressão de Ar); Helena Freitas Branco e Clotilde Ferreira (Yoga).

O GCP inscreveu cinco classes na «Gymnaestrada»: especial de homens (prof. Sídónio Serpa), jazz (prof. Rui Lopes), minitrampolim (prof. João Pedro Graça), mista especial (prof. Oliveira Duarte) e veteranos (prof.ª Teresa Abrantes). A festa vai processar-se em Julho do ano próximo: oxalá dificuldades financeiras não travem o passo a este bloco de turmas, no seu caminho para a maior manifestação mundial de ginástica.

Hora de esplendor através do Ginásio Clube Português, com o nome do seu símbolo a baptizar a Praça até aqui das Águas Livres. No mapa, muitas coisas prestes a conhecerem realização: sessão de música e poesia, recitação natalícia, simultâneas de xadrez, excursão à Itália com embaixada desportiva, exposição fotográfica, organização de uma travessia a pé da «Ponte 25 de Abril». Um clube projecta-se, em cada minuto, mais além no tempo.

Neves de Sousa



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

AVISO

CONCURSO DOCUMENTAL PARA PROVIMENTO DE 1 LUGAR DE TÉCNICO SUPERIOR DE 2.ª CLASSE

Faz-se publico que de harmonia com a deliberação do Conselho de Administração de 19.10.81, se encontra aberto, pelo prazo de 15 dias, a contar do dia seguinte ao da publicação no «Diário da República», concurso documental para provimento de um lugar de técnico superior de 2.ª classe, ao qual corresponde o vencimento líquido de 24 300\$00, letra G, sendo o local de trabalho na área de intervenção dos S. Municipalizados.

A este concurso poderão candidatar-se todos os indivíduos que satisfaçam os requisitos estabelecidos no artigo 14.º do Decreto Regulamentar n.º 68/80 de 4 de Novembro.

- a) Nacionalidade portuguesa
- b) Idade não inferior a 18 anos
- c) Sanidade mental e física para o desempenho das funções próprias do cargo
- d) Ausência de pena disciplinar ou de condenação por crime que inabilitem para o exercício de funções públicas
- e) Cumprimento dos deveres militares ou de obrigação de serviço equivalente
- f) Curso superior de engenharia civil (ramo Hidráulico)
- g) Bilhete de Identidade actualizado

Os candidatos deverão apresentar na Secretaria destes Serviços requerimento, em papel selado, dirigido ao presidente do conselho de administração, com a assinatura sobre um selo fiscal de 100\$00, devidamente reconhecida pelo notário, onde indiquem o nome completo, filiação, naturalidade, data de nascimento, estado civil, número e data do Bilhete de Identidade, bem como o serviço de identificação que o emite e a residência.

Os requerimentos devem declarar, em alíneas separadas e sob compromisso de honra, a situação em que se encontram relativamente a cada uma das condições a que se referem as alíneas a) d) e f) supracitadas.

Os candidatos deverão apresentar curriculum vitae podendo especificar no requerimento quaisquer circunstâncias que reputem susceptíveis de influírem na apreciação do seu mérito ou de constituírem motivos de preferência legal.

Os processos de avaliação constarão de apreciação curricular e eventual entrevista se o júri o entender necessário.

O concurso é válido só para esta vaga.

Oeiras, 23 de Outubro de 1981

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Alfredo Carreiro Melo de Carvalho



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

AVISO

CONCURSO DOCUMENTAL PARA PROVIMENTO DE 1 LUGAR DE TÉCNICO SUPERIOR DE 2.ª CLASSE

Faz-se publico que de harmonia com a deliberação do Conselho de Administração de 19.10.81 se encontra aberto, pelo prazo de 15 dias, a contar do dia seguinte ao da publicação no «Diário da República», concurso documental para provimento de um lugar de técnico superior de 2.ª classe, ao qual corresponde o vencimento líquido de 24 300\$00, letra G, sendo o local de trabalho na área de intervenção dos Serviços Municipalizados.

A este concurso poderão candidatar-se todos os indivíduos com pelo menos cinco anos de actividade profissional (de preferência na Função Pública), sendo três de experiência em gestão de pessoal, que satisfaçam os requisitos estabelecidos no artigo 14.º do Decreto Regulamentar n.º 68/80 de 4 de Novembro.

- a) Nacionalidade portuguesa
- b) Idade não inferior a 18 anos
- c) Sanidade mental e física para o desempenho das funções próprias do cargo
- d) Ausência de pena disciplinar ou de condenação por crime que inabilitem para o exercício de funções públicas
- e) Cumprimento dos deveres militares ou de obrigação de serviço equivalente
- f) Curso superior adequado
- g) Bilhete de Identidade actualizado

Os candidatos deverão apresentar na Secretaria destes Serviços requerimento, em papel selado, dirigido ao presidente do conselho de administração, com a assinatura sobre um selo fiscal de 100\$00, devidamente reconhecida pelo notário, onde indiquem o nome completo, filiação, naturalidade, data de nascimento, estado civil, número e data do Bilhete de Identidade, bem como o serviço de identificação que o emite, e a residência.

Os requerentes devem declarar, em alíneas separadas e sob compromisso de honra, a situação em que se encontram relativamente a cada uma das condições a que se referem as alíneas a) d) e f) supracitadas.

Os candidatos deverão apresentar curriculum vitae podendo especificar no requerimento quaisquer circunstâncias que reputem susceptíveis de influírem na apreciação do seu mérito ou de constituírem motivos de preferência legal.

Os processos de avaliação constarão de apreciação curricular e eventual entrevista se o júri o entender necessário.

O concurso é válido só para esta vaga.

Oeiras, 20 de Outubro de 1981

O Presidente do Conselho de Administração
Alfredo Carreiro Melo de Carvalho

DESPORTO

Congresso de Medicina Desportiva terminou hoje em Lisboa

Temas relacionados com o coração, metabolismo e desporto ocuparam ontem o segundo dia do Primeiro Congresso Nacional de Medicina Desportiva, que termina hoje em Lisboa.

Na sessão foram apresentados por especialistas portugueses seis comunicados sobre estes temas, abordando as alterações que se produzem no coração consoante o esforço do atleta.

O limiar anaeróbico e a avaliação do desportista deficiente foram os outros dois temas que ocuparam os congressistas.

Para os congressistas a importância deste primeiro congresso nacional relaciona-se com a definição de carreiras da profissão, cuja especialização já foi reconhecida pela ordem dos médicos.

O congresso que decorreu nas instalações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, encerra com a apresentação de temas relacionados com a biomecânica, preparação psicológica do desportista de elite e a avaliação e controlo do treino em atletas adolescentes do sexo feminino.



Nené: não teve a honra da convocação para o lote dos que jogam em Israel e entra agora porque houve necessidade de substituir Eliseu

Taça de Portugal para encher domingo de futebol

A Taça de Portugal está à porta. Hoje jogam-se, antecipadamente, Louletano-Machico e Serpa-Faial. No conjunto realizam-se, este fim-de-semana, 64 encontros, envolvendo 96 equipas da 3.ª Divisão e 32 dos distritais. Observe-se o calendário:

Entre clubes da III Divisão

Zona Norte

Lourosa-Vizela, Sendim-Maria da Fonte, Paredes-S. Martinho, Mogadouro-Paços Brandão, Ribeirão-Cabeceirense, Vilanovense-Prado, Vilaverdense-Infesta, Mirandela-Monção, Riopele-Candal (a), Tirsense-Moreirense, Valadares-Ovarense, Ponta da Barca-FC Lixa (a) e Vianense-Ermesinde.

Zona Centro

Tondela-«Os Marialvas», Mangualde-Alcains, Caldas-Estarreja, Campomaiorense-Vilademoinhos, Esperança AC-Marrazes, Bombarralense-Penalva do Castelo, Seia-Valcovense, Febrès-Almeirim, Alpalhoense-Estrela de Portalegre, Torres Novas-Alba, Anadia-Alferrarede e Viseu e Benfica-Pedrolhense.

Zona Sul

Vilafranquense-Alvorense, Moitense-Tires, Coruchense-SL Olivais, «Os Oliveirenses» (Açor.)-Torriense, Sesimbra-Santiago de Cacém, Silves-Vitória de Lisboa, Atlético-Olhansense, Loures-Oriental, Trafaria-Redondense, Olivais e Moscavide-Beja, Angrense-Aljustrelense e Seixal-Atlético Cacém.

Entre clubes da III Divisão e dos distritais

Zona Norte

Marco-Celoricense, Castelo da Maia-Régua, Cerveja-Carvalhais, Fiães-Valonguense,

Aves-Pedras Salgadas, Limianos-Desp. Luso.

Zona Centro

Paços-Vieirense, Naval-Gouveia, Quaias-Tortosendo, Pextrafil-SL Marinha, Sousense-U. Tomar, Pombal-Elétrico e Marinhense-Santacombadense.

Zona Sul

Sp. Ideal-Campinense, Lus. Vila Real-Palmelense, «Os Unidos»- Comércio e Indústria, B.-Mar Almada-Pêro Pinheiro (a), Estrela V. Novas-Almada, Odivelas-B.-Mar de Faro e Buce-lense-Moura.

Entre clubes dos distritais

Zona Norte

Maximinense-Macedo de Cavaleiros e JA Rio de Moinhos-Sabrosa.

Zona Centro

Riachense-Salvaterrense e Maceirinha-Soutocico.

Zona Sul

«Os Leões»-Futebol Benfica.

Nené para Israel

Nené, que estava indicado para a selecção nacional, que amanhã embarca com destino a Israel, apenas entre os cinco elementos que completam o grupo de 22 acabou por ser chamado pelo seleccionador, isto porque Eliseu retornou a casa depois do dr. Camacho Vieira constatar a sua impossibilidade de jogar por estar lesionado.

França-Portugal «com bola de homens»

O futebol feminino cá da lusa terra promete ir de vento em popa. Já era conhecida, espe-

cialmente, a equipa do Boavista e o jeitinho que as meninas têm para tocar a bola. Agora surge a organização do pontapé feminino mas a nível de selecção. Com ela o primeiro encontro oficial entre as selecções portuguesa e francesa que hoje decorrerá em Le Mans.

O encontro será disputado com bola igual à dos desafios masculinos, por insistência das portuguesas, contrariamente ao que é hábito entre as francesas, que utilizam uma «redonda» de dimensões mais reduzidas.

As jogadoras lusas deverão alinhar assim, segundo informação prestada pelo seleccionador nacional, Sousa Ribeiro: Alice (Boavista); Paula Freitas (Boavista), Tato (Leixões), Eva e Alfredina (Leixões); Paula Leça, Isabel Santos e Sílvia (boavisternas).

Arbitragem uruguaia em maus lençóis

Sete membros do Conselho de Arbitragem da Federação Uruguaia de Futebol apresentaram a demissão sob forte pressão de alguns clubes, agravando o ambiente de crise em que vive a modalidade.

O presidente do Conselho de Árbitros, coronel Hugo Campos, comunicou a decisão de se demitir, no que foi acompanhado por outros seis membros do organismo.

O mau ambiente em redor da arbitragem no Uruguai surgiu com o descontentamento de alguns clubes face às designações



O futebol feminino entre nós começou a dar nas vistas a partir dos brilharetes das meninas boavisternas, na foto, ostentando as faixas de campeãs nacionais.

Karpov-Korchnoi

Especialistas acertaram ao prever o empate

A oitava partida do mundial de xadrez em Merano, Itália, entre o titular Anatoly Karpov e o pretendente Viktor Korchnoi terminou empatada e Karpov manteve a vantagem de 3-1.

O campeão soviético, 30 anos, jogando com as brancas, propôs o empate, depois do octogésimo lance, que Korchnoi aceitou sem hesitação.

A partida tinha sido interrompida quinta-feira ao quadregésimo primeiro lance e os especialistas opinaram que o empate era o resultado mais provável.

Os especialistas consideraram que Korchnoi, 50 anos, abandonou o esquema defensivo numa partida que durou cerca de dez horas e na qual se registou o quarto em-

pate entre os dois grandes mestres.

O britânico Michel Stean, auxiliar de Korchnoi, disse que Karpov não aproveitou a vantagem de que dispunha na altura da interrupção.

«Mas Korchnoi, pensando que a partida terminaria empatada, não prestou a atenção devida e passou por momentos de apuro», acrescentou.

Os dois opositores, que se recusaram de novo a cumprimentarem-se antes do início da partida, voltam a defrontar-se hoje na nona partida do match.

O primeiro xadrezista a somar seis vitórias conquistará o título mundial, que pertence a Karpov desde 1975.

Os lances são os seguintes: Karpov (brancas) Korchnoi, 41... 42.F4; REMGX 4: 44.

B-F3; 45.B-E2; 46.T-A7; 47.R-D2; 48.TXD7; 49.G4; 50.F5; T-A8 (Lan... do); EXF4; C-B6; T... A4; T-D7; C-E6; BXD7; F5; 51 - BXF5; 52 - ... - BXD7; 54 - E6; 55 - ... - R-D3; 57 - C-G4; 58 - H6; 59 - R-D4; 60 - C-F7; 61-G7; C-F8; CXD7; CD-B6; R-F8; C-C8; R-E7; R-D6; C-E7; R-C7.

Karpov (brancas, 61. C-H5; 62. BXC5; 63. R-E3; 64. CXF6; 65. H5; 66. R-E4; 67. C-G5; 68. C-F4; 69. C-E8; 70. R-E3. Korchnoi, C5 +; C-C6 +; CXC5; CXE6; C-F8; R-B6; H6; C-E6; C-C5 +; C-A4.

71. R-D2; 72. CXB4; 73. CXH6; 74. C-F5; 75. H6; 76. R-D3; 77. R-D4; 78. CF-G7; 79. C-F6; 80. C-F5. B4; CXB4; C-C5; C-CD5; C-E4 +; C-G5; R-C6; C-E7; C-G6; empate.

«Fórmula 1 pode morrer de indigestão»

O construtor italiano Enzo Ferrari apelou para um boicote aos Grandes Prémios de Fórmula Um que não garantam a pagamento dos cachets às equipas.

O proprietário da mais prestigiosa escuderia italiana afirmou durante a sua tradicional conferência de imprensa de encerramento de temporada que a maioria das equipas de Fórmula Um enfrenta problemas económicos originados por dívidas dos organizadores de grandes prémios.

Ferrari, 83 anos, acusou o Grande Prémio da Holanda de não ter pago este ano à sua equipa e revelou que o Grande Prémio de Watkins Glen de 1980 e o de Espanha esta temporada apenas pagaram uma pequena parte do cachet.

O construtor disse que a sua equipa vai propor à associação de construtores, FOCA, um boicote aos grandes prémios de 1982, cujos organizadores não garantam o pagamento das verbas acordadas.

Ferrari não revelou a quantia devida por aqueles três Grandes Prémios, mas um dos seus adjuntos disse que as dívidas a todas as escuderias de Fórmula

Um ascendem a centenas de milhares de dólares.

Reafirmando a sua velha oposição aos patrocinadores comerciais, Ferrari disse que as somas excessivas pagas por patrocinadores aos pilotos e algumas escuderias fizeram subir os custos para os construtores auto-suficientes, como a Ferrari e a Renault.

«A Fórmula Um pode morrer de indigestão», afirmou Ferrari durante a reunião anual com a imprensa, na sua fábrica em Maranello Norte de Itália.

Ferrari revelou que as actividades desportivas custaram a sua companhia, produtora de carros de luxo, 5,8 bilhões de liras (cerca de 280 milhões de escudos) em 1981, quase duas vezes mais que em 1979.

Interrogado sobre a polémica utilização de suspensões hidráulicas por algumas equipas na última temporada, Ferrari disse não tencionar pedir à Federação Internacional (FISA) sua proibição.

«Não vamos pedir qualquer proibição, desde que as regras técnicas acordadas este ano (proibição do efeito solo) continue a ser respeitadas», disse.

Andebol

Argelinos vêm ganhar

Uma acentuada quebra física nos últimos dez minutos de jogo originou ontem à noite a desvelada derrota (17-23) da selecção portuguesa de esperanças de andebol frente à selecção da Argélia, em Almada.

No final do primeiro tempo, Portugal perdia por apenas um gol de diferença (10-11) e durante a segunda parte chegou a igualar aos 14-14.

A entrada para os dez minutos finais, a Argélia venceu por apenas 16-15.

A derrota portuguesa ficou a dever-se, sobretudo, à superior capacidade física da Argélia, mas os jogadores africanos superiorizaram-se também no plano técnico, graças à acção dos jogadores Bendjamil, autor de sete golos, Berguel e Manache.

O argelino Douballah foi expulso definitivamente no segundo tempo por agressão sem

bola a Domingos, um dos jogadores portugueses que mais contribuiu para o equilíbrio verificado na fase inicial do segundo tempo.

Na selecção de Portugal saíram-se João Manuel e ponta João Gabriel, mas Manuel Marques, o jogador mais experiente, decepcionou, raramente criando situações de perigo.

Perante cerca de 500 pessoas, alinharam e marcaram: Portugal: Francisco Silva (Faustino e Charneca), João Gabriel (2), João Carlos, João Manuel (5), Pires (3), Luís Filipe, Manuel Marques (2), Belone, Paiva (1), Eduardo Sérgio (1), Pinto, Domingos (2), Lacerda e Aguiar (1).

Argélia: Boussebt (Bakir e Mekoui), Oui (2), Hamiche (4), Bendjamil (7), Manache (4), Berguel (4), Douballah (1), Ben Sanra (1), Herbi, Azeb e Benhania.

Modigliani: da lenda ao pintor

por Aube Denard

Amedeo Modigliani chega a Paris em 1906; tem precisamente 20 anos. Muito rapidamente a sua beleza, a sua elegância, a sua sensibilidade de poeta, o seu talento desenvolvido pelo contacto com os mestres e os museus da sua Itália natal, lhe valem o cognome de «o príncipe de Montparnasse». Alguns anos depois, porém, uma lenda de artista maldito que desenha nos cafés por alguns vinténs e um copo de vinho, acompanhá-lo-á até à morte, ocorrida em 1921, na mais completa penúria.

Em 60 anos, uma única exposição das suas obras foi apresentada em Paris: a que a Galeria Charpentier organizou em 1958; no mesmo ano, um filme com Gérard Philipe, evocava a sua vida; Depois, nada mais... Foi portanto preciso esperar que o Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris festejasse o seu 20.º aniversário para que finalmente se prestasse homenagem ao artista e se levantasse o véu sobre uma lenda que dura há demasiado tempo.

Esta retrospectiva prestigiosa reúne duzentos e cinquenta quadros, desenhos e esculturas, e convida o visitante a entrar no mundo desse génio em busca da impossível perfeição.

Embora grande número de obras estejam ausentes da exposição — os organizadores não puderam «obter», entre outros, os Modigliani da colecção Chester Dale da National Gallery of Art de Washington, da Fundação Barnes de Filadélfia, os do Museu Real das Belas Artes de Copenhaga, nem muitos outros pertencentes a colecções particulares — o conjunto ofereceu um amplo leque dos trabalhos executados em pouco menos de doze anos (de 1907 a 1919). Como sublinha Bernadette Cottensou, Conservadora chefe do Museu de Arte Moderna, «a obra de Modigliani encontra-se praticamente enclausurada nas colecções particulares... mas, curiosamente, embora ela esteja à margem das grandes correntes históricas, suscitou sempre uma verdadeira paixão nos amadores que procuram na arte uma fonte de alegria e de contemplação».

Quando Modigliani chega a Paris, possui já uma sólida bagagem artística e cultural. Embora se instale em Montmartre, perto do «Bateau-Lavoir», onde Picasso se prepara para pintar as «Demoiselles d'Avignon», quadro que marca o nascimento do cubismo, ele não se liga ao «grupo de Picasso», pois a figura e a expressão porque ele se inte-



ressa, são então desdenhadas pelos cubistas.

Em 1907, Modigliani conhece o «seu» primeiro coleccionador, o médico Paul Alexandre que lhe compra os primeiros quadros (entre os quais figura «A judia») e incita-o a expor no Salão dos Independentes de 1908.

Enquanto pintor de figuras («Busto de mulher jovem sobre fundo azul» — «Retrato da baronesa H»), Modigliani não se vira para Derain, Matisse ou Braque, tal como o não fizera com Picasso, mas encontra um amigo em Utrillo, na companhia de quem o vêem deambular pelas ruas de Montmartre.

1911. Modigliani conhece o

escultor romeno Brancusi, um solitário, tal como ele apaixonado pela «figura» e em casa de quem irá trabalhar e iniciar-se no «talhe directo».

Modigliani instala-se então na Cité Falguière, em Montparnasse, e esculpe na pedra macia rostos que em nada se parecem com os que pinta: cabeças oblongas e nariz comprido e direito, olhos repuxados, eles parecem ter vindo de uma qualquer longínqua costa africana e encerram o mistério de uma outra era. O escultor sonha integrá-los num templo mediterrânico. O escultor Lipchitz, que conheceu Modigliani através de Max Jacob, escreveu sobre ele:

rece que ainda o estou a ver: inclinado sobre essas cabeças, explicando-me que a sua intenção era reuni-las num todo...

Foi a miséria ou a sua saúde já muito precária que o impediu de continuar a esculpir? Volta a pegar nos pincéis sempre que tem grande necessidade de dinheiro.

Escultor mais que pintor, ou vice-versa? Não importa; a escultura dá-lhe a ascese de que ele precisa para pintar. As cabeças de pedra expostas no Museu de Arte Moderna e os numerosos desenhos preparatórios que as acompanham (em especial a série das «cariatídes»), mostram como daí para o futuro ele vai ter

em conta a plástica escultura: os retratos manterão linhas singelas e muito puras, os seus nus voluptuosos terão uma graça e uma plenitude de onde está excluída toda a afectação; os planos e os volumes serão tratados em profundidade, a paleta do pintor acentua ainda mais essa impressão — o ocre, o laranja, o vermelho, fazem lembrar a argila seca ou a laterita africana — e sublinha com os tons acobreados o poder arcaico do corpo feminino, cujo rosto estreito prolonga o adelgaçamento pretendido pelo artista.

Entre 1910 e 1913, Modigliani apenas pinta uma dúzia de quadros; segue-se uma longa sucessão de retratos dos seus amigos — Max Jacob, Laurens, Kisling, Juan Gris, Cocteau, André Rouveyre, Soutine... mas também de desconhecidos e de raparigas dos encontros de acaso.

Em 1914, Max Jacob apresenta Modigliani a Paul Guillaume que irá comprar-lhe quadros regularmente para o manter. O pintor vive então com Béatrice Hastings, poetisa e jornalista inglesa. Ambos bebem e se drogam, alimentando com a sua vida agitada a crónica do bairro. Contudo, Modigliani pinta muito e Beatriz não é a sua única fonte de inspiração (resta uma dezena de retratos dela).

Em 1916, as relações entre ambos deterioram-se, e separam-se. A saúde do pintor agrava-se. É no decorrer desse mesmo ano que o negociante de quadros Leopold Zborowski apresenta Modigliani a vários colegas e a escritores como Francis Carco — Hanka, a mulher de Zborowski, torna-se um dos seus modelos — Depois, o artista volta aos nus deitados, sentados ou de pé: onze estão hoje expostos («Nu deitado sobre o lado esquerdo»), «Nu com colar...») da vintena que ele pintou nessa época.

Em 1917, Modigliani conhece Jeanne Hébuterne, que será a sua companhia até à morte; ela tem dezanove anos; alugam um estúdio na rua da Grande Chaumière. Leopold Zborowski organiza uma exposição na galeria de Berthe Weil mas, no dia da inauguração, a polícia retira os cinco nus expostos sob a acusação de ofensa ao pudor. Nenhum quadro se vende.

Modigliani continua a trabalhar e o seu «modo» modifica-se; os pescoços alongam-se desmesuradamente e ao ocre quente ele prefere agora os rosa pálidos: a sua mulher é o seu modelo preferido.

Apesar de uma estada que faz com ela no sul da França, as forças vão-se esgotando. Então ele trabalha rapidamente; os retratos tornam-se imateriais... A sua última obra é um auto-



-retrato: segura a paleta na mão, tem a cabeça inclinada e o olhar longínquo... é um adeus patético. Morre três dias depois no hospi-

Hours, pelo laboratório científico dos Museus de França, os organizadores lembram aos visitantes que Modigliani suscitou rapidamente o interesse dos falsários, que compreenderam todo o benefício que podiam tirar da sua obra, copiando-a, quando a cotação do pintor começou a subir.

Estas análises, se por um lado ajudam a distinguir o verdadeiro do falso, põem também em destaque o valor do trabalho do pintor, muito mais elaborado e preciso do que se pensava. Assim, as análises por raios X mostram que «sob o verde dos seus olhos cegos — tanto mais presentes quanto fingem estar ausentes — os verdadeiros Modigliani escondem o desenho dos olhos», mas também que o traço precedeu sempre a pintura.

Modigliani está longe da lenda; ele não foi apenas esse romântico belo que queimou toda a sua vida; ele foi, sobretudo, um grande pintor.

tal da Caridade. Jeanne Hébuterne atira-se da janela... Ao «integrar» os estudos feitos sob a direcção de Madame

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Falsificação: vale tudo?

A ostensiva desobediência

Informaram-nos antes de ontem que, por ordem do Conselho de Ministros, a programação diária da Televisão teria de acabar antes das onze horas da noite. Já dissemos que a ordem não foi cumprida nesse mesmo dia. Nem foi ontem. Eram 11 e 23 minutos quando fechou. Mas curiosamente, não puseram a funcionar o relógio público. De duas, uma: ou o relógio estava avariado, ou a Televisão sentiu vergonha.

Inclino-me para a primeira hipótese. Porque nisto da Televisão ter vergonha, quem é que acredita?

Como é, doutora?

Na rubrica «Pergunte conosco», onde Alice Cruz tem o ar e a voz solene das cartomantes, acontecem coisas bem misteriosas.

Ontem, uma telespectadora dos Olivais queixava-se que a filha sofria de diarreia. Queriam aconselhar-se...

Incrível, mas verdade. Todos sabemos que o remédio é o caldo de arroz. Se não o médico. Se for na aldeia, vai-se à bruxa e ela receita umas rezas. É limpinho. Nos casos meus conhecidos, dou um conselho infalível: deixe de ver o Telejornal.

Estranhíssima foi a resposta

da dr.^a Natália Sanches Ferreira. Às vezes, dizia ela, a diarreia vem por se ter comido muita fruta, enfim, agora estamos na época da fruta, comeu muitas ameças, ou morangos, ou laranjas...

Aqui há qualquer coisa que não bate certo. Será a doutora que baralha as épocas? Será falsificação... quer dizer, será montagem?

Não acredito que a doutora não saiba a quantas anda. Quanto ao mais — mistério!

«««««Informação»»»»»

Mais há mais, em questões de batota e de vigarice. Pelos modos, a Televisão está a especializar-se nisso. Por agora nada mais adianta quanto aos abismos orgânicos em que certo aventureiro das musicatas se atascou. Quero referir-me aos processos do Telejornal.

O desgraçado não esqueceu a efeméride dos acontecimentos na Hungria em 1956. E nem espaço aqui tenho para desfiar a meada das confusões, das mentiras, das manipulações a propósito do auxílio que a União Soviética prestou ao povo húngaro. Tudo, enfim, que o Telejornal pode aprender em qualquer manual fornecida pela CIA. O mais grave foi a falsificação, a manipulação, a batota da montagem das imagens. Os telespectadores são levados a pensar que os russos estão a massa-

crar, a bombardear com artilharia pesada o indefeso povo húngaro. MENTIRA. As imagens representam a ofensiva do Exército Vermelho, na guerra 1939-45, contra as forças nazis, entinchadas em certas zonas de Budapeste! Nada têm a ver com os acontecimentos de 1956.

Os leitores julgarão dos processos «informativos» utilizados no Telejornal. Verão as armas sujas de uma direita criminosa que se apoderou da Televisão...

Vai este recado para o Sindicato dos Jornalistas. Para o Conselho de Informação. Para a consciência dos cidadãos desinformados durante 50 anos e que têm o direito de dizer: basta!

Mais eficaz que o silêncio

Vitor Alves lê o comunicado do Conselho da Revolução que denuncia as manobras, as campanhas mentirosas, as calúnias contra o Presidente da República.

Meu tenente-coronel: forçoso é dizer que nos ataques, na criação de um ambiente de hostilidade em volta do Presidente da República a Televisão portuguesa desempenha um papel importante.

Uma das «arteiras» mais correntes, consiste em meter lá para o meio ou para o fim, as notícias referentes à actividade pública do general Ramalho Ea-

nes. Essa técnica tem por fim desvalorizar a pessoa do Presidente da República. Inserir entre notícias sem valor é mais eficaz, a nível de descrédito público, do que o próprio silêncio.

A Televisão é do Estado. Não é do Governo. Há que agir em conformidade.

Al como é bom viver lá...

A «Balada de Hill Street» continua a mostrar-nos como funciona por dentro a «democracia» americana. Abre-se a cartilha: assassínios, violações, o medo generalizado, a cidade transformada em feudos de «gangs» com os quais a Polícia parlamenta!

Estranhamente, os marginais, os criminosos, os desordeiros são as minorias — mexicanos, portorriquenhos, etc. Quanto ao rosto humano da Polícia americana, trata-se de uma pintura cor-de-rosa para uso no estrangeiro. Na realidade, e como regra, a fronteira entre forças da ordem e forças do crime, é quase invisível.

Segredo da «Balada: um turbilhão de imagens que não nos deixa tempo para pensar. Eis o «realismo» como pastilha elástica...

Telegrama

Concurso. Sessão experimental. Mau prenúncio. Socorro!



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO

IV. DO FORNO, 7-A AO ROSSIO, T. 3710012



Pelas 21.55, mais um episódio da série «Dallas»

- 15.00 **Hoje Há Visitas** — programa especialmente dedicado às mulheres.
- 16.10 **Cosmos** — desta vez o professor Carl Sagan aborda a questão da vida e das suas origens.
- 17.15 **Porque Hoje é Sábado** — programa infantil.
- 19.05 **Viva a Música**
- 19.30 **Muito, Pouco, Tudo ou Nada** — o treinador de futebol do Belenenses, Artur Jorge, conversa com Isabel Bahia.
- 20.00 **Telejornal** — as notícias do País e do estrangeiro.
- 20.55 **Vai Agradar** — programa recreativo de origem francesa.
- 21.55 **«Dallas»**



Na RTP-2 exibição de mais um programa intitulado **Mumi** onde serão abordados os significados dos sinais de trânsito

- 19.05 **Mumi** — na continuação desta série aborda-se o significado dos sinais de trânsito, pela adaptação livre de «A Guerra

dos Sinais» fornecida pela Direcção-Geral de Viação.

- 19.30 **Topo Norte** — programa de actualidades desportivas.
- 20.00 **Magazine de Artes Plásticas** — programa inteiramente dedicado a Henry Moore.
- 20.30 **«Henry Miller»** — este filme traça o perfil físico e intelectual de Henry Miller. A sua obra foi considerada pornográfica e causadora de escândalos, pelo que foi proibida em muitos países.
- 21.30 **«Os Herdeiros»** — intérpretes: Sérgio Cardoso, Odete Lara, Paulo Porto, Grande Otelo e Jean Pierre Léaud. Realização de Carlos Diegues.

Amanhã



9.45: Eucaristia Dominical; 10.35: Senta Vozes Sete; 11.00: Bom Dia Domingo; 15.00: Passeio dos Alegres; 18.40: Grande Encontro; 19.20: Quinzena Teatral; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.35: Topo Gigio; 21.10: «Amor num Clima Frio»; 22.15: Grande Encontro.

19.05: Agora é a Nossa Vez; 21.00: Informação/2; 21.30: Arte e Coisas; 22.00: Jazz.

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



«Dallas» (21.55)

«Os Herdeiros» (21.30)



Alem de um programa a escolha oferece-lhe



«Dallas» (21.55)

Lucy está cada vez mais convencida que Alan Beam é o seu género de homem. Mas quais serão os verdadeiros objectivos de Alan? Pam acusa Bobby de tentar destruir o seu irmão Cliff e acidentalmente fica a saber através de Cliff de uns certos negócios de J.R. quanto ao petróleo. Argumento de Loraine Despres. Realização de Leslie Martinson

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus Carapa, 17 Carcavelos — Tel. 2112871

WOODSTOCK

A PORTUGUESA



Nós, PROJECTO DO DESASSOSSEGO, que promovemos este festival, garantimos: no dia 21 de Novembro o Estádio do Bonfim vai encher! Quem é que, por 200 paus, vai perder a «Febre de Sábado de Manhã», da Rádio Comercial, com o Júlio Isidro, e os melhores artistas portugueses, do rock, da canção, do desporto, do folclore? E quem é que vai perder as presenças de artistas estrangeiros? Quais são eles? Mais tarde revelaremos: mas... olhe para a foto ao lado...

BILHETES JÁ ESTÃO À VENDA!

em Lisboa: Discoparada (C. Comercial Portela Sacavém, R. Ernesto Silva, 20 Algés, Av. Almirante Reis, junto à Portuguesa, e na EPNC, sede, Av. Liberdade, 266, Rossio, 11 e Largo do Chiado; em Setúbal: Discoparada, Artiflash, C. Comercial OK, Bombeiros Voluntários de Setúbal, Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo, Sesimbra, Grândola, Sines e Alcácer. Em Almada: também na delegação da EPNC, Rua Olivença, 9-B.

AJUDE OS BOMBEIROS: COMPRE-LHES BILHETES!

21 DE NOVEMBRO
SETUBAL
ESTÁDIO DO BONFIM



«Vocês conheceram-me, durante meses, como o «Marcos», não é? Pois agora serei, no Estádio do Vitória de Setúbal, vosso companheiro durante algumas horas! Não sabiam que eu me estou dedicando com sucesso, no Brasil, à canção?! Pois venham confirmar no dia 21 de Novembro, fazendo um coro de 40 000 no Estádio do Bonfim!...»

Apoios: Empresa Pública Notícias-Capital, BNU, TURIVISA, Governo e Câmara de Setúbal, Vitória F. Clube.

roteiro cultural

Música

Os quartetos de António Pinho e Bennie Wallace participam domingo, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, no concerto de aniversário do programa «Abandajazz» da Rádio Comercial-FM Estéreo.

Para quem não saiba: «Abandajazz» é o único programa de jazz diário transmitido com rede nacional na Europa. O concerto principia às 19 horas.

Concerto no Museu Gulbenkian. Integrado no ciclo das suas actividades culturais, realiza-se amanhã, no átrio do Museu-Biblioteca da Fundação, um recital em que actuarão a pianista Olga Prats e os violinistas Alexandra Mendes e António José Miranda. Do programa constam obras de Beethoven, Smetana, Mozart e Dvorak. A entrada para o concerto, que tem início às 12 horas, é livre.

Cinema

A Câmara Municipal do Seixal, convicida de que o cinema é um dos mais importantes transmissores de cultura do nosso século, vai promover, em colaboração com as Arentas de Freguesia de Seixal, Arentela e Paio Pires, um ciclo de cinema em locais daquelas freguesias, no qual se integram filmes como «O Estrangeiro», de Orson Welles, «Os Melho-

res anos da nossa Vida», de William Wyler, «O Comboio apitou três vezes», de Fred Zimmerman, e «A Mãe», de Vsevolod Pudovkin, etc. Os filmes projectam-se às 21,30, nas localidades de Seixal, Pinhal de Frades e Casal do Marco, respectivamente às segundas, quartas e quintas-

feiras. O ciclo começa a 26 de Outubro e prolonga-se até 10 de Dezembro.

Ciclo de Cinema Seiva Trupe. De amanhã até ao dia 30, sempre às 15,30 e 21,30, na sala do Auditório Nacional Carlos Alberto, do Porto, o Ciclo de Cinema Seiva apresenta: domingo, «O Circo», de

Charlie Chaplin; 2.ª feira, «Domingo, maldito domingo», de John Schlesinger; terça-feira, «Sacco e Vanzetti», de Giuliano Montaldo; 4.ª feira, «O Último Adeus», de Vittorio de Sica; 5.ª feira, «O Testa de Ferro», de Martin Ritt; 6.ª feira, «A Classe Dominante», de Peter Medak.



Pinho apresenta em Leiria as suas manchas fulgurantes

Uma Quinzena de Cinema Português está a ser promovida pela Câmara Municipal do Barreiro. Este fim-de-semana o programa é o seguinte, no Santoantoniano (freguesia de Palhal), exposição de cartazes; no Recreativo de Palhal, «O Pátio das Cantigas», na URCD Coia, «Benilde ou a Virgem Mãe» (sessões às 21,30).

Centenário do nascimento de Picasso

Comemorando o primeiro centenário do nascimento de Pablo Picasso, a Cooperativa Árvore, do Porto, realiza na próxima segunda-feira, pelas 21,30 h, uma sessão que contará com a participação de Domingos Pinho, Fernando Pernes e Oscar Lopes.

Esta sessão terá lugar no Auditório da Árvore, situado na sede desta Cooperativa, na Rua Azevedo Albuquerque, junto ao Passeio das Virtudes. A entrada é livre.

Entretanto, no domingo, às 22 horas, inaugura-se em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma exposição de artistas portugueses de homenagem a Picasso.

Teatro

«O Cabaré do Botto» no Sorriso do Bairro Alto. A par-

tir de hoje, até 1 de Outubro, pode ver este espectáculo no Sorriso do Bairro Alto (R. da Rosa, 223) todos os dias às 20,30 e 22,30 (excepto às quartas-feiras). Este espectáculo de Bibi Perestrelo musicado por Carlos Frederico, nasceu com base nas «canções de Cabaré», do grande poeta António Botto.

A peça «Jorge» será apresentada hoje na Chamusca, às 21,30, na sala do Sport Chamusca e Benfica. Esta peça das «Criações Teatrais» tem encenação de José Gil, interpretação de José Lopes e Silvina Pereira, sendo Anthony West o autor do texto.

«O Lírio do Inferno», espectáculo a partir de textos de Brecht que tanto êxito tem obtido, vai ser apresentado, de hoje até quarta-feira, no belo Café Majestic, do Porto, às 22,45.

Exposições

Pinho expõe a partir de hoje, na Galeria Capitel, em Leiria, vários trabalhos de pintura. Pinho (José Joaquim de Almeida) apresenta nesta mostra 56 quadros a óleo e desenhos.

A exposição «O Poeta Fernando Pessoa», de Costa Pinheiro, que tem estado a ser apresentada na Cooperativa Árvore, do Porto, termina amanhã.



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

GRUPO DE TRABALHO DE SUCATAS

Está aberto concurso público até 12-11-81 para venda e desmantelamento, dos seguintes veículos imobilizados no Entroncamento:

- 1 — automotora c/caixa de aço inox
- 5 — automotoras diversas
- 3 — carruagens c/caixa de aço inox
- 5 — carruagens e furgões diversos
- 139 — vagões diversos

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidos no Departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 Lisboa Codex, telefones 869760 a 68, ext. 229.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	53\$35	58\$35
ALEMANHA FED (marco)	28\$30	29\$40
AUSTRIA (xelim)	3\$95	4\$15
BELGICA (franco)	1\$545	1\$743
BRASIL (cruzeiro)	\$316	\$559
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	53\$15	55\$15
(notas de 5 a 1000)	53\$65	55\$65
DINAMARCA (coroa)	\$8\$5	\$9\$5
ESPAÑA (peseta)	\$6\$28	\$7\$29
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	64\$25	66\$25
(notas de 5 a 1000)	64\$75	66\$75
FINLÂNDIA (marka)	14\$45	15\$05
FRANÇA (franco)	11\$20	11\$90
HOLANDA (florin)	25\$70	26\$20
INGLATERRA (libra)	117\$20	121\$20
IRLÂNDIA (libra)	100\$95	104\$95
ITALIA (lira)	\$0\$49	\$0\$59
JAPÃO (iene)	\$2\$50	\$2\$55
NORUEGA (coroa)	10\$70	11\$20
SUECIA (coroa)	11\$50	12\$10
SUIÇA (franco)	33\$95	35\$05
VENEZUELA (bolivar)	13\$10	14\$10

Observações:

- 1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

17.30: Operação Antena Um; 21.00: Programa da noite; 00.00: Madrugada da RDP-Norte; 05.30: Terra e mar. Grandes blocos informativos: 13.00, 19.30 e 23.30.

Programa 2

15.30: Obras de Bruckner e Bach; 17.30: Concerto sinfónico; 19.30: Estudos Sinfónicos, op. 13, de Schumann; 20.05: Realidade, de Schumann; 21.00: Aspectos da música de...; 22.30: Intercâmbio musical; 00.00: Quartetos; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 16.30: Consultório de plantas; 17.03: Todos no top; 18.06: Hora de ponta; 18.10: Espaço 3 P; 20.30: Quando o telefone toca; 22.03: Portugal e a CEE; 22.15: Hora literária; 22.30: Tempo de desporto; 23.06: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; 16.03: Rock em stock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolis rock; 21.30: Abandajazz; 22.03: Café concerto; 21.03: Vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Pop, top, rock; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do Terço da Igreja dos Capuchinhos ao Ameal no Porto; 19.00: Roda viva; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: Pentagrama; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Informação desportiva - programa musical; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30. «Flashes» informativos de hora a hora.



ENTRE A VIDA E A MORTE

O SANGUE PODE DECIDIR

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 260

HORIZONTAIS:

- 1 Chouriço de sangue. Escritor espanhol cronista dos Reis Católicos.
- 2 Artigo definido. Estomado.
- 3 Aqui. Apellido da mãe de Luís de Camões. Preposição e artigo. Post Scriptum.
- 4 Fodor. Recusa.
- 5 Abjuro. Plutónio (s.q.).
- 6 Romance de Emilio Zola. Familiar.
- 7 Apellido. Pega.
- 8 Agora. Devasta.
- 9 Batráquio. Celebra em verso. Cidade da antiga Caldeia.
- 10 Graça.
- 11 Nome de letra. Doce do Oriente, semelhante ao manjar-branco.

VERTICAIS:

- 1 Tomar moça. Falece.
- 2 Provocaram.
- 3 Pequena ilha francesa, fortificada, do Mediterrâneo. Cobre de nata. Preposição.
- 4 Chefe etíope. Cidade da Turquia da Europa, no delta do rio Mariza. Cobalto (s.q.).
- 5 Sofres (fig.). Nome de mulher.
- 6 Anual.
- 7 Nome científico do pato. Tédio.
- 8 Sufixo que designa pequenez. Entregara.
- 9 O sono das crianças. Freguesia do concelho de Vila Nova de Foz Côa. Pertences.
- 10 Deus dos pastores. Lufécio (s.q.).
- 11 Alerraras.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 120

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade de Itália. Estreito.
- 2 Limpar metais delicada.
- 3 Porco. Alegre (ant.).
- 4 Filtra. Colocou. Hora canónica que corresponde as quinze horas.
- 5 Tostais.
- 6 Geração (gir.).
- 7 Anual. Douradas.
- 8 Pedra de altar. Quebrado.
- 9 Letra grega. Bismuto (s.q.).
- 10 Leito. Transferir para outro dia.
- 11 Inunda. Queimes

VERTICAIS:

- 1 Coxeara. Dá aviso de alguma coisa em voz alta.
- 2 Alteza Real. Ósmio (s.q.). Pátrio.
- 3 Flechas. Guarnece de arames.
- 4 Sadio, Lição. Prata (s.q.).
- 5 Clima. Letra grega.
- 6 Provaria.
- 7 Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso. Saio frequentemente à rua. Quinto filho de Jacob.
- 8 Amio. Talhais.
- 9 O mesmo que neão. Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de novo. Carta de jogar.
- 10 Prefixo de privação. Avalia. Acredita.
- 11 Limpa com água. Sufixo que designa abundância. Artigo definido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 259

HORIZONTAIS:

- 1 MOÇA. QUE. Am
- 2 At. Id. Adi.
- 3 Rã. Remordo.
- 4 Rode. Ares
- 5 Aar. Oco
- 6 Tarimbos. Em
- 7 Armão. Dão
- 8 Soe. Ruasses.
- 9 NS.
- 10 ENTRISTECE.
- 11 Sies. Ossada.

VERTICAIS:

- 1 Marretas. És.
- 2 Otão. Aro. Ni.
- 3 Dormente.
- 4 Aire. Ia. Srs.
- 5 DE AMOR
- 6 Ab Urso.
- 7 Uto. Rada Ts.
- 8 Ra. Sasses
- 9 Adro. Os Ca.
- 10 ADOECE. Dele.
- 11 Mi. Somas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 119

HORIZONTAIS:

- 1 Pária. Catam.
- 2 Anão. Aruá.
- 3 Ris. Ata Aer.
- 4 Par. Dam
- 5 Acaso. Olala.
- 6 Crês. Rasa
- 7 Avis. Uni MC
- 8 Mia. Acaso
- 9 Ai. Fiar Vir
- 10 Sor. Ada
- 11 Aparo. Má. Lo.

VERTICAIS:

- 1 Parra. Amada.
- 2 ANI. CCVII.
- 3 Rasparia. Sã.
- 4 lo Ases For.
- 5 Aros. Airó.
- 6 Pt. Uça.
- 7 Adornaram.
- 8 Aa. Alais Dã.
- 9 Tramas. Ova.
- 10 Auê. Jar
- 11 Marrã. Carro

PROVERBIO: Moça que entristece, de amor adocece.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30 e 21.30

LENNY

com Dustin Hoffman
Às 24 - N. ac. men. 18 a.

O ESCORPIÃO

SALA B

Int. m. 13 anos
Às 14.45, 17, 19, 21.45
e 24 horas
A ABSOLUÇÃO
com Robert De Niro

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14.30-19 e 21.30 h

UMA VIDA PARA AMAR

c/ Sanjeev Kumar, Sharmila Tagore
e Yogesha Bali
Um filme de Shakti Samanta
Eastmancolor

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 13.30-15.30-17.30-19.30-21.30 e

23.30 h

- N. ac. men. 18 a.

THE HORROR SHOW

c/ Anthony Perkins, Boris Karloff
e Bela Lugosi

Um filme de Richard Schickel

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

n. acons. men. 18 anos

A NOVIÇA E O AMOR

c/ Glória Creida e Femi Benussi

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

OS SALTEADORES DA ARCA

PERDIDA

c/ Harrison Ford, Karen Allen
e Paul FreemanUm filme de Steven Spielberg
Technicolor

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Festival Jerry Lewis

Às 14.00-16.30-19.00-21.30 h

Para Todos Colorido

DINEIRO EM CAIXA

Amanhã às 14.00-16.30-19.00 e 21.30

Horas - para todos

PINTORES E RAPARIGAS

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15-17-19 e 21.30 h

- N. ac. men. 13 a.

Muitos morrerão para o descobrir

A ESPINHA

Um filme de Franklin J. Schaffner

Às 24 h - N. ac. men. 13 anos

HOMEM DE AÇO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA

Roger Moor - James Bond 007

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Estreia às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e

21.30

- Int. men. 18 a.

CRUZEIRO SEXUAL

Pornográfico - Hardcore

Às 24 h - N. ac. men. 18 anos

EU SOU A VINGANÇA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30-16.45-19 e 21.30 h

O poder da imaginação. O impacto so-

brenatural. A força do fantástico

CHOQUE DE TÍTAS

c/ Harry Hamlin, Ursula Andress
e Laurence Olivier

Um filme de Desmond Davis

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14-16.30-19 e 21.30 h

- N. ac. men. 13 a.

Filme indiano (Roti)

A INOCÊNCIA E O CRIME

Amanhã, 11 h P. todos

HEIDI NA MONTANHA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14-16.30-19 e 21.30 h

- Int. men. 13 a.

A SOMBRA DA GUILHOTINA

c/ Serge Avedikian, Michele Marquis
e Georges Beller

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h

Walt Disney Productions apresenta

CONDORMAN

c/ Michael Crawford, Oliver Reed
e Barbara Carrera

Às 24 h - N. ac. men. 18 anos

MARCO POLO

ESTÚDIO 555134

Alam. Alfonso Henriques, 35

Às 15-17-19 e 21.30 h

- N. ac. men. 13 a.

O GRANDE CONQUISTADOR

c/ Woody Allen

Um filme de Herbert Ross

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 14-15-16.45-19 e 21.30 e 24 h

- N. ac. men. 13 a.

O amor dito por música

MÚSICA PELO CAMINHO

c/ Willie Nelson e Dyan Cannon

O filme começa a projectar-se no início

das sessões

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 14.45, 18.15 e 21.15

uma das mais grandiosas epopeias

da história do cinema

O LEÃO DO DESERTO

com Anthony Quinn-Oliver Reed

Em complemento

SINES DEZ ANOS DE PROGRESSO

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

DA VIDA DAS MARIONETES

4.ª semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 13.30-18.30 e 21.30 h

Int. men. 13 anos

AMOR DESESPERADO

(SAWAN BHADON)

Um filme de Mohan Sengal

Às 24 h - Int. men. 18 anos

NO PAÍS DOS CANIBAIS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15-18.15 e 21.30 h

N. ac. men. 13 anos

BASKET MUSIC

c/ Julius Erving, Meadowlak Lemon
e Margaret Avery

Som Dolby Stereo

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h

OS SALTEADORES DA ARCA

PERDIDA

C. Harrison Ford, Karen Allen
e Paul Freeman

Um filme de Steven Spielberg

Dolby Stereo

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

Interdito men. 13 anos

A PRIMEIRA FESTA

(La Boun)

Um filme de Claude Pinoteau

Às 24 h - N. ac. men. 18 anos

A AGRESSÃO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15-18.15 e 21.30 h

Amor, canções, baillados

FALTA AMOR NO TEU OLHAR

Aviso: o filme é exibido no início da ses-

são

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14-16.30 e 21.30 h

A MÉDICA DO CORONEL

c/ Nadia Cassini e Lino Banfi

Colorido



Jeanne Cordelier, baseada na sua própria experiência, escreveu um «best-seller»: «CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO», agora passado para o cinema. Em exibição no 444 e no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15-17-19-21.30 e 23.30 h

OS CINCO ALIBIS

int. men. 18 anos

SALA 2

Às 14.30-16.45-19-21.15 e 23.30 h

(In. a men. 18 anos)

CRÔNICA DA MAIS

VELHA PROFISSÃO

DO MUNDO

Real. Daniel Duval

SALA 3

Às 14.30-16.45-19-21.15 e 23.30 h

maiores 18 anos

REED MÉXICO INSURGENTE

Realização de Paul Leduc

SALA 4

Às 14.30-16.45-19-21.15 e 23.30 h

- M 18 a

TAXI DRIVER

Realização de Martin Scorsese

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

15, 17, 19 e 21.30

Em estreia do maior êxito de gargalhada

dos últimos tempos!

A TURMA DOS REPETENTES

Não acons. men. 13 anos

12.ª semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 15-16.30-19 e 21.30 h

OS CIGANOS

(UM AMOR TRÁGICO)

c/ Svetlana Toma e Grigori Grigoriu

Colorido

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Sessões diárias às 13.45, 16.15, 18.45,

e 21.45

Int. a men. 13 anos

Roger Moore, Carole Bouquet

007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Sessões diárias às 14.15, 16.45, 19.15 e

21.30

Inter. a men. 13 anos

Ugo Tognazzi, Vittorio Gassman

O TERRAÇO

5.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15

Inter. men. de 13 anos

Robert de Niro, Robert Duvall

A ABSOLUÇÃO

5.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões: 14, 16.30, 19 e 21.30

N. acons. men. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO

em 25.ª semana de exibição

As 24

HARRY, O IMPLACÁVEL

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24

13 anos

007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA

Roger Moore e James Bond

domingo às 11.15 para todos

TIM-TIM E O TEMPLO DO SOL

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30

Inter. men. 13 anos

NOS NAU SOMOS ANJOS...

ELAS TAMBÉM NÃO

Às 00.15 h-Int. men. 18 anos

HOLOCAUSTO NUM CAMPO NAZI

TERMINAL 371573

Estação do Rossic

11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 horas

LOUCURAS DE UMA RECRUTA

c/ Goldie Hawn e Robert Webber

Não acons. menores 13 anos

6.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 168

Às 14-16.30-19 e 21.30 h

QUERIDINHAS

Um filme de Ronald F. Maxwell

Metrocolor

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- Int. men. 13 a

O RAPTO DO PRESIDENTE

c/ Van Johnson e Ava Gardner

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

OS ANTIGONAS

com Peter O'Toole

2.ª Semana

Às 23.45 - N. ac. men. 18 a.

BORSALINO & C.ª

outros cinemas

Lisboa

POLITEAMA - «Omar Mukhtar - O

Leão do Deserto», às 21.30 (13 anos)

CITY CINE - «Esfinge», às 21.30 (13

anos)



DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
0.40 3,7 m 6.28 1,4 m
12.57 3,9 m 18.57 1,2 m
Dia 25
1.23 3,8 m 7.06 1,3 m
13.39 4,0 m 19.30 1,2 m
TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO 11°
BRAGANÇA 6°
VILA REAL 9°
PORTO 13°
P. DOURADAS 7°
COIMBRA 12°
C. CARVOEIRO 15°
PORTALEGRE 15°
LISBOA 15°
ÉVORA 14°
SINES -
BEJA 15°
SAGRES 19°
FARO 20°
P. DELGADA -
FUNCHAL -



últimas

«CAÇOU» 4 VIZINHOS com um só tiro de espingarda caçadeira ao disparar esta madrugada, segundo parece para pôr cobro ao barulho que aqueles faziam e o impediu de dormir. Foi na Rua da Falagueira na Amadora, era precisamente uma hora e quinze minutos, quando Manuel dos Santos, de 44 anos, resolveu disparar sobre quatro vizinhos entretidos em conversa: Tomé Neves, de 26 anos, Domingos Burlão, Isidro Abrantes, ambos de 19 anos e Antero Martins, de 20 anos, todos empregados do comércio com excepção do último que é tipógrafo, foram os alvos dos chumbos. Receberiam tratamento nos Bombeiros Voluntários da Amadora enquanto o atirador iria acabar a noite na esquadra.

A CHAVE FALSA serviu à medida na fechadura da residência situada no número 26, 1.º, apartamento N da Rua Freitas Reis, em Cascais, de onde levaram, durante a ausência do locatário, jóias e dinheiro estrangeiro. A vítima, Aribaldo Alves Cerqueira, que ignora quem lhe copiou a chave, avaliou em 1200 contos o prejuízo sofrido.

A MISSÃO MILITAR CHINESA que há três dias chegou a Portugal, encontra-se hoje no Porto onde depois de uma visita turística à cidade jantará no Quartel-General a convite do respectivo comandante da região militar.

FICHAS DE RECENSEAMENTO ESPALHADAS NA RUA próximo da residência do antigo presidente da Junta de Freguesia de Paranhos, Alberto Macedo, que então havia ordenado a elaboração daquelas fichas com o nome e morada dos eleitores. As fichas seriam encontradas na Rua Costa Cabral no Porto, próximo do supermercado «Poupança». As autoridades vão investigar o caso.

SEIS JOVENS ESCRAVOS DA DROGA foram detidos num café da Baixa portuguesa por elementos da PSP na sequência de uma rusga. O mais novo, de 19 e o mais velho de 27 anos, tinham em seu poder estupefacientes para consumo que lhes seria apreendido bem como um automóvel que utilizavam como «armazém», das pequenas quantidades que comercializavam para sustentar o próprio vício.

Simpósio de Nutrição

Os problemas de malnutrição infantil manifestam-se sobretudo nos meios rurais mais pobres e nas classes incapazes de proporcionar alimentação equilibrada às crianças e às mães - afirmou um especialista de nutrição infantil.

Mendes Martins, membro da comissão organizadora do Simpósio de Nutrição, Crescimento e Desenvolvimento da Infância, que decorre no Porto - sublinhou a oportunidade e a importância desta iniciativa.

«Não se trata apenas de mais

um simpósio, um congresso de pediatria - disse - mas sim de uma chamada de atenção para os problemas decorrentes da malnutrição infantil e dos seus reflexos na saúde da criança, mais tarde adulto, até na terceira idade».

Mendes Martins disse que o simpósio se ocupará de «três aspectos fundamentais da saúde da população: a nutrição, o crescimento e o desenvolvimento» assim como da procura de pistas que levem à resolução dos problemas de malnutrição.

Os problemas nutricionais constituem um dos factores básicos da saúde e do progresso das comunidades e dos países - afirmou por outro lado Norberto Teixeira Santos, professor de Clínica Pediátrica e Pediatria Social da Faculdade de Medicina do Porto.

Para este especialista, também director do Serviço de Pediatria do Hospital de S. João, do Porto, «a nutrição infantil, incluindo o período de gestação, está na base da saúde da população até à idade adulta».

Junta de freguesia não poupa a CP

Ao princípio da madrugada, quando todos diziam que quem ali (no sítio da morte) se deveria encontrar não eram os homens da GNR, mas os responsáveis da CP, a Junta de Freguesia de Alhandra distribuiu um comunicado aos enviados da Comunicação Social e à população em geral, aconselhando esta a manter a serenidade e vigilância necessárias para que não haja falta de condições de diálogo».

Depois de lamentar mais aquele trágico e mortal acidente, o documento da JF alhandrense acentuava:

«Mais uma vez fazemos chegar ao conhecimento da população de que a partir da retirada pela CP da passagem de nível e da sinalização sonora e luminosa, imediatamente nos deslocamos a Lisboa, a fim de obter a anulação de tal medida, por atentatória das vidas humanas que por esta passagem de nível tem necessidade de circular, o que foi peremptoriamente negado pelos responsáveis da CP».

Eis-nos que no meio desta continuamos a defender a posição então tomada e para a transmitir insistimos há algumas horas em encontrar interlocutor da CP que se comprometa com a satisfação integral da nossa posição sobre este assunto, ou seja:

Recolocação da guarda de passagem de nível e de sinalização sonora e luminosa; e continuarmos a dar a maior rapidez possível à concretização de tão desejada e necessária passagem desnivelada para peões, neste momento em fase de projecto» - J.R.

princípio da madrugada recebeu a notícia dramática.

A partir do desastre, o pandemónio instalou-se em Alhandra e a população em fúria ocupou a linha, arrancou os carris e impediu totalmente a circulação. As

senhora que assistiram à morte da filha».

A neta, traumatizada pelo acidente e ferida também na queda, foi transportada ao hospital. Mas antes suplicara, nos seus três anos de idade e talvez não sa-

queixas da população de Alhandra são já antigas, exigindo que sejam tomadas providências para evitar que acidentes como o de ontem se repitam na passagem de nível sem guarda existente no centro da povoação.

A GNR, com efectivos na ordem das três centenas, armados e equipados com viseiras, chegou ao local do acidente pelas 21 horas e até às duas da manhã não conseguia ainda, «limpar» a linha não obstante as ordens recebidas de Lisboa para carregar sobre a população em fúria.

Ao princípio da madrugada, uma vizinha dos pais da vítima dizia à reportagem do «DL»:

«Tem sido um vale de lágrimas: foi terrível ver o senhor e a

bendo da morte da mãe, que queria o seu sapato. «Ela foi para o hospital - contou-nos uma testemunha presencial dos factos - e um bombeiro ficou à procura do sapato».

Autoridades civis de Alhandra procuraram durante boa parte da noite e da madrugada aclarar posições com responsáveis da CP enquanto a multidão, vinda de todas as terras do concelho de Vila Franca de Xira ocupava a linha, desunha os carris e bloqueava a circulação. Em três anos, esta foi a sétima vítima mortal da passagem de nível sem guarda. Dai os protestos e a ira do povo alhandrense.

A GNR local confessou-se incapaz de agir e efectivos foram concentrados a partir de Vila Franca, Póvoa, Loures e Lisboa, e mais tarde também de Santarém.

A linha foi desobstruída pela acção directa dos guardas, protegidos por meia centena de homens com bastão e viseira e por uma retaguarda de espingardas automáticas. Seis trabalhadores da via e obras da CP conseguiram, assim, repor os carris e criar condições para a circulação ferroviária entre Lisboa e Porto.

Cumprir ordens igual a violência

Mas novo percalço surgiria, ao mesmo tempo que em Santa Apolónia responsáveis da CP tentavam fazer marchar os primeiros comboios atrasados (o tráfego ferroviário foi interrompido antes das 20 horas de ontem), depois de se terem recusado dirigir-se ao local da morte, onde milhares de pessoas protestavam ante GNR's que estavam ali para cumprir ordens (e era mesmo para dar a sério, disse ao «DL» o presidente da Câmara de Vila Franca de Xira). Exigia-se que a CP assumia as suas responsabilidades e repunha sinais luminosos e uma guarda na «curva da morte» que é a passagem de nível onde, ontem, mais uma pessoa morreu.

O problema em Alhandra é muito simples: «Não queremos que os nossos filhos aqui morram ao irem para a escola» - como alguns diziam ao capitão Sabino da GNR de Loures, quando este se decidiu, já de madrugada a «fiscalizar» as condições da linha, deparando com protecções partidas, colocadas sobre os carris, vigas de cimento, latas, toros e outros objectos pesados.

Havia também quem, por entre a multidão, gritasse que «os senhores da CP não se preocupam connosco porque os seus filhos não atravessam linhas», e outros que lembravam que «para morrer aqui não é preciso descuidar-se: é preciso é atravessar a linha».

O presidente da Câmara de Vila Franca, Daniel Branco, ora só, ora acompanhado do presi-

dente da Assembleia Municipal, Fernando Vaz, e do presidente da AF de Alhandra, Pedro Neto, multiplicava-se em esforços e contactos para assegurar que um técnico da CP, um responsável, ali viesse, assegurar à multidão, serena mas decidida (de megafone na mão alguém aconselhava: «Não injuriem as autoridades, venham todas para a linha que é aqui que está a nossa luta»), que o problema seria resolvido.

De nada valeram as voltas (e a preocupação) de Daniel Branco, nem o diálogo de mais de duas horas que o presidente da Junta de Freguesia, Raul Pedro, travou, pelo telefone, com um engenheiro de nome Lopes, já de madrugada, solicitando-lhe que fizesse deslocar pessoal a Alhandra e que visse, de uma vez por todas, o problema da passagem de nível sem guarda.

A Junta de Freguesia e a Câmara estavam dispostas a participar com as despesas para a colocação de uma guarda: mas todos estes argumentos de Raul Pedro não convenceram o eng. Lopes, do outro lado do fio, argumentando que não podia ser nada, que havia um despacho normativo de há mais de 40 anos que apontava para a extinção das passagens de nível com guarda.

«Mas na Marinha Grande e em Trás-os-Montes, vocês não deram o dito (por despacho) pelo que não dito?» - perguntava o presidente da JF alhandrense.

O presidente da CM, enquanto a autarquia local distribuía um comunicado à população, lá conseguiu, com outras que também sentem o problema na carne e no osso, que a multidão se afastasse da linha. «São uns covardes todos», gritou uma mulher quando os homens recuaram, ante GNR's dispostos a recorrer a toda a sua força para cumprir a ordem vinda de um coronel de Lisboa. Daniel Branco respirou fundo. A mulher conti-

nuou a insurgir-se, a reacear pela vida do seu filho e dos filhos dos outros. Hora e meia depois, os ânimos estavam mais calmos.

Mas eis que um telefonema para a ANOP de presumíveis elementos das autodenominadas «Forças Populares 25 de Abril» anuncia estar a linha dinamitada em três locais entre Alhandra e Alverca (cinco minutos de comboio). Componentes da brigada de minas e armadilhas deslocam-se àquele troço, que passaram a pente fino, até cerca das 8 horas da manhã, não tendo encontrado nada de especial.

As 8.15 sai, finalmente, o primeiro comboio de Santa Apolónia. Depois, outro, outros, muitos, o tráfego ferroviário promete normalizar-se.

Mas milhares de pessoas ficaram retidas em Lisboa, no Porto, Coimbra e em muitos outros locais, inclusive ao longo da linha, enquanto a via esteve interrompida em Vila Franca, durante mais de doze horas. A CP ficou com um prejuízo de milhares de contos e, ao que parece, não estará disposta a abdicar da sua posição, mobilizando um guarda para a passagem de nível respondendo a sinalização sonora e luminosa que ainda há três anos ali existia e onde, até então, ninguém tinha encomendado caixão.

Em três anos morreram já ali sete pessoas, a despeito de há pouco mais de um a JF ali ter colocado grades de protecção. É essa mesma JF que na segunda-feira de manhã se encontrará com representantes da CP, com o eng.º Carapinha à cabeça, para ver se é possível aliviar de uma outra passagem com guarda que vigie a «curva da morte», mesmo tendo que participar nas despesas.

É ainda a JF que tem um projecto para a construção de uma ponte desnivelada, que ofereça mão-de-obra mas não tem da CP a promessa que qualquer apoio.

MINI-CRUZEIRO A GIBRALTAR E CEUTA

A bordo do moderno paquete
"FUNCHAL"
Classe única - Serviço de 1.ª cl.



28 a 31 Outubro/81
(LISBOA A LISBOA)

Preços
excepcionais
desde
11.400s

Vantajosas compras em Portos Francos

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 24 DE OUTUBRO DE 1981

Estórias de Portugal

Explicar a nossa Estória contemporânea, às crianças daqui a uns anos será fácil ou difícil?...

Nos tempos que vão correndo dia a dia é mais difícil quando não atinge as raízes do impossível.

É facto assente, universalmente aceite, que os miúdos de hoje, graças ao ritmo vertiginoso do progresso tecnológico que lhes coloca ao alcance dos pequeninos cérebros meios de espantamento rápido, insuspeitados há uns anos atrás, estão muito mais atentos à realidade social, curiosos da política em geral, críticos da vida nacional. E querem saber coisas. E, como querem saber coisas, perguntam. E quando perguntam, dizem os psicólogos, nós, os adultos, devemos responder o mais claramente possível, esclarecer com o máximo rigor, não admitir nas respostas pontos obscuros que facilitem a criação de espaços para a instalação de dúvidas.

O que é dia a dia mais difícil quando não atinge as raízes do impossível. Ouvir falar dos sete anos da Branca de Neve, do Lobo Mau, do Pinóquio, do Príncipe das Orelhas de Burro é coisa que já só interessa minimamente às crianças com menos de quatro anos. Daí para a frente, aos sete anos preferem «os quinze», trocam o «Lobo Mau» pelo doutor Sousa Tavares, em vez do Pinóquio lêem o programa do Governo e, muito internacionalmente, divertem-se muito mais com as orelhas do Príncipe Carlos do que com as do seu primo da lenda.

É o progresso!

Pois que seja!... O que não é nada fácil é acompanhar o Progresso ao lado dessas crianças quando elas nos pedem que lhes analisemos as conjunturas, decifremos os comunicados, expliquemos as moções, esclareçamos os «factos»... É que, vertiginosamente, as conjunturas, os comunicados, as moções, os factos têm-se vindo a tornar matéria reservada a adultos de sólida formação moral que, como sabem, paradoxalmente, são os únicos a quem se justifica o acesso às imoralidades.

Não que as conjunturas, os comunicados, as moções, os factos sejam imorais... E daí quem sabe?... Nós não os entendemos... Até são muito capazes de ser...

Sabia-se que o Governo tinha chamado a si o doutor Marcelo Rebelo de Sousa com a missão específica de «criar factos políticos»... O que não se imaginaria era que o senhor doutor Marcelo Rebelo de Sousa, apesar de todo o talento de ficcionista político que lhe é reconhecido, tivesse guardados tantos factos para vestir uns atrás dos outros.

É um espanto! Com um «guarda-factos» destes devemos ter o único Governo do Mundo que está na fase do «armário»! Fase às vezes antipática de afirmação de personalidade, caracterizada como sabem por contradições, deslizes, fanfarronadas, filhos da insegurança e da instabilidade, e as suas situações inexplicáveis pelo comum dos sentidos comuns. E tem coisas verdadeiramente desagradáveis. Como por exemplo, essa de obrigar os membros da «maioria minoritária» a lerem a incomensurável chatiche que é o «Relatório de Timor», que pelos vistos ainda nenhum deles tinha feito e que mesmo agora não parece, o doutor Sousa Tavares anda a ver se lho emprestam.

Mas voltemos às outras crianças...

Imaginem as dificuldades que o doutor Nascimento Rodrigues não terá enfrentado para explicar aos filhos aquela história dos perigos que resultam para a Democracia do Presidente da República ter admitido publicamente que a Democracia está em perigo.

Estou a vê-lo chegar a casa, ao fim do dia, cansado dos ciclóticos afazeres e a ser questionado de imediato pela filha mais nova:

— Paizinho: o senhor Presidente da República disse que a Democracia está em perigo. É verdade?

— Não. Não é lá porque o Presidente da República diz que a Democracia está em perigo que a Democracia está em perigo.

Então a Democracia não está em perigo?

— Está sim. A Democracia está em perigo.

Porquê?

— Porque o Presidente da República disse que a Democracia está em perigo. Se o Presidente da República não tivesse dito que a Democracia está em perigo...

— A Democracia não estava em perigo?

— Mas porque é que tu não brincas com as bonecas como todas as meninas da tua idade?

Mais facilidades não teve certamente o doutor Ribeiro e Castro para explicar aos filhos toda a extensão daquela tirada sobre o major Vasco Lourenço andar a brincar com o fogo porque diz que andam a brincar com o fogo. Em casa do doutor Ribeiro e Castro o diálogo deve ter sido assim:

— Ó papá: o Major Vasco Lourenço disse que andam a brincar com o fogo...

— Não faças caso filho, é mentira.

— É mentira que andam a brincar com o fogo?

— Não. É verdade.

— É verdade que andam a brincar com o fogo?

— Não. É mentira. Isto é: quem anda a brincar com o fogo é o major Vasco Lourenço.

— Porque é que o major Vasco Lourenço anda a brincar com o fogo?

— Porque diz que andam a brincar com o fogo.

— Ai brincar com o fogo é dizer que andam a brincar com o fogo?

— Mas ainda não são horas desta criança ir para a cama?!

E essa de se atentar contra o sistema partidário defendendo a criação de partidos?...

E a de, para a eleição da segunda figura na hierarquia da Nação, a «maioria-minoritária» ser minoria e pretender ser maioritária?

Explicar a nossa estória contemporânea às crianças, daqui a uns anos, será fácil ou difícil?...

Nos tempos que vão correndo expliquem-na vocês. Cá por mim vou-me contentando em comentá-la junto dos adultos. São muito menos exigentes.

Francisco Nicholson

Onze vezes Jazz em Cascais

O décimo primeiro Festival Internacional de Jazz de Cascais vai ocupar o Pavilhão dos Saleianos, no Estoril, nos dias 6, 7 e 8 de Novembro próximo, com os seguintes grupos participantes: «Quarteto de Freddie Deronde», «Quinteto de McCoy Tyner», «Trio de Martial Solal», «Quarteto de George Adams e Don Pullen», «Trio de Chet Baker» e os «Los Angeles Four». A título de apresentação, o Sete Ponto Sete publica hoje uma série de curtas notas biográficas sobre cada um dos músicos que integram os diferentes grupos.

Freddie Deronde Quartet

Ferdinand Povel — sax tenor, flauta

Nasceu em 1947. Estudou clarinete e saxofone no Conservatório durante vários anos e continuou depois, como autodidacta.

Em 1970 faz parte da Kenny Clarke/Francis Boland Big Band. Trabalhou também com Benny Bailey.

Em 1973, nos Estados Unidos, faz parte da grande orquestra de Maynard Ferguson. Posteriormente, integra-se no Rhythm Combination and Brass de Peter Herbolzheimer, que reúne alguns dos melhores solistas europeus.

Gravou com Dusko Goykovich, Tete Montoliu, Slide Hampton, Toots Thielemans, Niels Pedersen, etc.

Michel Herr — pianista

Nasceu em Bruxelas, em 1949.

Em 1971 obtem o primeiro

prémio no Festival de Jazz de Loosrecht.

Em 1972 funda o grupo Solis Lacus e mais tarde o seu próprio trio.

Em 1976 efectua breves estudos no Berklee College of Music.

Trabalhou com Joe Henderson, Chet Baker, Pepper Adams, Tony Scott, Charles Tolliver, Tony Coe, Lew Soloff, Howard McGhee, Nat Davis, Archie Shepp, Art Taylor, Didier Lockwood, etc.

Freddie Deronde — contrabaixo

Nasceu em Bruxelas, em 1938.

Começou na guitarra com 9 anos. Aos 17 venceu o prémio «Django Reinhardt» num concurso de jazz na Bélgica.

Passou mais tarde para o contrabaixo.

Trabalhou com o quarteto de sax barítono sueco Lennart Johnson.

Integrou-se na orquestra do show «Free and Easy» na Eu-

ropa, ao lado de Quincy Jones, Phil Woods, Clark Terry, etc.

Actuou em Festivais de Montreux com Philip Catherine e com o baterista Stu Martin.

Trabalha em Paris com Lou Bennett e, no Festival de Antibes, com o pianista holandês Jack Van Poll.

Faz parte do grupo «Jean-Luc Ponty Experience».

Actua depois com os quartetos de Jon Eardley e de J. R. Monterose e com Chet Baker faz uma tournée por Itália.

John Engels — bateria

Nasceu 1935, filho e neto de músicos.

Está activo, como médico de jazz, desde 1953

Actua nas bases militares americanas da Alemanha e depois com os grupos de Pia Beck e de Jack Von Poll.

Desde 1962, é ele o baterista que acompanha Louis Van Dijk, pianista holandês com quem grava vários discos.

Chet Baker — trompete

Nasceu em Yale (Oklahoma) em 1929.

Depois de rigorosos estudos musicais na Califórnia, tem a oportunidade de tocar ao lado de nomes como Dexter Gordon, Stan Getz e Charlie Parker (em 1952).

Inicia então a sua colaboração no primeiro quarteto de Gerry Mulligan o que lhe traz uma certa popularidade e lhe permite gravar obras de qualidade (por ex. «My Funny Valentine»).

Constitui depois a sua própria formação, com o pianista Russ Freeman e passa largos tempos na Europa.



Chet Baker, trompete



George Adams, sax tenor e Ray Brown, contrabaixo, que toca integrado nos Los Angeles Four

Continua na pág. 7

Agenda

Sete Ponto Sete

AS ESTRELAS

Lenny	★★★★★
Taxi Driver	★★★★★
Os Salteadores da Arca Perdida	★★★★
Da vida das Marionnettes	★★★★
A Absolução	★★★★
Choque de Titãs	★★★
O Terraço	★★★
Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo	★★
007-Missão Ultra-secreta	★★
Os Cinco Alibis	★
Música pelo Caminho	●

A «CHAVE»

- ★★★★★— Excepcional
 ★★★★— Bom
 ★★★— Interessante
 ★— Desinteressante
 ●— A evitar

Cinema

● Lenny
 de Bob Fosse
 (USA-1974)

Fosse e a vertigem do espectáculo. Depois de Cabaret e antes de All that jazz, o zénite. Cinema ABCine-sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 h.) (não acons. men. 18 anos)

● Taxi driver
 de Martin Scorsese
 (USA-1976)

A noite americana, o medo, a raiva, a violência. De Niro-Schrader/Jodie Foster-Scorsese, um quarteto irrepetível.

Cinema Quarteto-sala 4
 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.)
 (interdito a men. 18 anos)

● Os salteadores da arca perdida
 de Steven Spielberg
 (USA-1981)

O puro prazer do espectáculo num cinema póstumo do Hollywood mítico. Um filme trepidante que, no entanto, inquieta a certos níveis: onde as fissuras, os hiatos, as ambiguidades por onde penetrar?

Cinemas Alfa 1
 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h.)
 Borna e Mundial
 (14, 16.30, 19 e 21.30 h.)
 (XNÃO ACONS. MEN. 13 ANOS)

● Da vida das marionnetes
 de Ingmar Bergman
 (RFA-1980)

Bergman de volta ao que de mais brilhante e menos brilhante o seu cinema tem: o território da angústia, do silêncio, da impossibilidade de verbalizar a sufocação.

Cinema Londres
 (14, 16.30, 19 e 21.30 H.)
 (interdito a men. 18 anos)

● A absolvição
 de Ulu Grosbard
 (USA-1981)

A redescoberta estrita dos actores. Um argumento inteligente. Uma realização funcio-

nal. Uma suroresa: Duvall ultrapassa De Niro e confirma-se um actor de primeira linha.

Cinema ABCine-sala B
 (14.45, 17, 19, 21.45 e 24 h.)
 e S. Jorge 3
 (14, 16.30, 19 e 21.15 h.)
 (interdito a men. 13 anos)

● Choque de titãs
 de Desmond Davis
 (GB-1981)

O gozo dos deuses, monstros, heróis e maldições, uma brincadeira com bonecos e visões. Vale a pena alinhar, com as devidas reservas.

Cinemas Alfa 3
 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 23.45 h.)
 e Cine Bloco

(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.)
 (não acons. men. 13 anos)

● O Terraço
 de Ettore Scola
 (Itália-1979)

Bater no peito, confissões de divã, uma postura (irritantemente) altmaniana e algum savoir faire. A versão portuguesa está bastante encurtada em relação à metragem original. De quem a culpa?

Cinema S. Jorge 2
 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.)
 (interdito a men. 13 anos)

● Crónica da mais velha profissão do mundo

de Daniel Duval
 (França-1979)

Um filme a evitar as previsíveis armadilhas. Honesto mas não (muito) mais. Maria Schneider, indesejavelmente distante, vale a deslocação.

Cinema Quarteto-sala 2
 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.)
 (interdito a men. 18 anos)

● 007-missão ultra-secreta
 de John Glen
 (GB-1980)

O burlesco explicitamente em cena. Um mito que se esfale e recicla?

Cinemas Cine 222
 (14.15, 16.30, 19 e 21.30 h.)
 S. Jorge 1
 (13.45, 16.15, 18.45 e 21.45 h.)
 e 7.ª Arte
 (14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24 h.)
 (interdito a men. 13 anos)

● Os cinco álbis
 de John Huston
 (Canadá-1980)

Uma ideia não salva um filme. Huston é um autor demasiado amado para que Os cinco álbis se veja sem doer.

Cinema Quarteto-sala 1
 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.)
 (não acons. men. 18 anos)

● Música pelo caminho
 de Jerry Schatzberg
 (USA-1980)

A banalidade das banalidades. A completa caquexia da imaginação.

Cinema Estúdio 444
 (14.15, 16.45, 19 e 21.30 h.)
 (não acons. men. 13 anos)

Teatro

Camões descentenarizado

O Teatro da Cornucópia teve em cena, até há dias, um espectáculo sobre Camões; o Teatro Experimental de Cascais acabou de estreiar uma peça de Jaime Gralheiro sobre Camões; Luzia Maria Martins prepara, com o Teatro Estúdio de Lisboa, o texto e a encenação de um espectáculo sobre Camões.

O facto destes espectáculos surgirem agora faz com que percam aquela expressão mais ou menos académica de homenagem a que o centenário obriga. Camões merece estar nos nossos palcos em texto e em figura. Esperemos, portanto, que continue.

ABC

● «O escabeche»

de C. de Oliveira, F. Nicholson e R. Bracinha.

Uma revista com prós e contras. Mais estes do que aqueles. ADÓQUE

● «Paga as favas»

de F. Nicholson e G. Preto. Vale a pena pagar as favas. Indispensável.

COMUNA

● «Serena guerrilha»

Pela primeira vez, desde 1974, fazemos sérias reservas a um espectáculo deste grupo. Se lhe apetece veja porque.

CASA DA COMÉDIA

● «Sete aparições de Lé-nine sobre um plano»

de Noel Coward.

Um autor muito «british» adaptado, e bem, às necessidades de um grupo e de um público portugueses. Um bom espaço cénico, um bom trabalho de duas actrizes que é preciso descobrir. Indispensável.

MARIA MATOS

● «A tragédia da rua das flores»

de Eça de Queiroz

Simone não chega a salvar este espectáculo. Dispensável.

MARIA VITÓRIA

● «Não há nada p'ra ninguém»

de H. Santana, C. de Oliveira, R. Bracinha e A. Fraga.

Uma revista com um cheirinho a cravos, salvo seja. Ivone — fabulosa. Um espectáculo a ver.

SÃO LUIZ

● «Molly Bloom»

de James Joyce.

Um solo de Graça Lobo sobre um texto maior da literatura do séc. XX. Que não está lá.

TEATRO DA CORNUCÓPIA

● «Não se paga, não se paga»

de Dario Fo.

O maior êxito de público deste grupo. Merecido. Vá saber porque. Indispensável.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

O Nacional dá-nos um arzinho da graça de Durrenmatt. Já não é mau. E depois há o Rui de Carvalho. O adjectivo vai por

conta do trabalho do actor. Indispensável.

TEATRO ABERTO

● «Retábulo do amor profano»

de Eduardo Blanco-Amor.

Um novo grupo independente: — Teatro Ibérico — estreia-se com uma peça já apresentada pelo Teatro Experimental do Porto. É melhor esperar pelo próximo. Para já valem mais as promessas do que os actos.

FORA DE LISBOA

CRIAÇÕES TEATRAIS

● «Jorge»

de Anthony West.

Em digressão pelo Sul. A televisão mata. Este espectáculo mostra como. Indispensável.

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

(Teatro do Picadeiro — Estoril)

● «Para onde vaz, Luís?»

de Jaime Gralheiro.

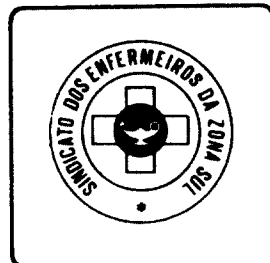
Carlos Avilez encena uma peça de Jaime Gralheiro. Quando virmos tentaremos dizer como é.

TEATRO PARA CRIANÇAS

Três grupos especializados estrearam novos espectáculos para os públicos mais jovens (mas que os adultos certamente poderão ver). «O Bando», com «Caras ou Coroas», na Av. Gomes Pereira (ex-sede do S. L. e Benfica); «Joana», com «Uma História na Ponta do Nariz», no Teatro Gil Vicente, em Cascais; O T.N.T., com «Concerto de Contas», na Praça José Fontana.



Karen Allen em «Os salteadores da arca perdida»



SINDICATO DOS ENFERMEIROS
 DA ZONA SUL

Praça Marques de Pombal 6-3 • Telef. 4 17 51 • 1000 LISBOA

PUB

COMUNICADO AOS ENFERMEIROS

Em face do comunicado do Conselho de Ministros de 21.10.81, em que refere ter aprovado a Carreira dos Enfermeiros, temos a esclarecer o seguinte:

1 — Temos razões suficientes para pôr isto em causa. Também o Conselho de Ministros de 7/7/81 anunciou ter aprovado os «princípios enformadores» da Carreira, e até agora estamos para saber do que constam e onde foram publicados;

2 — Isto tem como finalidade desmobilizar os enfermeiros da greve decretada para os dias 29 e 30. Assim que foi aprovada na Assembleia Geral de 19/10/81, o Governo logo começou a servir-se dos Órgãos de Comunicação Social, que controla, para fazer crer que o assunto estava resolvido.

Admitindo como real, a aprovação do Projecto de 15 10 81, continua para nós a certeza de que as suas consequências para o futuro profissional dos enfermeiros são gravosas.

A APROVAÇÃO PELO GOVERNO DO SEU PRÓPRIO E INACEITÁVEL
 PROJECTO DA CARREIRA DE ENFERMAGEM DE 15 10 81, NÃO
 FARÁ DESISTIR OS ENFERMEIROS DA SUA JUSTA LUTA

A LUTA CONTINUA!
 GREVE EM 29 E 30 10 81

NOTA: Em telefonema para o Gabinete do Primeiro-Ministro, a solicitar o documento aprovado, foi-nos respondido que não o podiam fornecer.

Lisboa, 23 10 81

A DRECCAO

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português



BONECOS DE ESTREMOZ

— média-metragem
— 16 mm/cor

Realização e montagem: Lauro António. **Texto:** L. António (dito por Nuno Martins). **Fotografia:** António Guerreiro. **Música:** Ceifeiras de Cuba, Vivaldi, Mozart. **Som:** Almeida e Melo. **Sonoplastia:** Francisco Rebelo. **Produção:** Instituto de Tecnologia Educativa. **Chefe de produção:** Maria Helena Diogo. **Duração:** 32 minutos. **Rodagem:** Abril de 1976. **Nunca estreou comercialmente.**

O artesanato de Estremoz, as suas pequenas peças de barro pintado, testemunho de uma imagética popular, uma actividade em vias de se esgotar nos últimos herdeiros de uma arte de que se perdem as origens.

Lauro António faz, com **Bonecos de Estremoz** o seu único documentário (até à data) de carácter abertamente neutro, isto é, um trabalho onde a câmara, o texto e a montagem se destinam exclusivamente a recolher factos e a organizá-los de uma forma tão transparente quanto possível.

Aliás a própria génese da produção desta média-metragem aponta para isso: **Bonecos de Estremoz** é feito para o Instituto de Tecnologia Educativa e destinado, portanto, a uma filмотeca de âmbito para-escolar, ou seja, trabalhos cuja finalidade é, simultaneamente, informativa e de motivação para actividades no interior do sistema educativo português.

O filme cumpre, é escorreito, não mais se lhe deve pedir, já que não mais promete nem deseja.

Bonecos de Estremoz é apenas um documentário que quer dar a ver uma realidade cultural e artística pouco conhecida. E fá-lo com a exigível competência técnica.

REFÁCIO A VERGÍLIO FERRA

— curta-metragem
— 35 mm / cor

Realização e montagem: Lauro António. **Textos:** extractos de obras de Vergílio Ferreira, seleccionados por L. António e ditos pelo autor. **Fotografia:** Abel Escoto. **Efeitos sonoros:** Raul Ferrão. **Misturas:** Luís Barão. **Produção:** Manuel Guimarães, Lauro António. **Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo. **Duração:** 14 minutos. **Rodagem:** De Junho de 1974 a Maio de 1975. **Estreia:** 12 de Dezembro de 1975 (Apolo 70, Berna, Eden e Pathé, Lisboa; S. João, Foco e Águia d'Ouro, Porto).

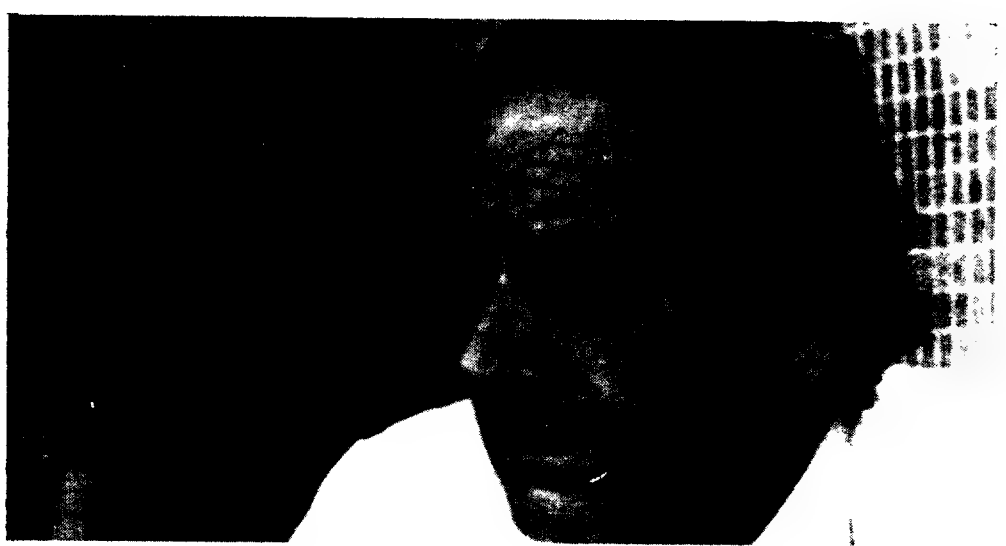
«Os limites da nossa condição! Como é espantosa a sua descoberta. Ela é paralela da morte daquilo que descobrimos.» Este texto (de «Carta ao Futuro» de Vergílio Ferreira) é um dos dizeres deste filme e, de algum modo, resume-lhe o projecto e os limites.

Lauro António, aproximando-se de **Manhã submersa**, percorre o seu autor e resolve tomá-lo para centro deste **Prefácio a Vergílio Ferreira**. De súbito, vê-se a braços com um personagem radicalmente portador de duas realidades: a privada que o prende aos limites de um corpo; a pública que o abre à imensidão de uma escrita.

Lauro António escolhe filmar os dois, transportando os textos para o concreto do homem e olhando este através de um mecanismo de «encaixe» no espaço das pedras, fragas, móveis, locais.

Por vezes o filme parece possuir o seu objecto, mas logo este descola, lhe escapa. Não querendo a reverência ante o celebrado escritor, L. António procura penetrar-lhe nos reconditos, agarrá-lo nos momentos em que, mais frágil, ele não está possuído da carga mítica.

Projecto fascinante, mas inconcluído. O filme não ultrapassa a antecâmara, não chega ao santo dos santos. O que, talvez, esteja certo num **Prefácio**.



ARMAS E O POVO (AS)

— longametragem
— 16/35 mm-cor/p.b.

Filme assinado colectivamente, produzido pelos Trabalhadores da Produção de Cinema e Televisão.

Entre outros colaboraram: Acácio de Almeida, José de Sá Caetano, José Fonseca e Costa, Eduardo Geadá, António Escudeiro, Fernando Lopes, António de Macedo, Moedas Miguel, João César Monteiro, Glauber Rocha, Elso Roque, Alberto Seixas Santos, Artur Semedo, Fernando Matos Silva, João Matos Silva, Manuel Costa e Silva, Luís Galvão Teles, António da Cunha Teles, António Pedro Vasconcelos. **Distribuição em Portugal (não comercial):** Instituto Português de Cinema. **Duração:** 80 minutos. **Rodagem:** 1975. **Nunca estreou comercialmente.**

Quando em 25 de Abril de 1974 o regime fascista caiu em Portugal, os mais variados

cinastas saíram à rua, de câmara na mão, tentando agarrar as imagens da História em movimento. Aos cineastas portugueses juntou-se, entretanto, Glauber Rocha, desembarcado em Lisboa para, solidariamente, viver os primeiros dias da revolução.

O material filmado entre 25 de Abril e o 1.º de Maio, laboriosamente montado, com um texto que procura dar as linhas gerais da resistência aos quarenta e oito anos de ditadura, faz o corpo deste filme.

Produzido em condições particularíssimas ele é, sobretudo um documento histórico relevante. Por outro lado não deixa de ser revelador que o único cineasta a interpelar directamente as pessoas seja Glauber Rocha, numa demonstração de como a fala, a reportagem directa e viva de acontecimentos imprevisíveis não era o forte dos realizadores portugueses.

Mesmo se, por vezes, canhestro, **As armas e o povo** é a realidade agarrada em primeira mão num tempo de cravos e esperança. Só por isso este filme é um marco: o cinema português descia à rua.

ZÉ POVINHO NA REVOLUÇÃO (O)

— curta-metragem
— 35 mm/cor

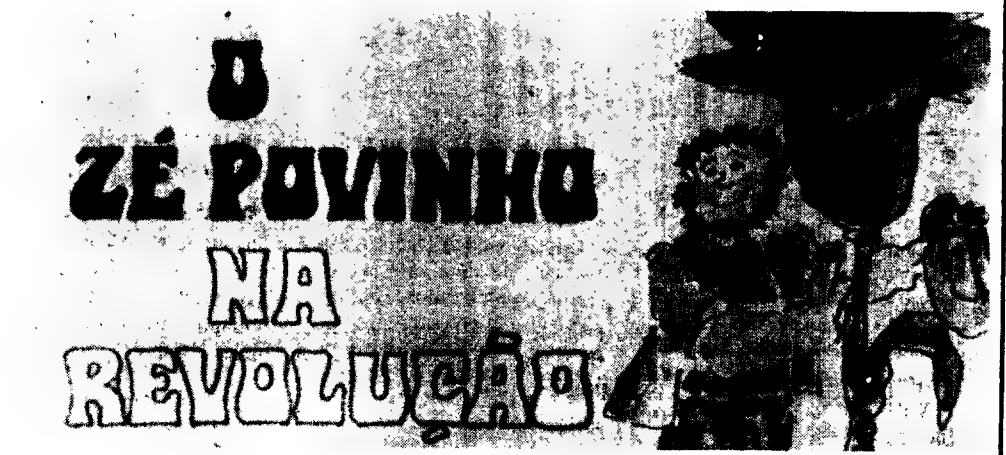
Realização, planificação e montagem: Lauro António. **Texto:** Maria Eduarda Reis Colares e L. António (dito por Lia Gama). **Música:** Banda de Música de Trofa, José Afonso, Paco Bandeira, Paulo de Carvalho, Ermelinda Duarte, Fernando Tordo, João Maria Tudela, GAC — Vozes na luta, Coro da Academia de Amadores de Música, etc. **Efeitos sonoros:** Raul Ferrão. **Misturas:** Luís Barão. **Desenhos de Rafael Bordallo Pinheiro, António Baal, Cid, Crocodilo, Edmundo Tenreiro, Hélder, João Abel Manta, João Benamor, José de Lemos, José Vilhena, Luís Guimarães, Manuel Vieira, Xcmxxvi, Miranda, Palha, Pedro, Sam. V. Silva, V. Peón: fotomontagens «Jornal Novo» (atribuíveis a Artur Portela Filho). **Produção:** L. António. **Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo. **Classificação etária:** Para todos. **Duração:** 18 minutos. **Rodagem:** Novembro de 1977. **Estreia:** 23 de Junho de 1978 (Apolo 70, Lisboa).**

Lauro António para a sua quarta metragem (antecedendo, imediatamente, **Manhã submersa**) escolhe um tema que nem por ser óbvio, é menos interessante: **os cartoons dos jornais nos «anos da Revolução».**

Se a escolha é feliz já a sua prática me parece discutível. Não parecendo ter uma ideia muito clara, um ponto de vista sobre o material utilizado, Lauro António limita-se a recolher (segundo critérios nem sempre os melhores) um imenso espólio gráfico que serializa sem nenhum propósito definido e claro, numa neutralidade que o próprio texto marca.

Se atentarmos no modo como nos são mostrados os **cartoons**, também algumas reservas afloram: L. António raramente filma um **cartoon** na sua totalidade, antes prefere o pormenor, o excerto. Atitude pouco curial, tanto mais que **O Zé-Povinho na Revolução** se quer a-crítico, isto é, não pretende «trabalhar» o material recolhido mas apenas exibi-lo.

Apesar de tudo, o filme tem um interesse inegável, pelo próprio acto de recolha e fixação de um dos elementos que mais presentes estiveram nos anos da mudança post-74.



terramoto no chile
O TEATRO DO MUNDO ESTREIA BREVEMENTE NA ESTUFA FRIA

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccoes
Av. João XXI, 5-D - 1100 (Metro Areeiro) - Rua Infante, 16-55-C - 1300 LISBOA

Em OLHÃO o

Diário de Lisboa

vende-se na PAPELARIA FABRICA

Viagem a Tripoli: uma janela virada para o deserto

Encontrei Tripoli quando o dia vinha ainda longe, estava uma quase noite, fresca, e eu, muito triste, cheia de fome, sem, ao menos, um cigarro, encostara-me à parede exterior do aeroporto da Portela. Foi então que eles chegaram. Caíram, com grandes gritos de saudação, nos braços de uma mulher que desistira de ser nova, porque era avó e tinha muitas mágoas, em voz altíssima, do marido, deitara o filho às urtigas, sentia lágrimas pelo neto, nunca mais queria ouvir falar da outra desvergonhada. Eles riam, davam-lhe palmadas nas costas, e despediam-se. Eram tatuados, duas riscas pequenas de gente, cabeleiras afiadas, calças autocolantes, botinas agressivas na ponta, tacões altos. Dois rastignacs acabados de triunfar nas vielas, traziam o Bairro Alto na barriga e lia-se-lhes nos olhos, nas mãos habituadas à naífa, que aquela viagem não era uma emigração. Era visivelmente outro passo em frente, a busca de vielas mais heróicas. Despediram a mulher, ouvi-os dizer qualquer coisa às gargalhadas sobre a «chata da velha» e só voltei a dar com eles noutro aeroporto. Precisamente no de Tripoli. Estavam já separados de mim por uma intransponível barreira de vidro. Numa fila de espera, em bicha, de pé, disciplinados, às voltas com uma língua desconhecida, com os papéis impressos em árabe, com as dificuldades de escrita. Tinham perdido tudo. Eram dois órfãos. Dois bebés profundamente magoados, procurando debalde a mãe. Começavam a ser emigrantes.

Cinco horas passadas numa extensa gaiola de vidro, no aeroporto de Barajas, meia hora parada dentro do avião da Libyan Airlines no aeroporto de Argel, e o tempo de voo — tudo isso me fatigara em extremo, apesar de um céu sem nuvens me ter permitido ver toda a terra cá em baixo e descobrir que a

Espanha não se distingue essencialmente do outro lado do Mediterrâneo.

Quando, já noite fechada, desembarquei em Tripoli, o cansaço, a angústia ante o desconhecido contribuíram para agravar a sensação de que a Líbia nos repele. A nós, ocidentais. A nós, que por todo o mundo nos sentimos em terra conquistada, porque a língua francesa é das nossas, porque por mais estranhos que sejam os caracteres da escrita alheia, têm sempre ao seu lado a transcrição no nosso alfabeto. Ali, não. Somos estrangeiros, aquilo é dos líbios, e se queremos entender tudo, aprendamos a língua, a escrita árabe. Em Argel o aeroporto chama-se Houari Boumedienne, as carrinhas que circulam têm dizeres em francês, parece-nos a bordo que, se descéssemos, aquilo seria um território fácil. Em Tripoli, o aeroporto chama-se qualquer coisa, em verde iluminado, com os caracteres árabes que eu não entendo. Lá dentro, o magnífico edifício, de uma limpeza assombrosa, só nos oferece mais inscrições em verde, em árabe, e o retrato de Qathafi. Em inglês aprendemos apenas duas coisas: «Não há democracia sem congressos populares», e «Comités Populares por toda a parte».

As rigorosas medidas de segurança, a vigilância com que se examina cada passageiro e se analisam os seus papéis, embora as compreendamos, as louvamos, as achamos indispensáveis, contribuem também para essa sensação de que somos ali irremediavelmente estrangeiros.

Removidas as primeiras dificuldades burocráticas, entrámos (dois jornalistas portugueses) numa sala ampla, muito iluminada, com um friso de cabines telefónicas hipermodernas. Do outro lado do vidro, centenas de pessoas circulavam por entre a longa fila de emigrantes europeus e árabes que

aguardavam a hora de triunfar das dificuldades de entrada.

Estávamos envolvidos por um mundo totalmente desconhecido. Da Europa tínhamos apenas, sentados ao longe, três jornalistas espanhóis, bem aparelhados de gravadores, máquinas fotográficas e máquinas de escrever.

Ao nosso lado, três jornalistas gigantes, de fala americana, desses raros «yankees» que andam pelo mundo com a consciência de que as «riscas e estrelas» viajam cada vez mais frequentemente debaixo do braço.

Mas esses pequenos quadros ocidentais desgarrados eram os pormenores. Estávamos em África e no mundo árabe. Por nós passavam multidões que nunca tínhamos visto: os trajos brancos, as mulheres de véus transparentes na cabeça, os líbios, vestidos, na sua maioria, com uma espécie de pijamas de cor clara de tecido leve, com sapatos de quarto ou sandálias, uma touca na cabeça. Embora alguns vestissem à moda ocidental, a esmagadora maioria usava aquela indumentária, que nos deslocava para as histórias do «Tintim» da nossa infância. Por cada árabe que passava com os seus silenciosos sapatos de quarto, brancos, de feltro, eu recordava a história das babuchas de Abu-Cassem. A «História das Mil e Uma Noites» e um romance dos meus 25 anos, «O Quarteto de Alexandria», vinham-me constantemente à memória: a primeira, porque me parecia ser ainda hoje uma fonte possível de compreensão daquela realidade, a outra, porque me daria o contraste entre uma nação africana e árabe dominada pelos europeus e este novo mundo que tão vincadamente repelia o domínio do homem branco.

Finalmente, fomos recebidos como amigos. Tínhamos sido identificados, as recomendações a nosso respeito haviam chegado aos destinatários, as

fronteiras abriam-se, Tripoli podia ser nossa.

Acompanhados por dois funcionários do Ministério da Informação, percorremos, num ápice, os trinta quilómetros que nos separavam da cidade. Foi esse o primeiro contacto com «Tripoli motorizada», com «Tripoli das altas velocidades». Blocos de apartamentos, fontes luminosas, palmeiras, uma lua muito grande e muito branca, minaretes de mesquitas, inscrições verdes, o Mediterrâneo, a balustrada da marginal, tudo passava a correr, entremeadado de explicações sobre os locais, dadas num francês ou num inglês sem mácula. E chegámos ao Lybian Palace.

Os três jornalistas espanhóis que avistáramos no aeroporto tinham chegado antes de nós. Jantámos todos juntos com os dois funcionários, e foi esse o começo de dois dias de pan-ibermismo em Tripoli: «O Diário de Lisboa», «O Diário», «El Pueblo», «El País», a cadeia SER da rádio espanhola iriam conviver, entreajudar-se, formar uma espécie de união ibérica naquele hotel, nas ruas da cidade, na conferência de Imprensa do general Shazdli, no avião que nos iria trazer de regresso.

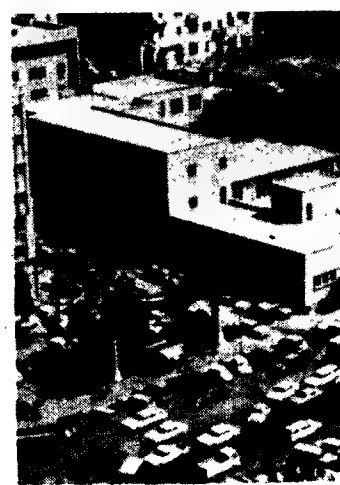
O coração verde

Na primeira noite, percorremos a marginal a pé. Íamos guiados por um dos jornalistas espanhóis, que sabia umas coisas de árabe, e era um veterano: estava ali pela oitava vez. A cada passo encontrávamos uma mesquita («esta é a cidade com mais mesquitas por metro quadrado», dizia-nos), um palácio do Rei Idris (que só em Tripoli tinha cinco, nos pontos mais belos da cidade), arcos com inscrições revolucionárias. Em verde. Em árabe. Uma profusão de cartazes políticos, que analisávamos, que facilmente entendíamos e que bem desejaria-

mos ter trazido connosco. O porto estava tão coalhado de barcos, tão cheio de mercadorias para carregar e para descarregar, a actividade era tão frenética, que tudo nos dava a impressão de um autêntico caos, de tal modo que quase não víamos as águas do Mediterrâneo. Pelo que sei e por aquilo que pude ver, tardará uns longos anos até que Tripoli e aquela magnífica marginal (suponho que era ali que os piratas do tempo dos janízaros molestavam constantemente os barcos das potências europeias) voltem a ter um ar tranquilo e bem arranjado. A Líbia entrou arrojadamente pelos caminhos do desenvolvimento, dum progresso que puxa cada vez mais progresso, e Tripoli é uma das portas essenciais para a entrada e saída de tudo quanto o desenvolvimento do século XX exige.

A certa altura, desembocámos numa praça imensa, com a estátua do imperador romano nascido na Líbia, Septimus Severo (pai de Carecala, avô de Heliogabalo). Um grande edifício deixa duas aberturas para ruas muito estreitas (o antigo suk, o velho bairro do comércio, agora silencioso, depois da criação dos Grandes Armazéns do Povo, que liquidaram a tráficação característica dos países do Norte de África). Uma tribuna armada mesmo encostada à estátua: «É aqui que pulsa o coração da revolução. Aqui são os grandes comícios. Desta tribuna fala Qathafi e daquelas ruas (avenidas largas e planas, de construção fascista italiana) vêm os desfiles da multidão». Aquela hora a praça estava deserta. Só ouvíamos os carros passando a alta velocidade, chiando nas curvas, desrespeitando muitas vezes os sinais, as passadeiras. Em Tripoli — pensámos — o grande perigo são os automóveis.

Penetrámos depois numa das avenidas dos italianos. Um rosto familiar contemplava-nos



em todas as colunas: José Eduardo dos Santos, o presidente da República Popular de Angola. De quando em quando um carro com a foto de Qathafi e inscrições revolucionárias fazia-nos deslocar de súbito para outros países, onde as inscrições são a vermelho, mas também os retratos do dirigente acompanham os dos visitantes amigos.

A maioria dos cartazes referia-se ao 12.º aniversário da revolução e esse número era a única concessão ao alfabeto ocidental.

Junto do mar, corria uma brisa fresca. O cheiro das flores — algumas delas iguizinhas às da minha infância — as palmeiras (gigantescas e cheias de tamaras, tão diferentes das do pequeno jardim do Alandroal), as fontes luminosas, o murmúrio das águas reconciliaram-se de vez com Tripoli. É uma cidade muito extensa, toda plana, numa capital em reconstrução, desarrumada e cheia de areias, onde as noites não têm mulheres (de raro a raro, passava um casal líbio, a caminho de casa, construindo à sua maneira o futuro. Mas essas imagens eram muito menos frequentes que as dos grupos de homens, que gozavam o fresco nos jardins, ou as dos ocupantes — sempre ho-

Dirks e os sobrinhos do capitão

Ainda muitas histórias aos quadrinhos se debatiam com o tratamento da imagem e o enquadramento dos textos e balões, e já «Katzenjammer Kids» (Os Sobrinhos do Capitão) exibiam uma linguagem narrativa, traduzida na sucessão de quadrinhos de forma explícita, e pela quase ausência de textos.

Considerada pelo poeta Kenneth Rexroth como «uma das contribuições norte-americanas para a mitologia moderna», a série desenhada por Rudolph Dirks «pode sintetizar o nascimento dos 'comics', historicamente falando» (Javier Coma).

Surgiu em 12 de Dezembro de 1897. Ao poder das imagens juntaria rapidamente o recurso aos balões, para resolver o problema dos diálogos.

«Os Sobrinhos do Capitão» implantavam, deste modo, uma ficção de personagens que lhe conferiam o carácter de série e lançavam o género conhecido por «kid-strips», a um nível muito mais determinante do que o de «The Yellow Kid».

O conteúdo da série respondia a formulações importantes na época. O seu criador, de origem alemã, foi incumbido pelo director das páginas de humor do «New York Journal», de transplantar as personalidades dos dois travessos irmãos gémeos «Max y Moritz», popularizados na Alemanha pelo desenhador Wilhelm Busch, para o universo americano. Esta decisão coincidia também com as intenções de Hearst e Pulitzer atraírem, mediante o recurso aos suplementos dominicais preferencialmente iconográficos, «a massa de leitores potenciais chegados da Europa Central».

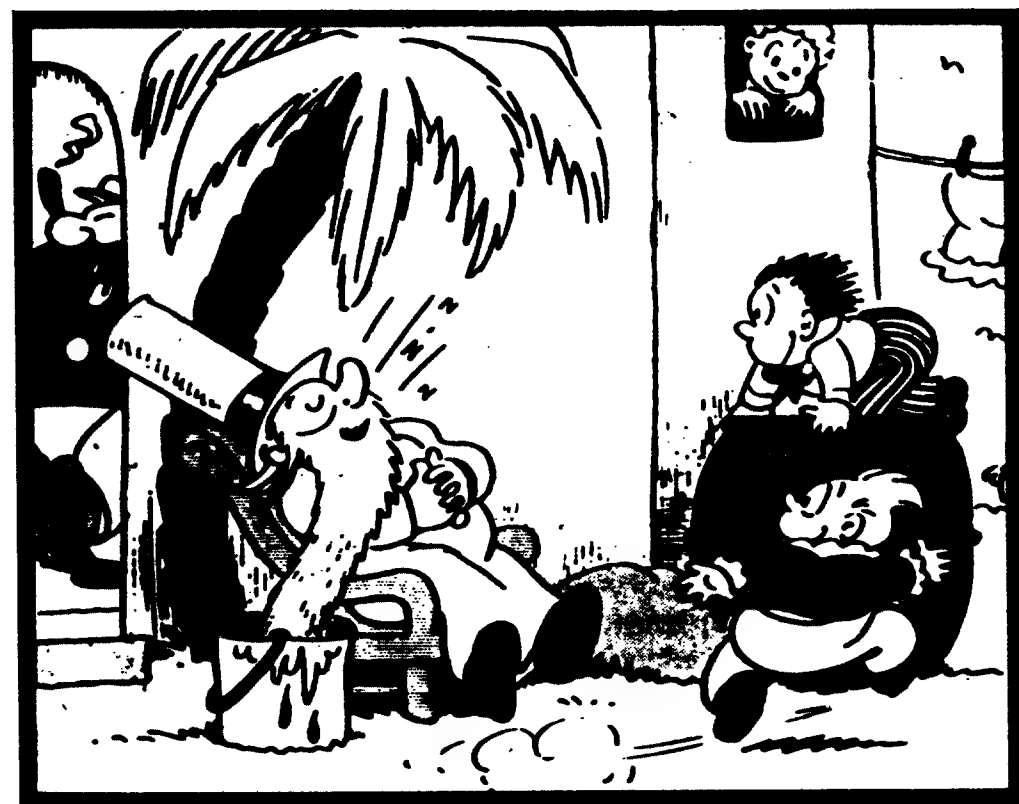
O humor crítico de Dirks inseria-se igualmente numa linha, que Javier Coma define como «sociopolítica», de muitos «comics» da época. Com efeito, os dois putos irreverentes, Hans e Fritz, atacavam desde o primeiro momento a ordem estabelecida, em casa e na escola, levando o sistema a reagir através dos castigos que lhes inflige.

O mundo da aventura atravessa frequentemente a série.

Mas isso corresponde realmente a características pessoais dos protagonistas juvenis da série, propícios a organizar espectaculares desastres na sua pequena comunidade parafamiliar. Os personagens adultos — a mãe, o capitão ou o inspector — simbolizam os elementos básicos da sociedade burguesa, «sem que as suas representações pareçam ser produtos do acaso», como sublinha o autor citado. Por este motivo, a permanente rebeldia dos gémeos apresenta em cada caso significações mais ou menos precisas ou permite no mínimo, «ser interpretada sob a óptica de uma notória perspectiva crítica».

Diversos acontecimentos exteriores à própria banda desenhada, em que deve ser destacada a partida de Dirks para Paris em 1912, permitiram que outros desenhadores passassem a trabalhar na série.

Este facto constituiu fonte de divergências entre o criador e a



empresa para que trabalhava. A dada altura, haverá mesmo duas séries paralelas, circunstância que dificulta ao máximo o seu estudo fenómeno único na história dos quadrinhos.

Em 1932, Dirks abandona a

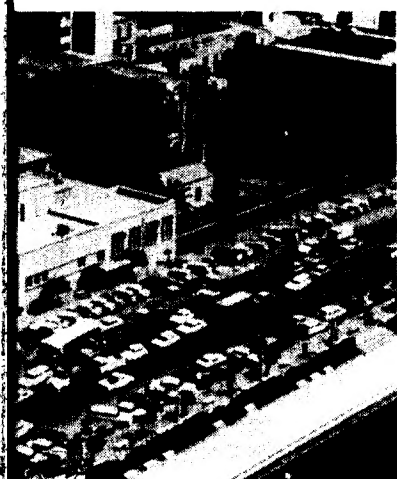
série. Até 1949, Knerr ocupar-se-á dela, manifestando-se em muitos aspectos porventura superior ao próprio criador.

A partir desta data «Os Sobrinhos do Capitão», entram em decadência estética e temática

progressiva, que o filho de Dirks, entretanto à cabeça da série, ainda mais acentua.

Os anos 50 da série deixam de ter já qualquer interesse.

Carlos Pessoa



mens — dos carros meio-loucos que circulavam aparentemente levados pelo desejo apenas de circular).
A caminho do hotel, por ruas do interior, aonde não chegava a brisa do Mediterrâneo, fomos notando edifícios assinalados com as bandeiras verdes da Revolução, com pequenos grupos que entravam ou saíam, janelas escancaradas, luzes acesas, debates animados. Eram decerto reuniões dos comités populares. Ao outro dia, domingo, dia 11, iria ser feriado de júbilo pela morte de Sadat. A decisão havia sido tomada pelos comités populares. Teria sido fruto daquelas reuniões pelas quais passámos nessa noite?

O Alandroal

Começa tudo por ser estranho, exótico, e depois, de repente, a nossa infância reencontra-nos em Tripoli. Aquele velho, ali, sentado, solene e só, na mesa do restaurante. À sua volta agitam-se os empregados (brancos, negros, mulatos, todos falando francês ou inglês, de casaco branco, calças pretas) naquela sala, cheia de uma multidão cosmopolita. Soviéticos, italianos, ingleses, nós, africanos de todos os pontos do continente, duas raparigas do Chade,

envoltas no corpo e na cabeça por tecidos multicolores e transparentes, dois casais de indianos, crianças brancas, muito louras, com laçarotes de tule disparatadamente grandes, e aquele velho, ali, só. O seu rosto não tem cor. O perfil dele é-me familiar. Vejo-o aqui em casa todos os dias. E a evocação mais impressionante se me há-de tornar, quando, no fim da refeição, o vir erguer-se e passar por nós, em caminhada hesitante e nobre, apoiado na sua bengala. Veste um impecável traje branco de tecido muito fino, com a blusa nacional a bater-lhe quase pelos tornozelos. Um colete escuro com os ombreiros característicos do tafetá e uma enfiada de botões e casas com bordados a negro desses que as avós mortas há muito deixaram esquecidos numa arca. Come serenamente o tomate, o pepino, a alface. Toca ao de leve na sopa líbia. Mastiga com indiferença um pouco de arroz com passas de uvas e pinhões. Sóbrio limita-se a uma pequena fatia de borrego grelhado e três ou quatro ervilhas cozidas.

Fascina-me. Pela sua idade, aposto que viu chegar os primeiros italianos, que soube da vida e da morte de Al Mukhtar, que foi contemporâneo dos sanussidas. Suponho-o vindo lá muito do interior da Líbia, chegado àquele hotel, para se encontrar com os estrangeiros que ali desembarcam para os seus negócios. E aquilo recorda-me um Alandroal que nunca conheci. O Alandroal do meu avô, dos lavradores abastados de com o seu luxo um pouco fora de moda, com a sua dignidade de senhores ricos de campo, saíam, de monte e iam a negócios até Évora ou a maiores aventuras até Lisboa.

À tarde, na segunda-feira, caminho por uma rua, toda branca, com pequenas travessas que a desviam, portões e muros como os do Alandroal, e, de

repente, ali vou eu, com seis anos, acompanhada do meu irmão, os dois com tabuleiros de bolos fintos, indiferentes à poeira da rua. Vamos os dois — vão aqueles dois pequenos irmãos — até ao forno do padeiro mais próximo entregar os bolos da festa.

E há ainda um jardim com tufo de aloendros (a árvore que deu o nome à minha terra) onde encontro um carro todo de ferro. É igualzinho àquele que no meu jardim do Alandroal servia para o hortelão me transportar a correr, brincando comigo e com o meu irmão, distraíndo-se a ele e ao carro das suas funções.

E os bandos de crianças de bata azul, crianças morenas, outras de raça negra, saindo alegremente da escola, com os seus livros, a sua algaraviada: é outra vez a minha infância, sou eu, outra vez, como se tivesse renascido em Tripoli.

Houve também um tanque insólito, rústico, na zona nova da cidade. Um pedaço de aldeia esquecido entre os gigantescos blocos de apartamentos acabados de construir e ainda em construção. Um tanque rodeado de uma pequena horta, mesmo em frente de uma mesquita de estilo arrojado. Ao fundo, um plácido branco com cúpulas de azul anilado e gelosias de madeira arrendada — um hotel, como vim a saber mais tarde. Eis que pára um carro de luxo. Um homem relativamente novo, forte, todo vestido de branco, sai do carro e sobe para o muro do tanque. É a hora da oração. Virado para a mesquita (decerto também para Meca) destrói a minha horta alandroalense, mas oferece-me a primeira oportunidade de ver um muçulmano invocando Alá.

Loures e o «dia da vingança»

No átrio do hotel há uma televisão a cores. Dali não espero notícias. Fico-me com as imagens. Reparo que todas as noi-

tes, provavelmente inseridos no bloco noticioso, surgem comentários políticos, sobre o «dia da vingança», a nação árabe, a traição de Sadat. E só ali me é dado observar Qathafi. A sua presença nas ruas é frequente, mas não óbcecante. Aparentemente nada sugere um culto da personalidade. Abundam os posters no centro da cidade, com muitas imagens do líder da revolução, mas rodeadas de tantos cartazes evocativos de lutas árabes e não árabes que a única impressão lícita a retirar é a de que aquele povo vive numa sociedade que se quer bastante politizada. Muito raramente vêem-se pequenas oficinas artesanais — por exemplo, uma, onde se fabricam belos tecidos a tear, que depois são expostos em peça numa modestíssima vitrine — e em todas elas há, pelo menos, um pequeno retrato de Qathafi.

Na noite de domingo assisti ao programa político da TV. As imagens de Nasser abriram o extenso comentário. Mesmo sem saber uma palavra de árabe, senti-me profundamente tocada pela mensagem política daquelas imagens. O nome de Sadat vinha associado aos de Begin, Reagan, Nixon, Carter, Ford. O comentário era acompanhado por imagens ao ralenti do atentado contra Sadat. Focava-se com insistência e ao ralenti a imagem dos soldados que o abateram. Segundo me disse um dos colegas espanhóis esses homens eram apresentados como os heróis do povo, os verdadeiros filhos de Nasser. O «poster» relativo ao «Dia da Vingança» antecedia a imagem ao ralenti do caixão de Sadat. Imagens de multidões em manifestações de massas entremeciam com um discurso de Qathafi, e com o filme da parada comemorativa do 12.º aniversário da Revolução do Fatah. Apareciam, por fim, imagens de um duro treino-militar de forças, que, segundo me parece-

ram, eram palestinas.

A impressão que colhi de tudo aquilo — do contraponto entre as mensagens da TV e a vida calma, jubilosa, e fácil que parece decorrer na capital líbia — foi a de que a revolução, que, graças à extraordinária riqueza do petróleo, pôde libertar os três milhões de habitantes de séculos de miséria, e garantir-lhes um presente à primária vista muito próspero, faz um esforço constante, um apelo permanente às necessidades de luta que a nação árabe no seu conjunto enfrenta face aos seus poderosos inimigos. A própria ideia da democracia directa, a entrega da defesa da pátria a cada cidadão, parecem-me um meio de evitar que a vida fácil conduza ao adormecimento das consciências. A TV, suponho, tem um papel essencial nesse labor ideológico.

E em Portugal, havia as eleições de Loures. Muito mais europeus que nós, os três colegas espanhóis iam dotados de tudo. Até de um pequeno rádio, uma maravilha da técnica, que captava — com grande soma de ruídos, é certo — as emissoras europeias. Era preciso que eles no domingo à noite estivessem atentos aos resultados das eleições de Loures.

Às oito da manhã, chegou o primeiro espanhol à sala onde eu tomava o pequeno almoço. «Se las ganaron los comunistas» — disse-me. Tinha fixado as percentagens. Trazia as informações todas completas para nós. E foi, entre um gole de «chai» (chá), um bocadinho de pão com geleia de morango, e um sumo de cássia, bem vermelho, que comemorámos, nós os dois, os portugueses, a vitória de Loures. Em Tripoli. Esperava-nos um dia árduo de trabalho. Assistir à conferência do general Shazdli, preparar a notícia para o jornal, ir bater o telex, organizar o regresso a Portugal.

A ida para a sala onde ia decorrer a conferência

proporcionou-nos uma visão das manhãs atarefadas de Tripoli. Os carros dominam tudo. As multidões só se distinguem das europeias pelo traje. De quando em quando avistávamos umas trouxas de roupa, muito brancas, percorrendo a rua: eram as mulheres da velha geração. As novas pareciam europeias e, por vezes, um rosto que passava era tão semelhante nas feições, no modo de andar, no sentido de existir ao das portuguesas que me parecia ser de alguém muito meu conhecido. A grande velocidade e com imenso calor passávamos pelas montanhas, fartas de tudo dos diversos armazéns do povo.

As últimas imagens que guardamos de Tripoli são como um filme a correr, por onde passam, fugindo de nós, edifícios coloniais italianos, luxuosos blocos de apartamentos acabados de construir, com sacadas de estilo árabe, mulheres envoltas em mantos brancos, rostos de antigas amigas nossas que há muito perdemos, vultos masculinos, minaretes de mesquitas, bandeiras verdes, inscrições, «posters», tudo ao som de um imenso martelar, de um frenético construir.

É a capital de um país à janela do qual mal nos assomámos.

«Tripoli é muito importante-disseram-me. Mas para descobrir a Líbia tem que ir ao deserto. Ver como as terras áridas estão a ser conquistadas e transformadas pela revolução».

Acredito. E se um dia for até lá decerto descobrirei alguns dos cinco mil portugueses, que, juntamente com os líbios, estão a roubar uma pátria verde ao deserto. Repetindo hoje nos areais do Norte de África o milagre que os holandeses do passado fizeram com o mar. Quem sabe se os meus tatuados companheiros de viagem estarão, lá, no deserto, curados da naífa, remidos das vielas, finalmente adultos?

Alice Nicolau

Na Gulbenkian

Cinema americano dos anos cinquenta

O ciclo de cinema americano dos anos 50 que a Fundação Gulbenkian está a apresentar com o sucesso já habitual, vai ter o seu primeiro interregno. Entre hoje e amanhã, seis filmes serão exibidos, depois só há mais lá para meados de Novembro. Entretanto, por muitas e boas razões, estes seis filmes merecem atenção. Eis algumas dessas razões.

1. Marlene Dietrich, naquele que é o seu melhor trabalho desde os tempos míticos do Sternberg dos *thrillers*, está hoje (às 18.30 h), pela mão de Fritz Lang, num dos westerns mais desencantados e doloridos dessa década: *O rancho das paixões*.

2. Howard Hawks (e quem diz Hawks diz o mais facetado dos autores de uma cinematografia que «dominou» durante quarenta anos) chega pela primeira vez a este ciclo com *Céu Aberto*, um western com Kirk

Douglas, um actor que aqui prova não ser tão ruim como às vezes o pintam. É hoje à noite, 21.30 h.

3. Walsh e Cagney, num filme sobre os meandros políticos de uma cidade (*A fera*) e Fritz Lang num dos seus famosos *thrillers* (*corrupção*). Tenho para mim que Lang é o melhor dos cineastas desses anos, vale a pena (re) confirmá-lo, amanhã às 15.30 h.

4. Hawks, de novo numa das suas esfuizantes comédias com duas das *sex-symbols* da década, Marilyn Monroe e Jane Russell (*Os homens preferem as loiras*). Um anónimo escrevia no «Sete» da passada semana que «o filme mistura vulgaridade com sofisticação» e é bom vê-lo quanto mais não seja para se notar que vulgaridade é coisa que por lá não anda, nem de perto nem de longe. Além disso Marilyn, então em fulgurante ascensão prova por A + B

que é muito mais que a loura de formas olímpicas que muitos julgam que ela apenas foi. Na mesma sessão em que se exhibe *Os homens preferem as loiras*, passa *A roda da fortuna*, o último «musical» do período 49/53, época que deu ao cinema os seus mais perfeitos filmes do género. *The band wagon* (de seu título original) é assinado por Vincente Minnelli e traz (só...) os dois mais brilhantes bailarinos da História do Cinema: Fred Astaire e Cyd Charisse. É amanhã, às 21.30 h.

Resta dizer que *O rancho das paixões*, *Céu aberto*, e *A roda da fortuna* são legendados em português; os restantes exibem-se em versão original, sem legendas. O ciclo reabre a 16 de Novembro com um filme de Fuller (*Mãos perigosas*). Dele e dos seguintes filmes se falará a seu tempo.

J. L. R.



Marlene Dietrich, pela mão de Fritz Lang, num western (quase) lendário: «O rancho das paixões»

Publicidade

Sete Ponto Sete

teatro • nosso tempo
SABADOS E
DOMINGOS, ÀS 15,30
CONCERTO de CONTAS
M/4 ANOS
SUB P/SEC. PRACA JOSE FONTANA, 12-B-TEL 573831

O T.N.T. CHAMA A ATENÇÃO DAS EMPRESAS, ESCOLAS, COOPERATIVAS E ASSOCIAÇÕES QUE ESTEJAM INTERESSADAS NO SEU ESPECTÁCULO, QUE DEVERÃO PROCEDER URGENTEMENTE ÀS RESPECTIVAS MARCAÇÕES, PARA QUE POSSAMOS ORGANIZAR A NOSSA PROGRAMAÇÃO.

**TEATRO MUNICIPAL
DE SÃO LUIZ**
COMPANHIA DE TEATRO DE LISBOA
ÚLTIMA SEMANA
**GRAÇA LOBO
EM
MOLLY BLOOM**
DE
JAMES JOYCE
CENÁRIOS JÚLIO POMAR
ENCENAÇÃO CARLOS QUEVEDO
Todos os dias às 21.30 • Matinéas sáb. e dom. às 18 horas
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS
SUB SEC

Uma espada forjada por um Deus
Semente do Futuro
Força viva de um Rei



EXCALIBUR
John Boorman "EXCALIBUR"
Nigel Terry, Helen Mirren, Nicholas Clay, Cherie Lunghi, Paul Giamatti, Nicol Williamson
Produção executiva: Edgar F. Gross e Robert A. Eisenstein. Encenação e produção: John Boorman
Argumento de Rospo Pallenberg • John Boorman
Adaptado de Malory (da obra de Chrétien de Troyes) • Rospo Pallenberg
BREVEMENTE EM LISBOA E PORTO
MONUMENTAL TRINDADE PORTO TERMINAL
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

No Teatro Aberto
TODOS OS DIAS ÀS 21.30 h.
DOMINGO ÀS 18 h.

Teatro Ibérico



Metabulo do Amor Profano
DE EDUARDO BLANCOAMOR

PUB.

ADOQUE 6.º MÊS!
teatro
TEL. 87 44 76

**PAGA
AS FAVAS**

2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª às 21.30 h. Sábado às 20.30 e 23 h.
Domingo às 16 e 21.30 h. — FOLGA À QUARTA-FEIRA

Rua Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/649205

**teatro
do bairro
alto**

teatro da Cornucópia

**NÃO SE PAGA!
NÃO SE PAGA!**
de
Dario Fo

é, de facto impagável!
— C. Porto — DL
(um serão animadíssimo a Lu-
tuoso — F. Mídões — D. S.)
Todos os dias às 21.30. Quinta-
feiras só às 17 horas 2.ª feira a 19h30.
C. Porto

COMUNA
teatro de pesquisa

DIARIAMENTE ÀS 21.45 h
DOMINGO SÓ ÀS 17 h
2.ª-FEIRA DESCANSO

curta série de espectáculos
só até 15 de
novembro

**SERENA
GUERRILHA**

fontes rocha
joão mota

carlos paulo • carmen marques
francisco pestana • joão mota
miguel guilherme • teresa lima

ANTES OU DEPOIS DA PEÇA JANTE
OU CEIE NO CAFÉ-TEATRO

PRACA DE ESPANHA • TEL. 26 20 64 • QUESTÃO DA SEC

GRUPO DE CAMPOLIDE-ACADEMIA ALMADENSE
GUERRA? NÃO OBRIGADO
ENC. FERNANDO GUSMÃO
DIA 24 EM ODEMIRA
DIA 25 em ALMADA
EM ENSAIO A RECTA GUARDA de ROMÉU CORREIA



DISTRIB. REUNIDOS

LEE MARVIN **ROGER MOORE**

ARMADILHA INTERNACIONAL
com BARBARA PARKINS
Realização de PETER HUNT
INTERDITO a menores de 13 anos
BREVEMENTE
EM LISBOA

**SINDICATO DOS TRABALHADORES
DOS TÊXTEIS, LANIFÍCIOS
E VESTUÁRIO DO SUL**

**VESTUÁRIO DO SUL
PRÉ-AVISO DE GREVE**

— À Associação Patronal
— A todas as empresas de Vestuário do Sul
— Ao Ministério do Trabalho

**GREVE NOS DIAS
26, 27 e 28
DE OUTUBRO/81**

Os trabalhadores do Vestuário do Sul vão continuar a sua luta pelo Contrato Colectivo de Trabalho.
O patronato continua a não se mostrar disposto a prosseguir as negociações.
Os trabalhadores certos da justeza das suas pretensões decidiram recorrer uma vez mais à greve nos dias 26, 27 e 28 de Outubro/81.
A greve terá lugar em todas as empresas de Vestuário do Sul, durante as 2 primeiras horas de trabalho de cada um dos três dias.
Lisboa, 23 de Outubro de 1981.

Pel' A Direcção
M.ª ADELAIDE DE J. VIEIRA

AS ASSOCIAÇÕES SIGNATÁRIAS — Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Couros e Peles de Portugal; Sindicato dos Trabalhadores Têxteis do Distrito de Braga; Sindicato dos Trabalhadores Têxteis dos Distritos do Porto e Aveiro; Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Centro; Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul; Sindicato dos Trabalhadores de Vestuário, Lavandarias e Tinturarias do Distrito do Porto; Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário, Lavandarias e Tinturarias do Distrito de Braga; Sindicato dos Trab. Vestuário, Lavandarias e Tinturarias do Distrito de Aveiro; Sind. do Trab. Sector Têxtil da Beira Alta; Sind. Trab. Sector Têxtil da Beira Baixa; Sind. Trab. Lanifícios do Norte; Sind. Tapedeiros, Cordoeiros e Redeiros do Centro do País; Federação Nacional dos Sind. Hotelaria e Turismo; Federação dos Sind. da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal; Fed. Nac. Sind. Construção Civil e Madeiras; Fed. Nac. Transportes Rodoviários; Fed. Sind. Trab. Ind. Celulose, Papel, Gráficos e Cartonagem; Fed. Sind. Trab. Ind. Eléctricas; Sind. Livre do Norte dos Trabalhadores de Armazém; Sind. Telefonistas de Lisboa; Sind. Nacional dos Técnicos de Desenho; Sind. dos Trab. Serviços Portuários, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares; Sind. Professores da Grande Lisboa; Sind. Fogueiros de Terra e Unico da Mestrança e Marinhagem de Máquinas da Marinha Mercante; Federação Nacional dos Sind. dos Trab. do Comércio e Serviços; Sind. Oficiais e Engenheiros Maquinistas da Marinha Mercante; Federação dos Sind. Trab. de Escritório e Serviços — FETESE.

Festival de Jazz muda-se para o Estoril

Continuação da pág. 1

A sua carreira é frequentemente interrompida e atravessa graves crises devidas sobretudo à dificuldade em abandonar o uso de estupefacientes.

Teve porém recentemente a oportunidade de gravar bons discos em que volta a afirmar as suas grandes qualidades de trompetista e cantor: «No Problem», «The Touch of Your Lips» (com Dong Raney, guitarra e Niels Pederson, contrabaixo), «Once Upon a Summertime» (com Gregory Herbert sax-tenor, Harold Danko piano, Ron Carter contrabaixo e Mel Lewis bateria).

Chet Baker é um trompetista que se associa normalmente ao estilo «cool» em cujos inícios de facto participou. Mas, a sua personalidade musical transcende a dessa escola. Podemos verificá-lo em gravações recentes e verifica-se já, por exemplo, no disco que gravou com «hard-bopers» (Johnny Griffin, etc.) no final dos anos 50.

Chet tem uma sonoridade bastante característica, de uma grande clareza em todos os registos e quase sem vibrato.

É curioso verificar que vários críticos e escritores o têm aproximado da figura semilendária da história do jazz que foi Bix Beiderbecke, transformando o próprio Chet Baker numa espécie de lenda viva a quem dedicaram já várias pequenas peças literárias.

Los Angeles Four

Bud Shank — saxofones e flauta.

Nasceu em Dayton (Ohio), em 1926.

Iniciou-se no clarinete aos dez anos e no sax alto aos catorze. Com vinte e um anos estudou flauta, um instrumento até então muito pouco usado na música de jazz. Bud Shank foi assim um dos seus pioneiros.

Frequentou a Universidade de Carolina do Norte até 1946.

Estabelece-se na Califórnia em 1947, pouco depois de iniciar a sua carreira de músico profissional e lá, tem a oportunidade de estudar composição e arranjo com Shorty Rogers.

Toca com Charlie Barnet (1947/48) e Stan Kenton (1950/51). Faz tournées pela Europa e por África. Obtém magníficos resultados nos referendos da revista Down Beat, nos anos 50 e 60.

Grava com Laurindo Almeida, Chet Baker, Shelly Manne, Gerry Mulligan, Jimmy Giuffrè, etc.

Está no Los Angeles Four desde a sua criação, em 1974.

Laurindo Almeida — guitarra acústica

Nasceu em S. Paulo (Brasil), em 1917.

A sua carreira no jazz começou em 1947, com a orquestra de Stan Kenton. Grava vários discos, compõe música para filmes e constitui o seu próprio trio. Vem a integrar-se no Modern Jazz Quartet de John Lewis, com quem dá espectáculos na Europa.

Grava com Herbie Mann, Bud Shank, etc. Desempenha um importante papel nos primeiros tempos da «bossa nova».

Participa no L.A. Four desde a sua fundação.

Ray Brown — contrabaixo

Nasceu em Pittsburg (Pennsylvania), em 1926.

Estuda piano e contrabaixo. Ainda bastante jovem começa a trabalhar como músico profissional.

Em 1945 toca com Dizzy Gillespie e integra-se na sua extraordinária orquestra.

Abandona a orquestra para formar o seu próprio trio, casando-se com a cantora Ella Fitzgerald (em 1948), passando a actuar como seu acompanhante.

No princípio dos anos 50 (já divorciado da cantora) entra para o trio do pianista Oscar Peterson com quem permanece até 1965.

Durante toda a sua carreira tem obtido inúmeros primeiros lugares em referendos de críticos e amadores.

Foi um dos criadores do Los Angeles Four, em 1974.

Ray Brown é, de entre os músicos de jazz, um dos poucos nomes que sempre reuniram uma quase unanimidade no que respeita ao reconhecimento do seu alto valor de instrumentista.

Na verdade, já há longos anos que Ray Brown é considerado o **acompanhante ideal** no contrabaixo.

A sua mão esquerda, de uma segurança perfeita na marcação das notas e um total sincronismo das duas mãos, produzem um som sempre equilibrado, nítido e volumoso. O seu sentido rítmico é indiscutível.

Gravou com Dizzy Gillespie, Bud Powell, Milt Jackson, Louis Armstrong, Charlie Parker, Lester Young, Sonny Rollins, Lionel Hampton, etc., etc.

Jeff Hamilton — bateria

É o mais jovem membro do Los Angeles Four.

Frequentou a Universidade de Indiana. Integrou-se na New Tommy Dorsey Orchestra. Participou depois na Lionel Hampton Orchestra, Monty Alexander Trio e Woody Herman Orchestra que abandonou para se juntar ao L.A. Four.

McCoy Tyner — pianista

Nasceu em Filadélfia, em 1938.

Estudou música nas escolas de West Philadelphia e de Grannoff.

Com 15 anos criou o seu primeiro grupo, um septeto de rhythm & blues. Os vizinhos de rua e amigos da altura eram, nada menos que, Bud Powell (o grande pianista do bebop), Bobby Timmons, Lee Morgan, Archie Shepp, Reggie Workman, etc.

Aos 17 anos, quando trabalhava no «Red Rooster», houve um importante acontecimento na sua vida: conheceu John Coltrane, num intervalo das suas colaborações deste com Miles Davis.

Tyner e Coltrane actuaram então várias vezes em conjunto e logo ficou assente que o pianista faria parte do grupo que Coltrane tencionava já vir a constituir.

Entretanto, em 1959, McCoy Tyner junta-se a uma nova formação, o Jazztet, dirigido por Art Farmer e Benny Golson. Foi com eles que Tyner, então com 20 anos, realiza a sua primeira gravação.

Mais ou menos por essa altura, sabe que Coltrane andava a organizar finalmente o seu próprio agrupamento. Tyner larga tudo e junta-se à formação do saxofonista que ficou na História como uma das três ou quatro melhores de todas as épocas do

Quarteto de Freddie Deronde

- Freddie Deronde — contrabaixo
- Ferdinand Povel — saxofone tenor
- Michel Herr — piano
- John Engels — bateria

Quinteto de McCoy Tyner

- McCoy Tyner — piano
- Avery George Sharpe — contrabaixo
- Ronnie Burrage — bateria
- Joe Ford — saxofones
- John Blake — violino

Trio de Martial Solal

- Martial Solal — piano
- Mike Richmond — contrabaixo
- Daniel Humair — bateria

Quarteto de George Adams/Don Pullen

- George Adams — saxofone tenor
- Don Pullen — piano
- Cameron Brown — contra-baixo
- Victor Lewis — bateria

Trio de Chet Baker

- Chet Baker — trompeta
- Philippe Catherine — guitarra
- Jean-Louis Rassinfosse — contrabaixo

Los Angeles Four

- Bud Shank — saxofone alto e flauta
- Laurindo de Almeida — guitarra
- Ray Brown — contrabaixo
- Jeff Hamilton — bateria.

jazz. Na bateria estava Elvin Jones e Jimmy Garrison no contrabaixo; mais tarde tiveram ainda a participação de Eric Dolphy.

McCoy ficou com Coltrane até 1965. Nessa altura, havia dois bateristas no agrupamento (Rashied Ali viera acrescentar-se a Elvin Jones) e o pianista afirma que chegava a ter dificuldades para se ouvir a si próprio... De qualquer modo, tinha chegado a altura de McCoy Tyner ter a sua formação.

Mas, os anos que se seguiram, foram economicamente difíceis para os músicos de jazz. Tyner chegou a pensar abandonar a música e fazer-se motorista de táxi para poder sustentar a família. Mas, o amor da música foi mais forte e Tyner resolveu correr o risco.

Gravou então alguns discos memoráveis para a Blue Note, com instrumentistas como Ron Carter, Lee Morgan, Joe Henderson, etc.

O seu primeiro trabalho para a Milestone, «Sahara», em 1972, foi considerado — o disco do ano — pelo referendo dos críticos organizado pela Down Beat.

De então para cá, McCoy Tyner, sempre considerado um dos primeiros nomes do piano, tem gravado com o que há de melhor no mundo do jazz: Freddie Hubbard, Jack DeJohnette, Bobby Hutcherson, Billy Cobham, Tony Williams, etc.

Tyner encontrou uma linguagem própria no piano. Uma grande técnica ao serviço de um estilo que faz contrastar vigor (ficaram conhecidas as cordas que a mão esquerda de Tyner estourou...) com uma delicada sensibilidade.

Os seus pianistas preferidos: «... para me inspirar, ouço às vezes Art Tatum...»

Martial Solal — pianista

Nasceu na Argélia, em 1927. Começa os estudos de piano com 6 anos. Aos 14 trabalha em Argel com um professor que o

põe em contacto com o jazz. Pela rádio, descobre Django Reinhardt, Art Tatum, etc..

Em 1950, decide partir para Paris. Integra-se em várias formações e vem a fixar-se no Club Saint Germain onde, ao lado do grande baterista Kenny Clarke (por vezes) e no espaço de vários anos, tem a oportunidade de acompanhar todos os bons músicos de passagem por França: Lucky Thompson, J. J. Johnson, Dizzy Gillespie, etc..

Em 1953 grava o primeiro disco e, dois anos mais tarde, recebe o prémio «Django Reinhardt» que recompensa o melhor músico francês do ano.

O seu primeiro e famoso trio, com Daniel Humair na bateria e Guy Pedersen no contrabaixo, surge em 1958.

Em 1963 é convidado para participar no Festival de Jazz de Newport.

No início dos anos 70, contacta Pierre Sancon, professor no Conservatório de Paris, que lhe transmite as suas concepções, a sua maneira de encarar o piano. Solal considera esse encontro de importância capital na sua evolução como pianista.

Em 1972, começa a actuar em solo absoluto.

Participa em vários festivais: Antibes, Montreux, Monterey (Califórnia), Cascais (intervenção demasiado breve), etc..

Volta a tocar com acompanhantes e, desde 1980, à frente de uma grande orquestra em que participa a maior parte dos principais instrumentistas franceses.

Solal refere os primeiros pianistas que o influenciaram: Fats Waller, Teddy Wilson, Art Tatum e, quando da sua chegada a Paris, o francês Bernard Peiffer.

Hoje, pode afirmar-se que Martial Solal toca transcendendo os estilos, as épocas e as influências. Em constante evolução, acabou por absorver-las todas, acrescentando-lhes uma característica pessoal, um sabor que não é alheia a cultura francesa.

E terminaremos citando o

crítico Maurice Cullaz: «... ao evocar Martial Solal insiste-se sempre na clareza, nitidez, limpidez, lucidez e inteligência ou distinção da sua música. Insiste-se na técnica monstruosa, na velocidade ou ainda na qualidade do seu som. Claro que tudo isso é evidente. Mas creio que é necessário falar também da sensibilidade e do «feeling», do calor e da generosidade da sua música, da profunda inspiração de que nunca se separou, de tudo o que ele consegue comunicar, com tanto pudor e contenção, sem qualquer espécie de concessões...»

Daniel Humair — baterista

Nascido em Genebra (Suíça), em 1938.

«O mais valioso presente que a Suíça deu à França, depois de Blaise Cendrars e Jean-Luc Godard...» (Télérama 1981).

Daniel Humair, muitos críticos o afirmam, é o melhor baterista europeu.

Começou a estudar música muito jovem e tornou-se profissional aos 17 anos, depois de ter ganho um concurso de amadores.

Em Outubro de 1958 chega a Paris. Tem a oportunidade de acompanhar Don Byas, Lucky Thompson, Bud Powell, Oscar Pettiford, Chet Baker, Kenny Dorham, etc..

Inicia uma longa permanência com o Trio de Martial Solal. Participa em vários festivais, em França e no estrangeiro.

Em 1965 deixa Solal para acompanhar o grupo vocal Swingle Singers, com quem dá espectáculos por todo o mundo.

De 1968 a 1971, faz parte da European Rhythm Machine, de Phil Woods, que esteve presente, com grande êxito, no primeiro Festival de Cascais.

Em 1970 obtém o 1.º lugar do referendo dos críticos para a revista «Down Beat», na categoria — bateria «New Star» —.

Daniel Humair é um baterista cujas qualidades se afirmam em qualquer «tipo» de jazz que acompanhe, de Phil Woods a Michel Portal...

Denis Constant escreveu sobre Daniel Humair: «... um percussionista virtuoso, um músico para quem a bateria não é unicamente uma máquina de produzir ritmos mas um instrumento integral, cujas nuances sonoras contribuem para o conjunto da música do Trio».

O quarteto de George Adams/Don Pullen

George Adams — sax tenor

Don Pullen — piano

Cameron Brown — contra-baixo

Victor Lewis — bateria

O genial músico que foi Charlie Mingus não limitava o seu papel de líder das várias formações que teve a cargo, a uma mera coordenação orquestral.

Só comparável a Mile Davis no «faro» com que descobria novos talentos, sempre os marcou com a sua fortíssima personalidade, de tal modo que, através dos decénios em que exerceu a sua actividade, podemos realmente falar da existência de uma verdadeira **escola Charlie Mingus**. Vejamos alguns dos nomes que passaram pelos seus agrupamentos: Eric Dolphy, Jaki Byard, John Handy, Clifford Jordan, Bill Evans, Wynton Kelly, Mal Waldron, etc. etc.

Foi esse ainda o caso de três dos membros do quarteto que lhes vamos apresentar (no contrabaixo falta o próprio Mingus) e que frequentaram — com assiduidade e aproveitamento — a «escola» mingusiana dos anos 70.

George Adams — sax tenor, flauta, clarinete e voz.

Nasceu em Covington (Geórgia) em 1940. Completou sérios estudos musicais antes de se iniciar profissionalmente em formações de blues: Howlin' Wolf, Lightnin' Hopkins, etc. Em meados dos anos 60 acompanhou organistas como Bill Doggett. Na Primavera de 1968 fixa-se em Nova York onde trabalha com Roy Haynes, Gill Evans e Art Blakey. Em 1973 entra finalmente para o agrupamento de Mingus. Na música do saxofonista podem notar-se as influências mais ricas e variadas, desde Ben Webster e Sonny Rollins, até aos rhythm & blues e à música de igreja da sua juventude. Mas o próprio George Adams afirma: «...Sinto-me também muito próximo de Albert Ayler. Conheci-o em Cleveland e éramos muito amigos». Falando de moda e jazz, declarou ao crítico G. Pellicciotti: «...Acredito num regresso, ou antes, numa permanência da música tal como a faziam Charlie Parker e Dizzy Gillespie. Ela continua a ser a principal corrente, a música negra clássica...»

Don Pullen — piano, órgão, compositor.

Nasceu em Roanoke (Virgínia), em 1944. Começou a tocar com dez anos. Em 1964 mergulhou na vida musical de Nova York. Era uma época activa e difícil. Eram os primeiros tempos do «free jazz». Don Pullen participou no movimento. Sobreviveu tocando órgão num grupo que ele próprio organizara e trabalhando simultaneamente como compositor e autor de arranjos para os King Records e outras companhias discográficas. Acompanhou Milford Graves e Giuseppe Logan. Pullen recorda esse tempo: «...Giuseppe foi uma espécie de professor para mim. As minhas concepções musicais, o meu percurso intelectual, tudo isso ganhou raiz quando trabalhava junto dele. Giuseppe teve uma enorme influência sobre mim».

No princípio dos anos 70, Don Pullen estava presente em todos os campos da música afro-americana: no blues, no rhythm & blues, no jazz clássico e no jazz de vanguarda. Era de prever que o «faro» de Charlie Mingus acabasse por descobri-lo; e assim aconteceu. Da sua passada experiência no **workshop** de Mingus, Pullen afirma: «...era verdadeiramente muito excitante. Todos os estilos em que sempre tive que tocar passaram a fazer parte da minha experiência de músico. Nunca tive reservas ou preconceitos. Gosto de tocar de todas as maneiras».

«Tomorrow's Promises», com George Adams, foi o primeiro grande trabalho em disco que Don Pullen assinou.

No Referendo Internacional dos Críticos organizado pela revista Down Beat em 1976, Pullen teve o primeiro lugar, como pianista, na categoria «talentos que merecem superior valorização».

Futuros do vai-vem espacial

É, em princípio, nos primeiros dias de Novembro que o vai-vem espacial americano partirá para o espaço pela segunda vez. Ainda se trata de uma missão experimental embora mais longa que o voo inaugural do passado mês de Abril, e que permitirá experiências diferentes. O vaivém é, com efeito, um engenho de múltiplas possibilidades que cumprirá, no futuro, tarefas várias. Seguem-se alguns exemplos e muitos mais haverá.

O vaivém espacial é, antes de mais, um meio de pôr em órbita homens e satélites.

No que diz respeito aos satélites, esta actividade não é diferente da de um foguetão. Mas o vaivém também pode efectuar a operação inversa, aproximar-se de um satélite, pegar-lhe com o auxílio de um braço telemanipulador, colocá-lo no seu paiol e trazê-lo para terra. É uma nova operação na panóplia espacial, e as suas implicações podem ir muito longe.

A mais importante é a possibilidade de reparar um engenho enfraquecido. Até agora os lançamentos têm tido um carácter definitivo: logo que o satélite parte, deixa de ser possível qualquer intervenção. É pois vital que tudo funcione na perfeição durante o tempo previsto para o uso do satélite. Isto leva a duplicar ou a triplicar os equipamentos vitais, a escolher para eles componentes fabricados ou testados com um cuidado extremo, a fazer ao conjunto todos os ensaios possíveis e imagináveis. Em muitos casos fabricam-se dois exemplares do satélite, um dos quais não se destina a voar, mas a suportar ensaios cada vez mais perfeitos e, eventualmente, destruídos. Pelo contrário, ao exemplar destinado ao voo só são feitos os menores ajustes que é possível no aspecto térmico e mecânico.

Tudo isto custa, como é evidente, muito caro. A possibilidade de reparar um satélite em órbita — sobre tudo se for concebido de modo a que a substituição de equipamento especial seja fácil, ou de o trazer a terra para revisão completa, pode permitir uma menor exigência nos ensaios e na qualidade dos componentes. Um estudo feito em 1974 sobre 131 «pannes» de satélites, mostrou que a maioria delas podia ser facilmente reparada no local.

Assim como a Europa se associou ao programa vaivém, construindo o laboratório Spacelab, o Canadá encarregou-se da realização do telemanipulador que permitirá estas operações de reparação de satélites. Construído por um grupo de sociedades canadianas, dirigidas pela Spar Aerospace, o telemanipulador é um braço articulado de 15 metros de comprimento. Este braço tem três articulações — «o ombro, o cotovelo e o pulso» — e um sistema análogo a uma mão, que lhe permite agarrar, orientar e deslocar objectos volumosos que podem atingir os 18 metros de comprimento e os 4,5 metros de diâmetro.

A principal dificuldade para a sua realização era a grande exigência de leveza e segurança. A primeira não consente todo e qualquer teste real do seu funcionamento na Terra, visto o braço ser construído para se mover sem sofrer a força da gravidade. A segunda obrigou a múltiplas precauções para que

qualquer «panne» do braço não pusesse em causa a segurança do vaivém e da sua equipagem. O braço servirá não só para colocar ou retirar os satélites, mas também para transportar um astronauta que saia para o espaço, ou uma câmara de televisão destinada a inspecionar o revestimento do vaivém. Ele poderá também ser utilizado para a junção de estações orbitais no espaço. Para cumprir esta variedade de missões prevê-se a construção, para além da «mão» standard, de terminais apropriados.

Militares e grandes pássaros

O quarto voo experimental do vaivém poderá ser um voo militar. Essa simples eventualidade mostra que o vaivém, embora construído por uma administração civil, tem uma vinculada vocação militar. Esta foi-se, de resto, amplificando com o decorrer dos anos. Está em construção um novo local de lançamento do vaivém, junto do centro espacial Kennedy, na base californiana de Vandenberg, e dependerá do departamento americano da defesa. O terceiro vaivém a entrar em serviço, o Discovery, ser-lhe-á atribuída logo na sua inauguração, e servirá quase só para missões militares.

O departamento da defesa conseguiu que o dotassem de um centro de controlo — situado em Colorado Springs no Estado do mesmo nome. O do Lyndon-Johnson-Center, em Houston, no Texas, é considerado impróprio para a preparação de certos segredos. E, segundo certas declarações do administrador da NASA, podia ser recriado um corpo de astronautas militares sobre os quais a NASA não teria nenhum controlo. O problema dos astronautas militares não tinha sido aceite no fim dos anos 60, quando o projecto MOL (laboratório orbital habitado) do exército do ar foi abandonado. Os astronautas recrutados para esse corpo foram transferidos para a NASA. A participação de um deles, Robert Crippen, na primeira missão do vaivém, em Abril passado, talvez não fosse sem significado.

Por que precisam os militares americanos do vaivém? Eles já possuem os lançadores Titan, cujos últimos modelos podem colocar 14,5 toneladas em órbita polar (órbita que sobrevoa os polos e graças à rotação da Terra, todos os pontos do globo sucessivamente). Eles querem, porém, colocar em órbita satélites ainda mais pesados, o que poderá obrigar os futuros exemplares do vaivém (actualmente limitado a 18 toneladas de peso em órbita polar), a modificações e a aumentos de capacidade. As cargas são enormes satélites de reconhecimento fotográfico, os Big Birds (grandes pássaros).

Nunca foi dada nenhuma informação oficial sobre a delicadeza dos pormenores que permitem a visão a estes satélites, mas é certo que podem ser identificados nas fotografias objectos de menos de quinze centímetros. Alguns Big Birds transportam seis cápsulas que são automaticamente cheias com as películas, e enviadas para terra em intervalos regulares. Elas são apanhadas em voo, durante a descida na atmosfera, por

aviões especialmente equipados. E, sobretudo, os Big Birds voam baixo: em média 150 quilómetros, às vezes 130.

Em caso de crise mundial, o prazo necessário para fazer com que um tal satélite, já em órbita, sobrevoe um dado lugar, a fim de enviar as películas para revelação e interpretação, não pode levar menos de dez horas. Podia ir-se mais além utilizando o próprio vaivém como satélite de observação, com a condição de estarem presentes a bordo especialistas que pudessem interpretar aquilo que vêem e transmitir por rádio as suas deduções.

Um tal emprego do vaivém será impossível nos próximos anos, enquanto não houver alguns exemplares que assegurem uma presença contínua no espaço, e que cumpram missões de transporte bem definidas.

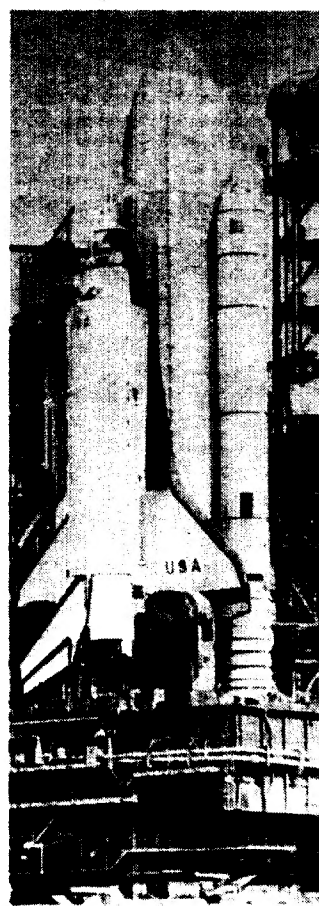
Mas até ao fim do século poderemos ver grandes estações orbitais permanentemente habitadas. Elas serão constantemente visitadas por vaivéns, porque, em caso de acidente, é necessário trazer rapidamente para terra os seus ocupantes. Com astronautas militares treinados para tal tarefa — e já se disse que a criação de um tal corpo de astronautas parece imprescindível — será possível obter em menos de uma hora, informações detalhadas.

«O vaivém aumentará, em ordem de grandeza, a carga que podemos pôr em órbita, em relação aos lançadores possíveis. Como a nossa capacidade de fazer as coisas no espaço é de certo modo proporcional ao peso das cargas transportadas, não há dúvida de que o facto será de uma considerável importância. Mas mais importante ainda é talvez o facto de os homens poderem participar em cada voo orbital. A presença do julgamento humano nas operações feitas em órbita modificará totalmente aquilo que seremos capazes de fazer.» Assim se exprimia em 1979 Hans Mark, secretário das forças aéreas do governo Carter e actual administrador-adjunto da NASA.

O telescópio espacial

Como todos os cientistas, os astrónomos são eternos insatisfeitos, e a longa história dessa disciplina resume-se em poucas palavras: ver melhor, sempre mais longe, para melhor compreender. Depois de ter observado os planetas e os seus satélites-domínio onde ainda há muito para fazer, — as estrelas e a Via Lactea, as galáxias e os seus aglomerados, os pulsares, os quasares e outras singularidades do Universo, ainda querem saber mais e estão, por isso mesmo, sempre à espera do menor progresso técnico susceptível de os fazer avançar um passo, mesmo pequeno.

As técnicas espaciais trouxeram-lhes muito, porque, mesmo que os progressos efectuados nos grandes observatórios terrestres modernos — como por exemplo o European Southern Observatory do Chile, o observatório franco-canadiano de Hawaii, o telescópio soviético de seis metros, de Zelenchuk, no Cáucaso — tenham permitido muitas descobertas, estes instrumentos são limitados pelas condições atmosféricas terrestres. Assim, a comunidade as-



tronómica internacional tem encorajado vivamente a colocação em órbita de um telescópio espacial de grandes dimensões.

Depois de muitos anos de estudos, de discussões, de avaliação das despesas e de arbitragem de orçamentos, o programa foi aceite pela NASA, depois pelo Congresso americano, só com uma leve diminuição de resultados. O espelho do telescópio teria só 2,40 metros de diâmetro, em vez dos 3 metros inicialmente projectados. Estava pois marcado para 1983 um lançamento para o vai-vem americano, único veículo de transporte espacial capaz de transportar uma encomenda com volume de 13 metros de comprimento, mais de 2,40 metros de diâmetro, e 9 toneladas de peso.

Depois, o calendário foi modificado por razões de ordem técnica ou de orçamentos, e a partida só deverá efectuar-se em princípios de 1985.

Que importa! Merece a pena. É certo que os observadores espaciais astronómicos — IUE, OAO, COS-B, etc., — já foram lançados com êxito, mas não tinham as possibilidades nem a duração de vida do futuro telescópio. Com efeito, espera-se utilizá-lo durante anos, e, graças ao vaivém trazê-lo para terra de cinco em cinco anos, a fim de o corrigir e equipar com novos aparelhos que melhor se adaptem às investigações desejadas pela comunidade científica. Entre estes períodos, que levarão mais ou menos um ano, os astronautas do vaivém poderiam efectuar todos os meses, em órbita, operações correntes de manutenção.

Quinze horas por dia

Tanto com o telescópio espacial como com todos os outros pequenos observatórios astronómicos espaciais já lançados, os astrónomos disporão de condições de observação incomparáveis, e isso por três razões. A primeira porque, ao sair da atmosfera libertam-se dos fenómenos de turbulência que confundem as imagens e limi-

tam o poder dos aparelhos de observação terrestre (alguns segundos de arco). A segunda porque em órbita fica-se liberto da luminosidade parasita do fundo do céu devida à luminescência residual da alta atmosfera. A terceira, finalmente, porque a atmosfera absorve certos comprimentos de onda — ultravioleta e infravermelho — que se tornam acessíveis do espaço.

A essas vantagens, de que beneficiam todos os observatórios espaciais, juntam-se outras, específicas, do telescópio espacial. Assim, este instrumento deve permitir, graças ao seu importante poder de resolução — de um décimo a alguns centímetros de segundo de arco — estudar astros cinquenta vezes mais fracos do que os que são observados do solo. Por outro lado, estando ao abrigo das más condições meteorológicas — chuva, nuvens, turbulências, alternância dos dias e das noites, — ele oferece aos astrónomos a possibilidade de uma observação, não vinte e quatro horas em vinte e quatro, mas, pelo menos, quinze horas por dia, e isto, trezentos e sessenta e cinco dias por ano. É considerável, se o compararmos ao telescópio franco-canadiano do Hawaii: duzentas e cinquenta noites, no máximo. Trabalhará, enfim, numa larga banda espectral, cobrindo com uma óptica standard um domínio de comprimento de onda que vai de 1000 a 10000 angstroms.

Em tais condições não será o telescópio espacial a panaceia com que sonham todos os astrónomos? Infelizmente não. A medalha tem o seu reverso e os êxitos obtidos em órbita custam alguns inconvenientes que ainda consentem longos dias de trabalho aos instrumentos terrestres, dos quais é complemento. Antes de mais no plano científico, na medida em que o telescópio espacial é dotado de um campo relativamente fraco: com efeito, é apenas um instrumento de descoberta do que um instrumento de precisão destinado a observar em pormenor pequenas porções de céu antecipadamente escolhidas. Em seguida no plano financeiro. É certo que todo o programa espacial é caro. 700 a 750 milhões de dólares, que em parte também é pago pelos europeus.

Câmara europeia

Se o telescópio é americano, a Agência espacial europeia (ESA) participa financeiramente em 15% da sua construção e beneficia, em contrapartida, de uma percentagem de tempo de observação equivalente. Os seus industriais foram, com efeito, encarregados de realizar um dos aparelhos instalados no instrumento: a câmara conhecida pela sigla FOC. Em associação com os outros quatro aparelhos do telescópio — uma câmara de grande amplitude, um espectrógrafo para objectos fracos, um fotómetro e um espectrógrafo de alta resolução —, essa câmara permitirá descobertas espantosas, de tal modo é certo, segundo a comunidade científica, «que não há sector da astronomia que não possa, com este novo utensílio, esperar um grande aumento nos seus conhecimentos».

De facto, os temas de interesse serão demasiado numero-

sos para as possibilidades reais da observação do instrumento. A escolha cabe aos comités científicos.

Um laboratório em órbita

Os soviéticos têm as suas estações Saliut, onde equipas de astronautas chegam a passar seis meses, entregando-se a numerosas experiências para desenvolver a utilização do espaço. Os americanos tinham lançado o laboratório orbital Skylab, mas essa experiência não teve sequência e, desde o regresso da terceira equipagem do Skylab, em 1974, só a URSS continuou a experimentação espacial. No Verão de 1983 esse «monopólio» deverá cessar.

O vaivém espacial levará pela primeira vez o laboratório Spacelab, construído pelos países do Velho Continente sob a égide da Agência Espacial Europeia (ESA), e pô-lo-á em órbita. A fim de comemorar esta cooperação o voo inaugural será dividido entre a NASA e a ESA, escolhendo cada agência metade das experiências e levando a bordo o seu astronauta. Depois o Spacelab pertencerá à NASA que alugará a sua capacidade de experimentação aos utentes interessados. Há várias missões previstas. Depois do voo inaugural haverá uma segunda missão sobre a física do ambiente da Terra e sobre a astronomia. A terceira missão deveria depois comportar principalmente experiências de biologia e de física dos materiais. Por outro lado, a RFA, que financiou o Spacelab em mais de 50%, alugou-o para uma missão completa.

O Spacelab é um laboratório modular, cuja configuração pode ser mudada de uma missão para outra. Alguns elementos são módulos habitáveis, cilindros que se juntam uns aos outros para constituir uma câmara onde os astronautas podem estar e trabalhar. Outros elementos são paletas onde se colocam aparelhos directamente expostos ao vazio intersideral — a paleta serve de suporte, fornecendo a alimentação eléctrica e permitindo a evacuação do calor. Há um amplo leque de experiências possíveis: astronomia, física solar, estudos da alta atmosfera e do meio interplanetário, observação da Terra e meteorologia, fabrico de materiais e crescimento de cristais fora a força da gravidade, biologia, farmacologia, medicina...

Mas o essencial é que estas experiências podem ser efectuadas no espaço pelos próprios investigadores que os prepararam: com efeito, o vaivém espacial tem condições de voo muito menos cansativas do que as cabines Apollo ou Soyuz. Não será pois difícil encontrar, entre os investigadores, bons candidatos, capazes de realizar as experiências no Spacelab, e interpretar ou corrigir, eventualmente, o funcionamento dos aparelhos. Como a duração das primeiras missões do Spacelab será de sete dias, a competência científica será um trunfo importante. Durante o último voo Apollo para a Lua, um dos astronautas, Harrison Schmitt, era geólogo. Ele sabia, melhor do que os seus predecessores, escolher as «pedras boas».

Maurice Arvonny e Jean-François Augereau